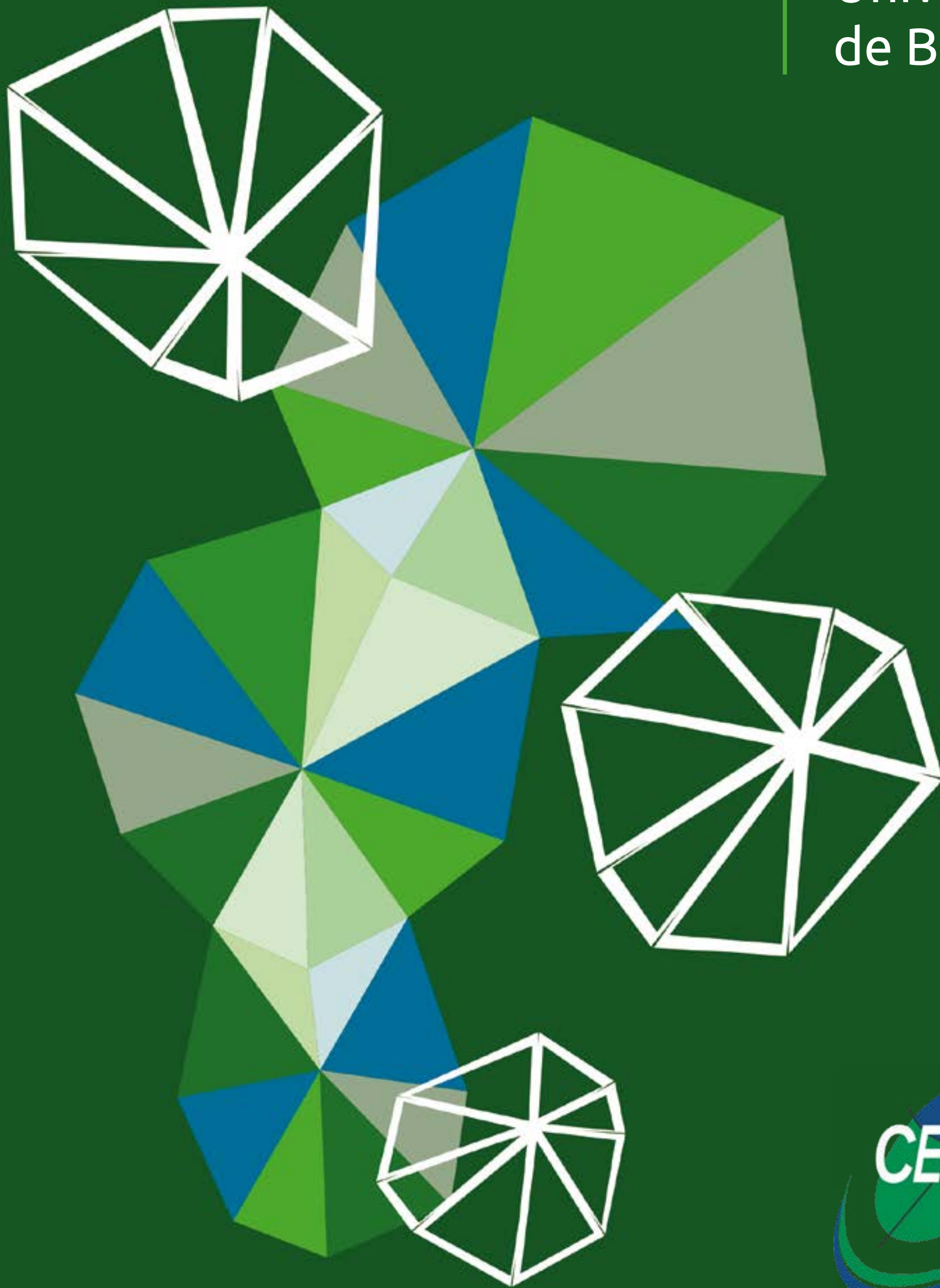


Memórias

E AFETOS

60 Anos da
Universidade
de Brasília



Distribuição gratuita – Venda proibida



Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação
Internacional - PPGDSCI CEAM UnB

Organização

Leides Barroso Azevedo Moura
Marisete Peralta Safons
Nanahira de Rabelo e Sant'Anna
Gabriel Corrêa Borges
Cristina Flores Garcia



UnB 60



UnB

Reitora	Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor	Enrique Huelva
Decano de Assuntos Comunitários	Ileno Izídio da Costa
Diretora de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária	Larissa Polejack Brambatti
Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo (GTESP) – DAC/DASU	Leides Barroso Azevedo Moura Marisete Peralta Safons Albamaría Paulino de Campos Abigailil Desireé Bittencourt Grasielle Silveira Tavares Paulin Maria Cristina Corrêa Lopes Hoffmann Vicente de Paula Faleiros
Equipe Editorial	
Coordenação	Nanahira de Rabelo e Sant'Anna
Diagramação	Ronald Andrade de Albuquerque
Ilustração da Capa	“O céu que não vemos 2”, Ligia de Medeiros
Imagem Interna	“Preciosidades da UnB”, Elda Evelina Vieira

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

M533 Memórias e afetos [recurso eletrônico] : 60 anos da Universidade de Brasília / organização, Leides Barroso Azevedo Moura ... [et al.]. – Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, 2022.
238 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://dasu.unb.br/>>.
ISBN 978-65-998701-0-1.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Idosos - História. 3. Velhice. I. Moura, Leides Barroso Azevedo (org.).

CDU 378.4:613.98

“Minha máquina do tempo é feita
com memória e palavras.
Entrando na memória, eu voou para o passado.
Escrevendo as minhas memórias,
eu levo outros a voar comigo.”

(Rubem Alves)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas idosas que participaram e colaboraram com esta homenagem à Universidade de Brasília. Docentes, discentes, técnico-administrativos e demais pessoas que proporcionaram um vislumbre da riqueza de suas histórias de vida.

Preciosidades da



SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
PREFÁCIO	9
Uma palavra sobre o projeto: “Construindo uma universidade para todas as idades”	10
APRESENTAÇÃO DA OBRA	12
PESSOAS ENTREVISTADAS	14
Adélia Betty Ludovico de Almeida.....	15
Agatha Rita Dorotéia Tavares Guerra	17
Albamaría Paulino de Campos Abigail	20
Alcir Braga Sanches.....	25
Alice Maria Falchetto	28
Ana Lúcia de Castro Teixeira	31
Angela Maria Mugnatto	36
Ângelo Caminha Munhoz.....	39
Arnaldo Carlos Alves.....	41
Carlos Antonio Ribeiro da Silva	43
Carlos Augusto Gonçalves de Moura.....	45
Claudia Maria Assumpção Freire	47
Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira.....	49
Cosette Espindola de Castro.....	56
Cristina Flores Garcia.....	60
Daphne Machado e Cassiano Lemos Barbosa	63
Denise Ferreira da Costa.....	67
Deusdete Lopes Santos	71
Edmar José de Almeida.....	74
Elza Maria de Souza	76
Eunice Maria Lima Soriano de Alencar	80
Eva Teresinha Silveira Faleiros	82
Eva Waisros Pereira.....	88
Fábio Cezar de Oliveira	94

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral.....	98
Hélio Marcos Prates Doyle	101
Homero Luiz Piccolo	104
Ignéz Costa Barbosa Ferreira.....	107
Iran Junqueira de Castro	110
Ivonette Santiago de Almeida	114
Jane Alcanfor Carvalho de Oliveira	126
José do Egito Candeira Marinho Junior.....	130
José Geraldo de Sousa Junior	132
José Mauro Barbosa Ribeiro.....	136
José Walter Nunes	138
Leda Del Caro Paiva	142
Lenora Gandolfi	146
Liana Fortunato Costa	159
Lisane de Meira Lima Gesteira.....	152
Maria Auxiliadora Cesar	157
Maria da Conceição Lucas de Macedo.....	162
Maria Emília Machado Telles Walter.....	165
Maria Inez Machado Telles Walter	169
Maria José dos Santos Rossi	176
Maria Luiza Pinho Pereira	181
Maria Osanette de Medeiros	184
Nelson Fernando Inocencio da Silva.....	187
Noraí Romeu Rocco	191
Olgamir Amancia Ferreira.....	193
Paula de Piratininga Mello	197
Raimundo Nonato Silva.....	200
Ricardo Ajax Dias Kosloski.....	202
Ricardo Flores Garcia.....	206
Roberto Nunes Corrêa	208
Rosa Maria Borges Manzan	210
Sérgio Ulisses Silva Jatobá	213
Umberto Euzebio.....	217
Venício Artur de Lima	220
Vera Lucia Atsuko Suguri	223
Uma palavra em nome da equipe de organizadores.....	232
Sobre os organizadores	233



PREFÁCIO

Márcia Abrahão
REITORA

Este é um livro de perguntas e respostas sobre o lugar da Universidade de Brasília na vida de pessoas que passaram algum tempo por aqui, umas mais, outros menos. A história da UnB afeta trajetórias, transforma biografias. Técnicos, professores e estudantes que tramaram na própria história laços de afeto com a instituição que agora completa 60 anos.

A UnB soube envelhecer, porque soube se reinventar. Tem orgulho do passado, sobre o qual não se cansa de refletir, mas segue adiante de braços dados com as oportunidades do presente e de olho muito atento ao futuro.

O aprendizado de vida da Universidade se confunde com a sabedoria de todos e todas que deixaram ao menos uma gota de suor e outra de felicidade nesses campi espalhados pelo Distrito Federal.

Com a marca do Grupo de Trabalho “Envelhecimento Saudável e Participativo”, da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade (DASU) vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários (DAC) e ao Projeto de Extensão de Ação Contínua “Construindo uma universidade para todas as idades”, este livro é a prova de que a Universidade de Brasília busca oferecer em suas ações contínuas.

Fico muito honrada de estar ao lado, nestas páginas, de tanta gente querida que dedicou e dedica seus esforços diários para o engrandecimento da UnB.

Sigamos em frente para aprender cada vez com a velhice, para fazer desta etapa momento de celebração da alegria de viver, reconhecendo os próprios valores e reverberando no cotidiano o prazer de compartilhar com dignidade e solidariedade o lugar de trabalho e estudos. Viva a UnB, que sabe envelhecer!

PREFÁCIO

**Professor Dr.
Ileno Izídio da Costa**

DECANO DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS

Por algum tempo envelhecer significava estar fora da atualidade quando não da própria dinâmica da vida. A contemporaneidade não comporta mais uma visão excludente de uma das etapas mais ricas do crescimento humano.

Esta publicação, ímpar, afetiva, amorosa e acima de tudo histórica, é verdadeiramente um presente e uma homenagem a este processo de vida de muitas pessoas ímpares de nossa comunidade. Saudamos sua edição como registro dos 60 anos de nossa jovem senhora UnB, porém com a perspectiva mais promissora ainda: de promoção de saúde e engajamento ativo no mundo a nossa volta.

Com emoção, nossa bela senhora Cora Coralina, nossa poeta do cerrado, mais uma vez é certa quando diz:

“Convoco os velhos como eu, ou mais velhos que eu,
para exercerem seus direitos.

Sei que alguém vai ter que me enterrar, mas eu não vou fazer isso comigo.

Tenho consciência de ser autêntica e procuro superar todos os dias minha própria personalidade, despedaçando dentro de mim tudo que é velho e morto, pois lutar é a palavra vibrante que levanta os fracos e determina os fortes.

O importante é semear, produzir milhões de sorrisos de solidariedade e amizade.

Procuro semear otimismo e plantar sementes de paz e justiça.

Digo o que penso, com esperança.

Penso no que faço, com fé. Faço o que devo fazer, com amor.

Eu me esforço para ser cada dia melhor, pois bondade também se aprende.

Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.”

Que quem ler este “singelo livro de exaltação à vida” a partir de nossa Universidade de Brasília, no alto de seus 60 anos, possa decidir exercer plenamente seus direitos e produzir milhões de sorrisos, com otimismo, paz e justiça.

Uma palavra sobre o projeto: “Construindo uma universidade para todas as idades”

A dignidade do envelhecer pode ser institucionalmente celebrada e defendida. Construir a narrativa de uma universidade para todas as idades favorece o preparo de profissionais do cuidado e de toda a comunidade do Distrito Federal para eliminar a discriminação e o silenciamento das necessidades, reivindicações e riquezas das variadas velhices.

O conceito de Universidade Promotora da Saúde (UPS) nasce da percepção de que as Instituições de Ensino Superior exercem papel fundamental na saúde de docentes, discentes, técnicos administrativos, equipes de serviços e também na população das suas cidades.

De acordo com a Carta de Okanagan, um documento basilar aprovado no Congresso Internacional de Universidades Promotoras da Saúde, uma UPS deve ter visão transformadora da saúde e da sustentabilidade da sociedade presente e futura e adotar como parte de sua responsabilidade decifrar as oportunidades de promoção da saúde no cotidiano, propiciar no campus e para além dele uma cultura de valorização da

diversidade geracional, de gênero, raça, na defesa da equidade e da justiça social. Uma UPS se envolve em projetos de transformação de valores societários e busca “fortalecer a comunidade e contribuir para o bem estar das pessoas, lugares e do planeta” (Carta de Okanagan, 2016).

O projeto “Construindo uma universidade para todas as idades” objetiva desenvolver parcerias e ações entre a universidade e os coletivos inteligentes da cidade na promoção do envelhecimento saudável e participativo e desenvolverá atividades de ensino, pesquisa e extensão junto à comunidade acadêmica da UnB, profissionais e estudantes em formação, pessoas idosas, famílias, gestores e ativistas no tema do envelhecimento na universidade e na cidade. Possui um caráter interdisciplinar na sua concepção e está articulado aos trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho “Envelhecimento Saudável e Participativo” da Diretoria de Atenção à Saúde da Comunidade (DASU) vinculada ao Decanato de Assuntos Comunitários e ao Programa de Extensão “Envelhecimento Saudável e Participativo com Cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde”.

As atividades do projeto se organizam segundo as ações estabelecidas pela Política Nacional da Pessoa Idosa, Estatuto da Pessoa Idosa, Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e Política Distrital da Pessoa Idosa.

Leides Barroso Azevedo Moura

Coordenadora do Projeto de Extensão PEAC ENF-FS

“Construindo uma universidade para todas as idades”



APRESENTAÇÃO DA OBRA

Existem histórias que nos inspiram. Quais são elas? Quem são as pessoas que compõem o quadro de nossas vidas? O que vamos aprendendo e ensinando nesse caminhar?

Queremos resgatar um pouco da história de quem esteve e está envolvida com a Universidade de Brasília (UnB).

É motivo de imenso prazer apresentar à nossa comunidade esta obra inédita na breve história de 60 anos da UnB, a voz de pessoas idosas que construíram e seguem construindo as bases da formação de cidadãos éticos.

Como homenagem mútua, em pequenas e grandes ações, vamos trocando conhecimento e afetos para construir uma Universidade Promotora da Saúde (UPS).

Registramos aqui nossa gratidão pela confiança depositada pelos participantes desta homenagem ao concordarem em apresentar uma parte da síntese da própria vida. Uma homenagem de pessoas comprometidas com a causa da educação pública e a construção de uma sociedade mais justa e de uma universidade emancipadora. Ao registrarem suas memórias, mais uma vez essas pessoas oferecem a dádiva da vida e prestam serviço ao conhecimento, à história dos afetos e aos sonhos e ideários de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

**Agradecemos a valiosa contribuição
de cada pessoa presente neste livro digital.**

Organizadores

Leides Barroso Azevedo Moura

Marisete Peralta Safons

Nanahira de Rabelo e Sant'Anna

Gabriel Corrêa Borges

Cristina Flores Garcia





PESSOAS
ENTREVISTADAS



Adélia Betty
Ludovico de Almeida

64 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Trabalhei na UnB por muitos anos na área administrativa, entrei em 1995. Atuei no setor de recursos humanos, na avaliação e capacitação dos servidores.

O que a UnB representa na sua história?

Muito aprendizado e desenvolvimento profissional.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho me dedicado a interesses pessoais e familiares.

Você tem algum hobby?

Leitura, piano, idiomas.

Qual seu projeto de vida?

Desenvolvimento pessoal.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Envelhecer não é fácil na nossa cultura, que valoriza tanto a juventude, mas pode ser uma fase boa, se soubermos tirar o melhor proveito dela, investindo em qualidade de vida.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas e gerações?

A busca constante por desenvolvimento pessoal.



Agatha Rita
Dorotéia Tavares
Guerra

61 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em 19 de abril de 1979, aos 18 anos. Quase que por acaso, por indicação de um primo mais velho, eu e uma prima resolvemos fazer o concurso para técnico-administrativo para ingressar na UnB. Ambas passamos. Ela ficou poucos anos na Universidade e eu continuei até hoje.

O que a UnB representa na sua história?

Após 43 anos, recém completados na UnB, minha história se confunde com os momentos vivenciados pela instituição!

Cresci profissionalmente e academicamente dentro da UnB, vivenciei momentos críticos de uma ditadura ainda latente, dentre outras coisas, onde não era permitido, sequer, aos técnicos estudarem na própria Universidade! Fui espectadora da abertura que nos permitiu sonhar um futuro melhor e, principalmente, a não nos furtar do nosso

protagonismo dentro dessa Instituição e, quiçá, da História! Participei ativamente da eleição da primeira mulher eleita como Reitora da UnB. Fiz amigas(os) queridas(os) dentro da Instituição, os quais me acompanham até hoje.

A UnB faz parte da minha história e trajetória, não poderia ser diferente, quando se gosta do local onde você trabalha e passa a maior parte de seu tempo! Eu costumava dizer que a UnB era uma espécie de “meu parque de diversão”! Talvez por unir o útil ao agradável...

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Atualmente sou Assessora Técnica da Ouvidoria da UnB. Continuou na ativa. Jogo esgrima, pedalo, tenho um grupo de amigos(as) de longa data, vou a festas/shows/bares/restaurantes, viajo bastante e sempre promovo algum evento para receber amigos e parentes queridos na minha casa.

Você tem algum hobby?

Esgrima, bicicleta, filmes, decoração de interiores.

Qual seu projeto de vida?

Quando eu me aposentar, pretendo continuar fazendo tudo aquilo que sempre me deu prazer, e para além disso tenho perspectiva de fazer o curso e atuar como técnica em design de interiores, continuar elaborando festas temáticas para parentes/amigos, experimentar outros tipos de atividades físicas (canoagem, arco e flecha etc.) respeitando-se as limitações físicas decorrentes da idade.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Apesar dos percalços ocasionados pelo envelhecimento no quesito físico, os aprendizados/saberes adquiridos durante os anos vividos nos permitem avaliar, com maior segurança, aquilo que melhor nos apeetece, tanto na vida familiar, quanto na vida profissional.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A importância da prática de um esporte; ter um grupo de amigos fiéis; tentar trabalhar com o que/quem você gosta; ter um espírito livre; descobrir lugares/sabores; ser otimista e, sobretudo, acompanhar as mudanças que ocorrem no seu tempo. Mas nunca se esquecer de que “a vida é real e de viés”!

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Desejo que a UnB continue a ser um local aprazível tanto para a aprendizagem/ensino como para os servidores técnicos que por lá estão, passarão e até ficarão longos períodos de suas vidas!



Albamaría Paulino de Campos Abigail

67 anos | Em exercício profissional, aposentadoria, atividades voluntárias, outras atividades

Como você entra na história da UnB?

Entrei em 1985, no primeiro curso de Especialização em Política Social, e no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociais (NEPPOS), cuja coordenadora e orientadora foi a professora doutora Potyara Amazoneida Pereira. Atualmente, permaneço no NEPPOS/CEAM/UnB até então, na linha de pesquisa “Envelhecimento, Estado e Política Social”. Em 2018, fiz o mestrado em Política Social e, em 2022, terminarei meu doutorado. Todos os meus estudos na UnB estão relacionados a desigualdade social, política social e desafios do processo de envelhecimento. Durante certo período, fui orientadora de estágio de campo de alunos que cursavam Serviço Social e faziam estágio nas cidades satélites do Gama, Taguatinga, Areal, vinculados aos Serviços e Programas da Legião Brasileira de Assistência Social, e depois na Secretaria de Estado de Assistência Social do Ministério de Previdência e Assistência Social (MPAS). Atualmente continuo na UnB e integro o NEPPOS e o Grupo

de Trabalho (GT) Envelhecimento Saudável e Participativo, coordenado pela professora doutora Leides Moura. Participo de inúmeras palestras levando a experiência, estudos, pesquisas e trabalhos da UnB na defesa de direitos das pessoas idosas e das demais gerações, bem como integro grupos de estudos coordenado pela professora doutora Camila Pereira, que também é minha orientadora.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB representa o contato privilegiado com o ensino, pesquisa e extensão no campo da Educação. Possibilita todo o acesso ao conhecimento, subsidia e fornecer a troca intergeracional para o processo de educação e trabalho, pesquisa e ciência no sentido de dar segurança para o exercício profissional e a continuidade dos estudos mesmo na minha velhice continuar atuando face aos desafios que o nosso país nos impõe, para garantia de direitos humanos e cidadania a nós e a população com quem atuamos bem como a questão da relação com o meio ambiente e as cidades.

A UnB possibilita o exercício da cidadania no curso da vida, incluindo o processo de envelhecimento como processo de educação continuada. Gratidão e privilégio poder estar na UnB.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Estudo, trabalho, integro fóruns distrital, nacional e movimentos sociais de defesa de direitos das pessoas idosas. Escrevo artigos, participo de pesquisas, participo de conferências, lives na área de Políticas Sociais e Envelhecimento. Em necessidades eventuais, sou cuidadora familiar e informal. Estudo e leio muito. Participo de lives de pessoas idosas. Integro grupos de estudos na área de Políticas Sociais e Envelhecimento.

Você tem algum hobby?

Estudos e pesquisa.

Qual seu projeto de vida?

Trabalhar, estudar, ser uma pessoa melhor a cada dia para minha família, filhos, amigos e população que eu trabalho. Atuar diuturnamente pela defesa de direitos das pessoas idosas e demais gerações. Estudar para ter conhecimento no sentido de atuar face aos desafios que o mundo atual nos impõe: desigualdade, violência estrutural, diminuição do Estado Social, desestruturação da Seguridade Social.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que o envelhecimento é um processo construído durante o curso da vida. Possibilita a luta, as resistências, a experiência para transpor crises, a educação continuada, a integração intergeracional, e principalmente várias formas de amor, solidariedade, cuidados diferenciados entre os seres humanos e a natureza. Possibilita ainda a convivência ampliada, a resiliência para transpor os limites impostos pela ditadura e desigualdades do sistema capitalista. É uma fase construída com luta, amor e resiliência no curso da vida. Traz muitas memórias afetivas e várias idades em uma só!

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Os desafios estabelecidos enquanto servidora pública (44 anos) e pesquisadora, comprometida com o Estado de Bem-Estar Social e

Direitos Humanos, para contribuir para conquista, implementação e efetivação das legislações e políticas sociais no âmbito da federação brasileira, em estreita parceria com a sociedade civil. Os desafios enquanto profissional e cidadã. A perspectiva da necessidade da educação continuada, do compromisso com a ciência, com a educação, com a população, para atuar com ética e cidadania sem se deixar corromper pelo sistema opressor e desigual (capitalismo, neoliberalismo, neoconservadorismo) e não perder os sonhos, a utopia e a esperança. Que sua família, a sua escola, o seu trabalho se não for tão precarizado, seus amigos, seus mestres e a população são as suas maiores riquezas. Manter a fé e a espiritualidade no curso da vida, sem perder o contato com a ciência e a educação.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Gratidão aos professores, amigos da UnB com quem tenho o privilégio de aprender e conviver.





Carta de
Albamaría Paulino
de Campos Abigail

A Universidade de Brasília,

No seu aniversário de sessenta anos, a parabeneizo por manter-se todo esse tempo como referência histórica de luta e resiliência, na edificação do tripé da educação superior: Ensino, pesquisa e extensão.

Atravessou, com altivez, a ditadura, a república, a redemocratização e agora na luta pela preservação da democracia, ora ameaçada.

UNB, você nos ensina que a ciência, a educação e o respeito aos Direitos Humanos constituem direito social inalienável, independente de gênero, raça, etnia e classe social.

Inquieto e privilegiado! Grande desafio!

Aos sessenta e sete anos sou discente e você minha mestra no caminho da vida e do trabalho. Você trabalha com o processo educativo emancipatório e eu nunca me afastei dos seus fanóis, que nos alimentam com a luz do ensino, pesquisa e ação.

Nesse sentido, UNB, você entende o envelhecimento como processo educativo no curso da vida, com acesso a igualdade e justiça social, além de combater qualquer forma de violência estrutural e institucional.

Lado a lado, construímos juntas o processo de participação na conquista da legislação de defesa de direitos por atuação de seu corpo docente, da população e dos discentes.

Gratidão, UNB, por atuar diretamente na edificação de uma civilização mais humana e igualitária, por meio da ciência e educação.

Albamaría P. de C. Abigail
BSB, maio de 2022.



Alcir Braga Sanches

75 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Por intermédio de concurso público em 1974.

O que a UnB representa na sua história?

Toda a minha carreira profissional foi construída na UnB. Foram 41 anos de convivência acadêmica e administrativa. Envelhecemos juntos. Quando cheguei, eu era adulto jovem e a UnB uma adolescente com 14 anos de idade. A UnB é um marco inesquecível da minha vida.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

No momento vivo uma rotina saudável cuidando da saúde com lazer, viagem, atividade física e acompanhando as transmissões e programas culturais e esportivos.

Você tem algum hobby?

Assistir programas e competições esportivas.

Qual seu projeto de vida?

Viver ao lado de pessoas queridas, como filhos, parentes e amigos.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

O processo de envelhecimento acumula experiências e conteúdos que formam a base da sabedoria.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Aproveite cada fase da vida. Cada uma é única e especial. Jamais será vivida novamente.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Para viver muito de forma participativa na sociedade, é preciso se manter bem informado culturalmente, substituindo referências que se perdem por outras. Assim, continuamos enturmados com todas as idades.



60 anos da UnB

Comemoramos em 2022 os 60 anos da Universidade de Brasília.

Como instituição de ensino, pesquisa e extensão, por sua função social se eterniza e está apenas engatinhando.

Tive a oportunidade de acompanhar a partir de 1974, como professor do então Departamento de Educação Física que depois se transformou na Faculdade de Educação Física, em 1997, um período de evolução institucional.

Na UnB houve um grande desenvolvimento das atividades fins através do aumento da produção acadêmica e científica com destaque internacional.

Vale ressaltar, também, a contribuição da Universidade na transformação do país, através da participação do seu corpo docente, discente e técnico administrativo em manifestações políticas que muitas das vezes produziram conflitos com os regimes autoritários, interno e externo, reinantes em nosso país. Custou caro, mas valeu.

Esse engajamento político da Comunidade UnB ajudou a transformar a ditadura militar, instalada no Brasil, em 1964, numa democracia, a partir de 1985.

Já a Educação Física evoluiu de uma área de características predominantemente extensionista para uma abrangência maior nas atividades fins da universidade, ou seja, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse sentido, o corpo docente qualificou-se e, com a chegada de mais professores doutores, o envolvimento em ensino e pesquisa tornou-se mais sólido.

O espaço físico também se modificou com a criação de laboratórios, fundamentais para o desenvolvimento de projetos de pesquisa.

Em linhas gerais, foi assim que nossa querida UnB chegou aos 60 anos e a Educação Física está prestes a alcançar seus 50 anos de existência.



**Alice Maria
Falchetto**

64 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em 1995, por concurso. Cheguei ao Gabinete do Reitor e achei muito estranho não ter máquina de somar em cima das mesas (rsrs). Eu poderia ter me aposentado, mas não me aposentei. Em 2012, fui para a área acadêmica, que acho interessantíssima, porque você vê a pessoa que entra na graduação toda perdida, vai fazer um mestrado, um doutorado e já sai formado. É gratificante ver o começo, o meio e o fim dessa caminhada.

O que a UnB representa na sua história?

Vida, gratidão, aprendizado, alegria, energia...

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Ainda trabalho na UnB.

Você tem algum hobby?

Com o trabalho remoto: ginástica no Bosque do Sudoeste.

Qual seu projeto de vida?

Cuidar da mente e físico para usufruir mais a cada dia.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Aproveite o seu dia, pois ele tem muito a te oferecer.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Ser uma pessoa grata.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Algo que me deixa muito chateada na universidade é o fato de o CESPE/ CEBRASPE não ser mais da UnB. Isso me incomoda demais, porque o know-how foi todo da UnB. Eu não sei o que houve, mas, ao menos, deixamos um legado.

Uma aposentada que quiser participar da UnB, ir à palestra do professor X ou qualquer outro, é uma terapia para qualquer idade. Os novos estão aprendendo, e as pessoas de idade? Elas têm a oportunidade, se quiserem, de conhecer, ouvir, expandir seu conhecimento nessas atividades que a universidade oferece. Você fica com outra energia.

São tantos laboratórios que a UnB tem, que poderia ser produzido um filme para toda a Universidade conhecer. É muito lindo. Eu que trabalho lá, quase não conheço nada; quem é de fora, então, nem sabe que existe isso. Por exemplo, há o museu de Geociências, que é pouco conhecido.





Ana Lúcia de Castro Teixeira

66 anos | Aposentadoria
Atividades Voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Passei no primeiro vestibular para Biologia em 1972. Mudei para Comunicação em outro vestibular em 1974. Vivi a censura, as perseguições aos alunos e professores, tive amigos presos e também passei um dia na cadeia quando o capitão reitor mandou prender mais de 600 alunos em uma manifestação. Foi a UnB que me deu instrumentos para entender as desigualdades. Onde aprendi a me indignar.

Participei do Grupo de Saúde Comunitária, cujas discussões nacionais me deram subsídios para defender a saúde pública. Não tinha apenas alunos da Saúde mas de todas as áreas, o que enriquecia os estudos. No Centro Olímpico, descobri minha capacidade de correr, tomei sol, namorei e fiz amigos. Era nosso clube em fins de semana e feriados. A biblioteca, apesar da censura aos livros, acolhia os grupos de estudos e emprestava livros do currículo. Muita gente jamais poderia pagar por eles. Tive lá acesso a revistas de todo tipo.

Apesar da ditadura, tive uma formação bacana que me permitiu criar meus filhos na profissão de jornalista. Não consegui concluir o mestrado, mas fiz vários cursos de especialização na UnB. Foi onde meus pais voltaram a estudar e meus filhos também e há anos sigo o programa do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos (GEPAFI da Faculdade de Educação Física) coordenado pela Professora Marisete Safons, que ajudo a divulgar e para onde levo os amigos 60+.

O que a UnB representa na sua história?

Sou grata à visão de mundo que a UnB me permitiu construir. As experiências de ouvir palestras inspiradoras, como de César Lattes e tantos cientistas e intelectuais que frequentam o campus. Tento, na medida do possível, dar retorno ao que recebi gratuitamente, participando de pesquisas como voluntária. Por exemplo, na pesquisa sobre quedas em idosos no DF. Pelo mesmo motivo, sou voluntária em diversas pesquisas de universidades públicas em outros estados. Atualmente estou no treino cognitivo da Psicologia. Já fui paciente do Centro de Medicina do Idoso. E fui aluna da Uniser. Também fiz diversos cursos de cuidador promovidos pela Liga de Geriatria e Gerontologia. Sempre que posso, acompanho pré-bancas de mestrado e doutorado e me disponho a conversar com alunos das áreas de saúde sobre envelhecimento, demência, e temas ligados ao cuidar.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho focado no autocuidado que andei descuidando enquanto fui cuidadora da minha mãe em tempo integral. Eliminei o excesso de atividades voluntárias e seleciono bastante minhas demandas. Faço atividade física, terapia, participo do coletivo Filhas da Mãe que ajudei a criar, tento ajudar outras cuidadoras em seus desafios diários, participo intensamente da vida dos netos, mantenho contato com amigos

de infância, juventude e trabalho. E me orgulho de fazer novos amigos mesmo após os 60. Com diagnóstico de comprometimento cognitivo leve, perdi diversas habilidades, entre elas a leitura de livros, o que me entristece. Mas graças ao apoio da minha médica e da minha terapeuta e do meu esforço, venho voltando a escrever. Seja no Blog do coletivo, nas redes sociais e até aqui para responder a esse questionário. Há meses seria impossível.

Você tem algum hobby?

Cozinhar.

Qual seu projeto de vida?

Cuidar bem de mim, recuperar a confiança para produzir bolos e complementar minha renda que tem sido insuficiente para me manter, continuar disponível para as pessoas que precisam de apoio e acolhimento, em retribuição às inúmeras que me deram esse suporte, aprender sempre, ser uma avó cada vez mais legal, amiga leal, mãe bacana e continuar me sentindo bem na minha pele para poder envelhecer sem mágoas nem arrependimentos.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que envelhecemos a partir do que fomos na infância, na juventude e na vida adulta. Que a construção dos valores e do nosso legado se dá na partilha de experiências, aprendizados, erros e acertos. Que é importante e rico manter elos com nossas tribos de escola primária, vizinhança, ginásio, universidade, trabalho, igreja, academia. Dos filhos de amigos dos nossos pais aos pais dos netos, os relacionamentos e trocas nos fazem mais humanos e empáticos. E certamente mais interessantes e divertidos. Tornar-se

uma boa companhia na velhice para gente de todas as idades é uma construção bacana e demanda tempo, coragem e entrega.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Investir no conhecimento é a nossa maior riqueza. Não só no conhecimento formal e acadêmico. Mas também entender, ou tentar entender as mudanças do mundo. Acompanhar a cultura, a política, a tecnologia. Manter o interesse pelas artes, literatura, cinema, teatro, dança, cultura popular e também a política. Aprender sempre e tentar compartilhar nossos aprendizados nos faz pessoas melhores e mais interessantes.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Feliz da cidade que tem uma Universidade como a de Brasília. A UnB formou gerações de profissionais diferenciados, comprometidos, na maioria, com a ciência e com o respeito ao conhecimento. A UnB foi e é referência para a Asa Norte e quando a expandiu para as outras cidades fez a diferença. Acho emocionante visitar o Campus de Ceilândia, por exemplo.



Carta de
Ana Lúcia
de Castro Teixeira

A HISTÓRIA DA UNB É A HISTÓRIA DE
BRASILIA, É SEMPRE UMA EMOCÃO
PISAR NO CAMPUS DA ASA NORTE OU
DAS OUTRAS CIDADES. A UNB ORGULHA
O PAÍS. FEZ E FAZ PARTE DA
MINHA VIDA. QUE VENHAM OUTROS 60,
100 ANOS E MUITO MAIS!

Ana Lúcia
05/2021



**Angela Maria
Mugnatto**

75 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em 1966, quando mudei de Uberlândia para assumir minha vaga em medicina na UnB. Ao chegar aqui em Brasília, olhei para a cidade e me perguntei: “o que eu estou fazendo aqui sozinha?” Fui então para a universidade e foi ali que tudo começou. Em 1995, iniciei na UnB o meu mestrado em Psicologia do Desenvolvimento, ficando como voluntária por mais alguns anos em um laboratório de Psicologia da Universidade. Anos mais tarde, eu participei de atividades na UnB como aulas de inglês, coral italiano e participei do Canto Coletivo Improvisado.

O que a UnB representa na sua história?

Eu só faço parte de Brasília porque a UnB me levou a ela. Eu não consigo sair da UnB e ela não consegue sair de mim. Costumo dizer igual a um antigo reitor da Universidade: eu tenho o DNA da UnB.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho continuado meu estudo sobre dança após finalizar minha graduação. Faço aulas de balé, pratico dança, curto o tempo com minhas netas, estudo violoncelo, entre outras atividades.

Você tem algum hobby?

Ficar com minha família, estudar violoncelo, estudar sobre dança e dançar. Também faço balé.

Qual seu projeto de vida?

Continuar com minhas viagens, com o cuidado com as minhas netas. Tenho a intenção de entrar na Escola de Música de Brasília para estudar violoncelo e iniciar um projeto de dança com idosos, gostaria de lecionar aulas de dança com esse grupo.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

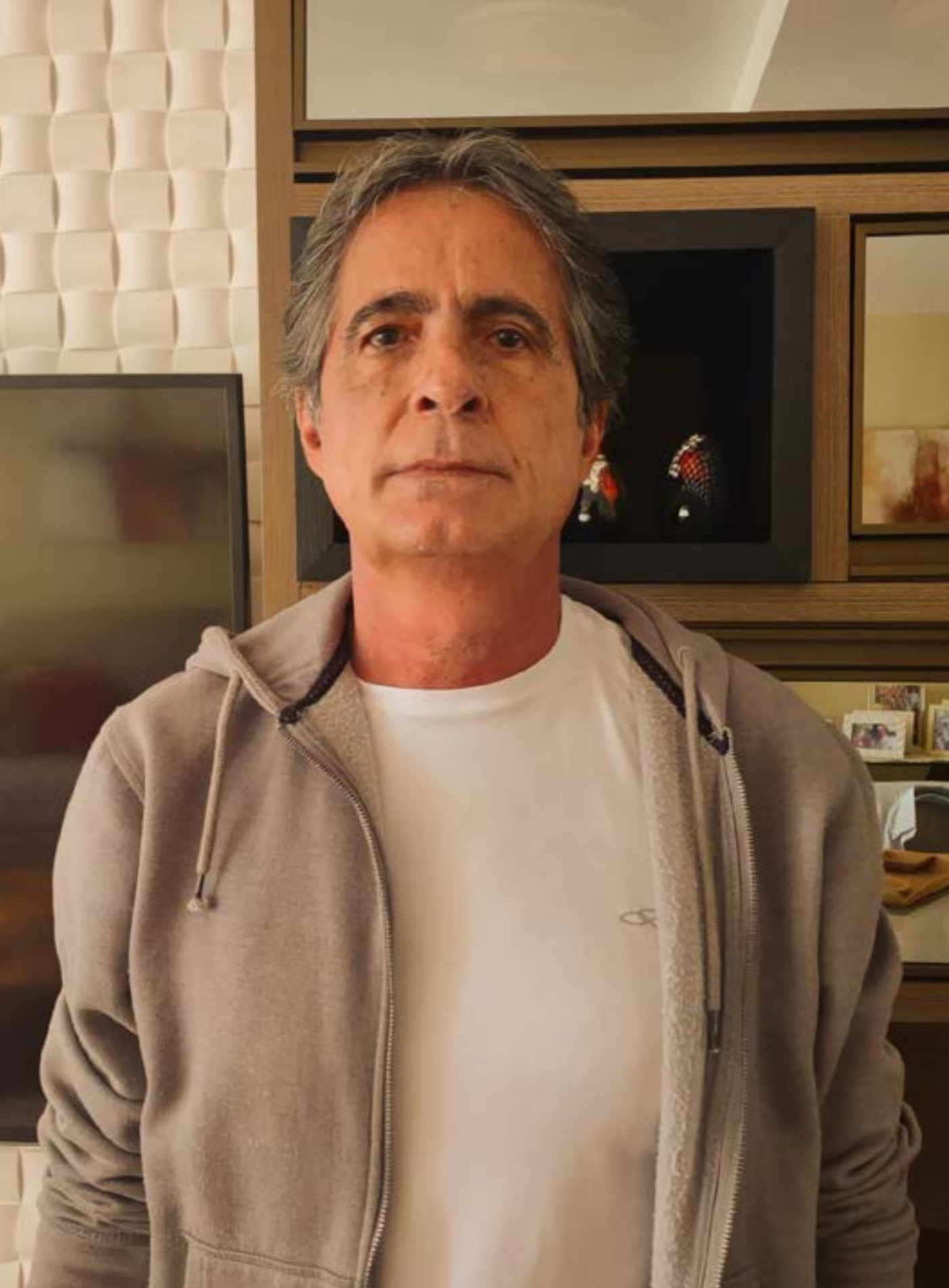
O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

O importante é não parar, independentemente da idade. Sempre é bom estar com algum projeto ou planos em vista. Temos também que nos cuidar, principalmente em relação ao cuidado preventivo, para evitar adoecer.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Fazer aquilo que gosta. Eu, por exemplo, amo dançar. Quando danço, eu me conecto com a dança, esqueço dos problemas, pois a dança está dentro da gente. Com ela, eu posso expressar o que estou sentindo. Eu costumo dizer que a Medicina é meu amor é a dança é minha paixão. Então busque saber e fazer aquilo que você gosta e se identifica.

Um outro aprendizado que tive com minha irmã e gostaria de repassar é de aproveitar a vida e fazer o que se tem vontade de fazer!



Ângelo
Caminha Munhoz
62 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em 1978, como programador de computador no Centro de Processamento de Dados – CPD/UnB.

O que a UnB representa na sua história?

Toda trajetória profissional permeada com aquisição de conhecimento, valores morais e relacionamento de amizade com meus pares.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Ainda estou em atividade laboral, alocado na Editora Universidade de Brasília.

Você tem algum hobby?

Leitura (clássicos de literatura) e ciclismo.

Qual seu projeto de vida?

Viver de forma íntegra e digna (materialmente, fisicamente, mentalmente e espiritualmente), buscando sempre ajudar o próximo.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

É possível envelhecer com felicidade e vivermos uma bela velhice.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

“A vida é curta, mas não pode ser pequena”.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

A Editora da UnB foi criada em 1962, ela também está completando 60 anos em 2022.

Um fato que muito me marcou nessa minha trajetória na UnB foi um discurso do Darcy Ribeiro falando que a UnB, logo depois que passou para os militares, tinha sido “a filha dele que se perdeu”. Foi no teatro de arena, estava lotado, eu tive a oportunidade de me aproximar dele e dar a mão ao Darcy Ribeiro, ele me cumprimentou e essa lembrança me emociona até hoje. Ele foi o artífice da UnB.



Arnaldo
Carlos Alves
62 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Como Servidor. Sou muito grato à UnB por tudo que fiz. Sou UnB.

O que a UnB representa na sua história?

Praticamente toda minha vida profissional.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Após a aposentadoria, iniciei um processo de consultoria como empreendedor de administração acadêmica.

Você tem algum hobby?

Futebol e música.

Qual seu projeto de vida?

Atualmente penso em cuidar da minha saúde. Tive muitos problemas de saúde e deixei para segundo plano.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Toda experiência é bem-vinda.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Nunca desistir e sempre acreditar em você mesmo.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

A UnB deveria dar mais atenção aos ex-servidores, inclusive docentes e discentes, com ferramenta de facilitar a vida dessas pessoas que se dedicaram à UnB, seja profissional ou academicamente.

Carlos Antonio Ribeiro da Silva

62 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Entro no ano de 1979, ainda no regime militar, e entro na história da UnB como servidor.

O que a UnB representa na sua história?

Tudo, porque foi o meu primeiro emprego, crescimento como ser humano, onde vou me aposentar.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Fiz graduação e terminei de fazer mestrado.

Você tem algum hobby?

Cinema, leitura.

Qual seu projeto de vida?

Aposentar e morar numa cidade pequena.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Viver cada dia como se fosse o último. Porque é tão rápido o processo de envelhecer, principalmente com saúde. Também em um país que não valoriza os seus idosos. Para mim, é um privilégio chegar aos 61 anos.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Viver sem prejudicar o próximo.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Parabéns UnB, você tão maltratada e tão incompreendida, conseguiu chegar no presente com todas as dificuldades. Pode entrar governo com diferentes ideias, mas você está com o pilar forte e definido.



**Carlos Augusto
Gonçalves de Moura**
63 anos | Atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

1977. Primeiro vestibular.

O que a UnB representa na sua história?

Uma etapa de profundo, rápido e intenso amadurecimento. A consolidação do eu como cidadão, homem e profissional.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Lido em profusão, praticado esportes e prestado serviços voluntários no âmbito da justiça.

Você tem algum hobby?

Xadrez.

Qual seu projeto de vida?

Aperfeiçoar-me a cada dia. Vivendo com leveza e satisfação os dias que se descortinam.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Inexorável. Contra o inexorável, nada há a fazer. Viver cada dia por vez. Cada hora e minuto estando presente ao momento vivido.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Não sou pretensioso o bastante para crer que algo por mim apreendido seja merecedor de transmissão a outros.

Claudia Maria

Assumpção Freire

61 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Entrei em 1979, no curso de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Eu me formei em 1984.

O que a UnB representa na sua história?

Representa uma fase importante que me trouxe muitas experiências, vivências e conhecimentos.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sou aposentada. Com a pandemia permaneço em casa, lendo, vendo programas jornalísticos e lúdicos e cuidando de casa.

Você tem algum hobby?

Leitura e escrita.

Qual seu projeto de vida?

Não sei. Nunca tive. Mas posso dizer, talvez, jamais deixar de obter conhecimento.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Diria que aprender, conhecer e transformar não tem idade.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Que é essencial nos mantermos aprendizes e transformadores.



Clélia Maria de Sousa Ferreira Parreira

63 anos | Em exercício profissional
IN MEMORIAN*

Como você entra na história da UnB?

Entrei na história da UnB antes de começar a graduação. Na década de 1980, fui contratada pela ASFUB (Associação dos Servidores da Fundação Universidade de Brasília) para trabalhar como secretária no Programa Infanto-Juvenil (PIJ), recém criado, e passava o dia no Campus Darcy Ribeiro, em contato direto com servidores e docentes (que tinham filhos matriculados), além de conviver com estudantes de distintas áreas (que faziam atividades práticas de disciplinas ou projetos de extensão e pesquisa por lá). Na sequência, fiz graduação (Pedagogia), mestrado (Educação) e doutorado (Psicologia). Durante esse período em que me qualificava academicamente, e antes de ser aprovada no concurso que prestei para docente na Faculdade de Ceilândia (FCE) – criada como um dos novos campi da UnB, em 2008 – já havia sido auxiliar de pesquisa na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em seu primeiro acordo de cooperação com a Universidade; auxiliar de pesquisa no recém criado Centro de Avaliação Institucional

(CAI/UnB); professora substituta na Faculdade de Educação (FE) e na Faculdade de Ciências da Saúde (FS). Sempre estive, de uma maneira ou de outra, envolvida com essa instituição pela qual tenho muito carinho e orgulho de fazer parte. Sou do grupo dos primeiros docentes contratados para criar a Faculdade de Ceilândia e entendo que minha história foi renovada a partir de então. Me sinto privilegiada e feliz por estar em plena atividade na ocasião em que a UnB faz 60 anos.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB faz parte não somente de minha história como se confunde com a própria história de minha família. Foi por causa dela que nos mudamos para Brasília, já que meus pais vieram de Teresina, em 1964, pouco antes de eu completar cinco anos de idade, e dois anos depois de o meu irmão mais velho ter se mudado para cá, justamente para prestar o vestibular da UnB. Meus pais (Matias e Alice) trouxeram, além da avó materna, seus oito filhos. Os oito, nos tempos devidos, fizeram curso superior. Seis deles se graduaram na UnB (Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Serviço Social, Psicologia, Letras e Pedagogia) e dois em outras instituições de ensino (Pedagogia e Jornalismo). Dos que fizeram graduação na UnB, cinco tiveram – e eu ainda tenho – vínculo institucional com a Universidade. Além de mim, que sou professora na Faculdade de Ceilândia (FCE), onde ministro aulas e coordeno projetos de extensão e pesquisa que envolvem estudantes e outros docentes dos cursos da área de saúde, três dos meus irmãos – Climério Ferreira, aposentado; Clésio Ferreira, falecido, e Clodo Ferreira, aposentado – foram professores na Faculdade de Comunicação (FAC) e uma irmã (Cleonice Ferreira Santos, falecida, formada na primeira turma de Serviço Social) foi servidora do quadro do Decanato de Assuntos Comunitários (DAC). Com a UnB tenho laços antigos, uma vez que cresci em uma casa em que o estudo e a vida acadêmica eram muito presentes e valorizados, além do fato concreto de que sempre havia um de nós cursando ou trabalhando no Campus. Por isso, a UnB representa um lugar especial em minha vida. Sou uma das mais novas da família e guardo lembranças



muito afetivas de uma rotina – na infância e adolescência - que sempre envolviam muita leitura, produção acadêmica e, ainda, muita criatividade. Nela, encontrei um espaço de convivência que me permitiu fazer amizades com pessoas de distintas áreas e de diferentes gerações, uma vez que além das minhas próprias, mantenho algumas com aqueles que foram amigos dos irmãos e das irmãs que, antes de mim, também viveram muitos anos vinculados à Universidade.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Além do ensino, sigo participando de projetos e programas voltados para implementar ou pesquisar mudanças necessárias na reorientação da formação em saúde e me dedicando a estudar melhor, e cada vez mais, a qualificação docente como sendo estratégica para as transformações sociais que pretendemos. No caso da saúde, há muita expectativa que possamos aperfeiçoar o ensino para que produza práticas mais colaborativas nos serviços e que haja, efetivamente, promoção da saúde para os sujeitos e suas coletividades. Meu plano é seguir investindo nessa direção.

Você tem algum hobby?

Bordado, cinema e produção de textos (não acadêmicos/científicos).

Qual seu projeto de vida?

No momento, meu projeto de vida é poder, junto com demais docentes, estudantes e servidores, tornar a Faculdade de Ceilândia uma referência na formação em saúde, capaz de contribuir para a melhoria dos serviços e do cuidado em saúde para que ambos sejam pautados pela perspectiva interprofissional e orientados pelos fundamentos da promoção da saúde e quando me aposentar saber que participei desse processo de fortalecimento da UnB e que minha história com a

Universidade ajudou a mantê-la como pensada originalmente: forte, democrática e inovadora.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Tenho uma perspectiva sobre a velhice que se mantém desde quando ainda era jovem. Penso que o envelhecimento, como as demais etapas do nosso desenvolvimento humano, tem características muito próprias. No meu caso, que já tenho mais de sessenta anos, vejo que algumas coisas ganharam novos significados. Dizer palavras que sejam mais fiéis aos sentimentos e aproximar o que pensamos do que fazemos, não por cobrança de outros, mas porque já nos conhecemos melhor, vai ficando mais leve. Acredito que diminuir a distância entre esses polos (pensar e praticar), como nos ensinou Paulo Freire, nos permite sermos mais coerentes; buscar ser feliz, ainda que isso traga desassossego; ser firme, mas nunca inflexível; procurar as ajudas necessárias, sem que isso signifique fraqueza ou insegurança; encontrar o ânimo motor e o equilíbrio que julgamos importantes e necessários para que sejamos tão saudáveis quanto nos é possível na idade que estamos, e com as funcionalidades produzidas ou preservadas durante a vida, me parecem ser aspectos fundamentais para se conversar sobre envelhecimento.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O envelhecimento não acontece quando estamos velhos ou velhas. Ele é parte do que somos e, dada a sua especificidade, traz benefícios e perdas. Envelhecer não é, necessariamente, ficar doente; até porque

podemos ficar doentes em quaisquer idades. Existem aspectos do processo de envelhecer que, diferente do que muitos possam pensar, não são somente fruto da idade em si, mas resultantes de condições sob as quais vivemos ou produtos das escolhas que podemos fazer ou fizemos. Isso significa que nosso modo de viver tem relação estreita com o tipo de velhice que temos, ainda que muitas dessas condições nos sejam dadas ou mesmo impostas. Não falo de estilo de vida, mas de condições concretas que podem afetar a qualidade de vida quando nos tornamos mais velhos/velhas. Uma atitude que acredito ser importante é a de se adotar uma perspectiva mais salutogênica sobre envelhecimento para que nesse processo possamos contribuir para que ele seja mais saudável.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Sei que citar nomes costuma nos colocar em encruzilhada, mas vou arriscar. Existem pessoas que encontramos pelos caminhos que escolhemos, ou somos levados percorrer, que acabam nos ajudando a criar uma imagem e a humanizar as instituições, e foi muito interessante lembrar e constatar que algumas das pessoas que conheci há tantos anos parecem dar sentido à campanha comemorativa dos 60 anos da UnB: “atuante como sempre, necessária como nunca”. Nas minhas andanças iniciais pela UnB, cuja convivência se deu ainda enquanto fazia a graduação, algumas delas explicam, hoje, o enorme orgulho que tenho de ser UnB: Isaura Belloni (orientadora de iniciação científica e de aperfeiçoamento, na graduação e no mestrado, com quem entendi a pesquisa como produção de conhecimentos válidos cientificamente e úteis socialmente); Marlene Cabrera, Flávio Linhares, Leila Chalub, Erasto Fortes (com os quais aprendi, com suas posturas em sala de aula e para além dos fundamentos da filosofia, história, antropologia e sociologia da educação, que a docência não se sustenta em conteúdos sem uma ancoragem na troca de saberes e de afetividades); Vânia Carneiro, Regina Calazans e Laura Coutinho (com as quais compreendi que o discente traz uma bagagem que precisa ser valorizada, sempre); Vladimir



Carvalho e José Luiz Braga (com quem pude experimentar, de uma forma muito especial, que a comunicação se faz no debate reflexivo, articulador de ideias, argumentos e vivências, e que nela há que se atentar para as realidades e a produção de novos conhecimentos a serem socializados); Adalgisa Maria Vieira do Rosário, Antônio Carlos Pedroza e José Jorge de Carvalho (que coordenavam o PIJ e me mostraram, com suas atitudes e decisões, que propostas pedagógicas inovadoras precisam ser reafirmadas constantemente) e Eva Faleiros (que quando Decana, com sua ousadia e comprometimento, propunha, coordenava ou apoiava projetos arrojados, dentre os quais o próprio PIJ); Cristiano Alberto Muniz, Antônio Villar e Renato Hilário (com quem tive a experiência pulsante de alfabetizar e contribuir com o ensino da matemática para jovens, adultos e idosos do Paranoá, para onde íamos em noites alternadas da semana, e quando entendi o sentido da extensão e seu papel social). Muito do que mais tarde pude estudar cientificamente eles já haviam me ensinado na prática extensivista, docente e de pesquisadores que eram naquela ocasião.

Data da Entrevista: 07/05/2022

Data de Falecimento: 15/08/2022





Carta de
Clélia Maria de Sousa
Ferreira Parreira

—❤—❤—
Caro UnB:

❤ Você nasceu audaciosa! Mesmo agora, sessenta anos depois, segue ousada, reafirmando sua missão de formar pessoas éticas, responsáveis e comprometidas com as transformações sociais.

Você anunciou, já no ato de sua criação, que veio para enfrentar as desigualdades e se fez defensora da democracia em tempos sombrios, e se impôs.

Se fez cada vez mais plural, diversa e inovadora, produzindo e socializando conhecimentos científicos e úteis para muitas pessoas e suas comunidades.

Cresceu sem perder a essência, expandiu ❤ sem diminuir a qualidade e ampliou o acesso sem comprometer a excelência.

Parabéns, querida!

Sigo à sua disposição.

Um abraço.

Clélia Ferreira Parreira

❤



Cosette Espindola de Castro

61 anos | Em exercício profissional,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Tenho vários amigos e colegas na UnB. Era chamada com frequência para participar de bancas, mesas de debates e seminários. Em 2019, fui selecionada para fazer o pós-doutorado em Psicologia Clínica e Cultura na UnB com bolsa CAPES.

O que a UnB representa na sua história?

Muito carinho e orgulho de estar na UnB nesse período da minha vida. Bom dar aula na graduação e na pós-graduação e compartilhar aprendizagens com o grupo de pesquisa da professora Valeska Zanello. Nesse período, fazia Yoga no campus, gostava muito de caminhar pela UnB, debater com colegas e ir na livraria do Chiquinho.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sou psicanalista, jornalista e pesquisadora. Também co-coordeno o coletivo Filhas da Mãe, de abrangência nacional.

Você tem algum hobby?

Faço trilhas e caminho entre oito (8) e dez (10) quilômetros na cidade. Também pinto aquarelas.

Qual seu projeto de vida?

Seguir pesquisando e também atendendo na clínica, que são diferentes espaços de escuta. Ampliar as redes de cuidado e autocuidado e me divertir. Uma boa risada e muito afeto ampliam a qualidade de vida.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que estou feliz de ter chegado aos 61 anos. Vivo há mais de meio século com qualidade de vida e é todo um aprendizado. Tenho orgulho de cada ruga, de cada pé de galinha e das marcas. Elas contam a minha história. Apagar essas marcas para tentar rejuvenescer é uma forma de esconder as minhas vivências e o caminho que percorri. A velhice é apenas uma fase na vida, como ser criança ou adolescente. Todas têm sua beleza. E todos chegaremos lá! Ainda tenho muitas velhices para viver.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A experiência de ter projetos, mas cultivar afetos e redes. Conviver com pessoas de diferentes idades. Escutar, ser solidária. Aprender a aprender e compartilhar.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Em 2021 lancei o livro “Cuidado e Autocuidado entre Mulheres Ativistas no Mundo Online”, como resultado da pesquisa de Pós-Doutorado no Instituto de Psicologia, o IP. Como retorno da bolsa CAPES, o livro, uma edição luso-brasileira, foi disponibilizado gratuitamente no formato virtual. É também um agradecimento pelo tempo de estímulo à pesquisa e à maturidade acadêmica passado na UnB. Esse tempo foi parte presencial e parte online, devido à pandemia. A parte presencial proporcionou dar aula na Pós-graduação, organizar mesa de debates, participar de Congressos e fazer yoga no campus. A parte online, desafiadora, proporcionou novas aprendizagens, como ministrar aulas online e muitas reflexões e conversas sobre gênero, cuidado e autocuidado. Em todos os momentos, me senti acolhida pela UnB.



Carta de Cosette Espindola de Castro

UnB. Sua linda!

É incrível que você tenha 60 anos. São tantos histórias que valem a pena multiplicar porque é uma coisa de todos, todos e todos. Acobardosa.

Me lembro da primeira vez que andei no Minhocão, como é conhecido o Instituto Central de Ciências (ICC). Logo em que tinha chegado há pouco tempo na cidade, vindo do Sul, no começo dos anos 2000. Ainda estava tentando entender a Capital do país, espalhada em Sul e Norte, Norte e Sul.

UnB e seus gatos. Auditórios, seminários, congressos, debates, a céu aberto. Suas gentes. Alunos e alunas, técnicos, professores e servidores. Vendedores, ambulantes, quase fixos.

Saberes científicos e populares se entrecruzando. Seja na escuridão rápida ao passar por uma aula com a porta aberta. Seja nos corredores, nas aule do sub-solo, com sua linda pulsante. Ou nas salas de pesquisa.

A "minha" UnB é de extremo. No ICC Norte, a Comunicação. No ICC Sul, o Instituto de Psicologia (IP), um dos primeiros cursos a começar suas atividades.

Para além da sala de aula, tinha as aulas de Yoga no ICC Sul. As visitas à livraria do Chico, clareado, no meio da Universidade Chiquinho com seu olhar atento e afiado com suas conversas e indicações de livros.

Tem a UnB da solidariedade com colegas e amigos ensinando os caminhos da universidade.

Há tantas UnBs.

Sigo descobrindo cada uma a cada convite, a cada visita, a cada compartilhamento de ideias. Sigo escutando e aprendendo.

Com carinho,

Cosette Castro

Psicóloga em Psicologia Clínica e Cultura / UnB
Doutora em Comunicação / UnB, Espanha
Psicanalista e Pesquisadora



Cristina Flores Garcia

63 anos | Aposentadoria, atividades voluntárias, outras atividades

Como você entra na história da UnB?

Em novembro de 2019, participei do I Simpósio de Pesquisa em Longevidade da Liga Acadêmica de Gerontologia e Geriatria da UnB e recebi menção honrosa com o trabalho que apresentei. Foi minha porta de entrada para contribuir em projetos de extensão, a iniciar por esse.

O que a UnB representa na sua história?

Um celeiro de saberes. Um referencial de pessoas idealistas, ativas e apaixonadas pela educação.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Cuidado da minha saúde. Contribuído pontualmente em variadas ações. Participando, aos poucos, de encontros com poucas pessoas para vencer o isolamento e o distanciamento social.

Você tem algum hobby?

Ler, cinema, pintar ilustrações de livros e em livros próprios para isso, acompanhar séries na TV, ouvir rádio, jogar carta e xadrez. Contato com a natureza.

Qual seu projeto de vida?

Dividir conhecimento e afeto por meio da Biblioterapia em grupo, a começar em ILPIs (instituições de longa permanência para idosos) e em qualquer outro lugar público ou privado.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Lembrar que envelhecemos desde o nascimento. Envelhecer faz parte do processo natural do ciclo da vida. Aceitar as mudanças decorrentes desse trajeto é uma sabedoria a ser incorporada.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Que o melhor momento é o hoje, mesmo que ele, às vezes, pareça insuportável.

Cultivar relações saudáveis e gratidão por tudo e por todos.

Reservar momentos para espiritualidade, contato com a natureza e alegria.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Apenas um lembrete: fomentar a troca de saberes e sentires da comunidade, no viés Paulo Freire, com a universidade é uma forma de resgatar o sonho do Darcy Ribeiro e do Anísio Teixeira, entre tantos outros educadores.



Daphne Machado e Cassiano Lemos Barbosa

63 anos | Aposentadoria (ambos)

Como você entra na história da UnB?

Daphne: Por intermédio do vestibular de janeiro de 1977. Em 1981, quando iniciei o mestrado na UnB, teve início também o Coral da UnB, Tive a oportunidade de conhecer, participar, contribuir com a diretoria do Coral e me envolver de 1981 a 1991. Conheci a Universidade sob a perspectiva de um grupo de estudantes de diversas faculdades que desfrutavam de interesse comum, o canto coral. A partir de 1981, em razão do Coral da UnB, a Universidade se tornou um ambiente mais leve, amigável e com desafios diferentes de arte, música, harmonia e relacionamentos. Foi no Coral da UnB que conheci o meu marido, Cassiano.

O que a UnB representa na sua história?

Daphne: A UnB me forneceu base profissional, foi o ambiente que possibilitou o desenvolvimento do Coral da UnB, que contribuiu com meu desenvolvimento social e pessoal.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Daphne: Particpei com meu marido, Cassiano Barbosa, bem como com Ana Morelli, jornalista formada pela UnB, da redação do livro “Os primeiros dez anos do Coral da UnB: a história e as histórias de um grupo amador que encantou plateias no Brasil e no exterior”. Continuo lendo e escrevendo.

Você tem algum hobby?

Canto Coral.

Qual seu projeto de vida?

Continuamos a contribuir com nossos amigos e outras pessoas ao redor, com nossa comunidade regional e de fé, com o Coral Brasília, do qual participamos, e viajar.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Gostaríamos de compartilhar com os jovens que precisamos aprender a dispensar cuidados com carinho e respeito aos mais velhos, bem como aprender a envelhecer de forma a aceitar cuidados com educação, gratidão e afeto.

Sobre o envelhecimento e os aprendizados da velhice: precisamos continuar atualizando conhecimentos gerais e específicos, se possível, bem como dar atenção à saúde, atividade física e espiritualidade emocionalmente saudável.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?


Além da gentileza, carinho, respeito, cuidado e amor ágape que devemos ter com todas as pessoas próximas ou que se aproximam de nós, precisamos aprender a receber gentileza, carinho, respeito, cuidado e amor também.



Carta de
Daphne
Machado

Universidade de Brasília,

Desejamos que a Universidade de Brasília continue perseguindo seu ideal de qualidade de ensino superior. Sonhamos que, aliado à qualidade de ensino, a UnB contribua para a formação de pessoas íntegras, cordiais, trabalhadoras, enfim cidadãos que convivam harmonicamente, interessados no desenvolvimento pleno do povo brasileiro. Nesse sentido, o canto coral ajuda, de maneira significativa, a harmonizar os vários campos do conhecimento humano, integrando-os de forma sensível e produtiva. Agradecemos a oportunidade de contribuir para a formação do Coral da UnB, registrado no nosso livro e que de forma bastante profícua transformou nossas vidas como cidadãos e casal.

Obrigada, UnB
Daphne Machado e 

Brasília, maio de 2022



Denise Ferreira da Costa

66 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

No segundo semestre de 2021. Fiz todo o processo seletivo do mestrado do Programa de Pós-graduação do CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares).

O que a UnB representa na sua história?

A UnB é um leque. Ela representa um prazer para mim. É saber que eu posso aprender e repassar conhecimento. É saber que nela eu tenho meu lugar de fala. Serei eternamente grata a ela por todas experiências.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Eu venho trabalhando, realizando meu mestrado, estudando e vivendo a vida um dia após o outro.

Você tem algum hobby?

Tenho! Gosto de estudar, gosto muito de eventos culturais, de ler sites jornalísticos e de assistir documentários.

Qual seu projeto de vida?

Eu quero me aposentar e continuar aprendendo e repassando conhecimentos. Continuar ajudando o próximo. Quero continuar aproveitando as pequenas boas coisas da vida. Quero formalizar a construção de um boletim informativo acerca das pesquisas que eu realizo: Atualidades Legislativas e Jurídicas, com as informações mais importantes sobre o tema. Meu outro projeto é concluir meu mestrado com êxito.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Temos que “viver” bastante nos dias de hoje, mesmo com muita luta temos que olhar para frente com esperança. Precisamos de encarar as coisas da vida de uma forma leve e levar a vida com mais humor. Aprendi isso com o meu pai.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Viva um dia após o outro. Escute e seja mais condescendente com o próximo. Faça parcerias sociais e ajude ao próximo. Nunca é tarde para a gente sonhar e chegar aos nossos objetivos. Nunca é tarde para se buscar conhecimentos!



Carta de
Denise Ferreira
da Costa

*Parabéns pelos 60 anos de existência da UnB,
contribuindo com formação de alto nível,
pelo seu corpo docente e servidores, dando
e repassando conhecimentos, incentivando
a pesquisa científica, se fazendo presente e atuante
em todas as áreas da sociedade, em parcerias
e acordos e acolhendo em seus diversos projetos,
sempre de forma humanizada a comunidade.*

Att. Denise Costa



**Deusdete
Lopes Santos**

70 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Através do meu irmão Wanderlei, que tinha restaurante na 703 Norte, Coisas da Terra, e ganhou uma licitação para montar um restaurante natural na UnB. Eu era professora e diretora da Rede CENC (colégios cenesistas) no interior da Bahia (Sátiro Dias), casei em Salvador e vim para Brasília abrir o restaurante na UnB. Isso foi em 29 de abril de 1982.

O que a UnB representa na sua história?

Tudo na minha vida! Tive a grande oportunidade de vir para Brasília, criar meu comércio de produtos naturais, dar para minha filha o que não tive. Fizemos boas amizades e bom relacionamento com as pessoas. A UnB é como uma mãe, é tudo na minha vida.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Com a pandemia, a UnB foi fechada e o restaurante também. Raquel começou a divulgar por whatsapp o que cozinho e os professores da UnB passaram a me procurar para fazer encomendas. Continuo trabalhando em casa até a UnB abrir.

Você tem algum hobby?

Fazer caminhada, ler o Correio Braziliense (CB) sentada no tapete, fazer palavra cruzada do CB e curtir meu neto.

Qual seu projeto de vida?

Trabalhar mais uns três (3) anos, me aposentar e sair da UnB. Viajar um pouco, curtir o netinho, ficar mais com a família, diminuir o ritmo para viver mais.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Estou com 70 anos e considero o melhor tempo da minha idade, porque tenho muita experiência para transmitir: dormir cedo, cuidar da alimentação e das coisas relacionadas à saúde. Às vezes, estudantes e funcionárias da UnB chegam passando mal de bebida ou algum incômodo do final de semana e me procuram, posso ensinar o que fazer para melhorar.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Procurar fazer as coisas da maneira correta, é o que meus pais me ensinaram e passo para minha filha e para meu neto. Andar corretamente, procurar agir certo, não desejar fazer o mal para ninguém, fazer sempre o bem sem esperar da outra pessoa algo em troca. Como diz o ditado: “fazer o bem sem olhar a quem”.



Edmar José de Almeida

78 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Em 1963, e saio no final de 1967. A diáspora de alunos e professores.

O que a UnB representa na sua história?

A formação intelectual na minha juventude.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Trabalhado 8 horas diárias na arte.

Você tem algum hobby?

Dedico o tempo todo à produção artística.

Qual seu projeto de vida?

Envelhecer dentro de princípios éticos a partir do que é justo, belo e verdadeiro.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Várias coisas, entre elas que o envelhecer é o crepúsculo da vida, pode ser muito bonito, sobretudo quando a sua caminhada foi trilhada no que é Belo, Bom, Justo e Verdadeiro. É ir fechando o círculo do seu viver e existir. É o final de uma sinfonia. O caminho natural de todos nós, criaturas humanas diante do Criador. Envelhecer crendo é tudo, como uvas que amadurecem. A velhice pode ser a experiência de viver o paraíso terrestre, ensaio para o paraíso celeste. Os idosos deveriam envelhecer na natureza, em pomares e jardins, com animais por perto, paz, sossego e silêncio, sobretudo.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Viver com integridade.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Para conhecer mais sobre meu trabalho:

<http://edmardealmeida.com.br/portal/o-artista/>



**Elza Maria
de Souza**

70 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Entrei na UnB em 2008 como professora visitante na Faculdade de Medicina. Nunca tinha pensado que seria professora de universidade. Gostei da experiência, do convívio com os e as discentes, principalmente da graduação e quando, um ano depois houve concurso para o Departamento de Saúde Coletiva e, então, comecei minha carreira de educadora.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB representa uma fase de muito aprendizado de muita realização profissional e oportunidade de realizar vários projetos com estudantes da própria UnB junto com estudantes de vários níveis educacionais de escolas públicas, principalmente em comunidades de baixa renda. Na UnB, aprendi com os e as estudantes a diferença entre ser professor e ser educador. Na UnB, me aproximei da pedagogia libertadora de Paulo Freire e tenho podido compartilhar essa descoberta com a comunidade discente.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Além do trabalho com discentes compartilhando as matérias de Educação e Promoção da Saúde, orientações de TCC e de Pós-graduação, tenho lido bastante, viajo de vez em quando, viajava mais antes da pandemia por COVID-19. Estou em um processo de aposentadoria. Fiz 70 anos em março e sinto que é hora de deixar lugar para as pessoas mais jovens.

Você tem algum hobby?

Ler, principalmente os clássicos e cuidar/passear/brincar com meus cães e cadelas.

Qual seu projeto de vida?

Viver! Enquanto estou por aqui, quero fazer tudo que gosto com intensidade. Ter tempo para as pessoas amigas e, provavelmente, participar de projetos comunitários como voluntária após a aposentadoria e, possivelmente, antes que ela seja concretizada.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Diria que, para mim, a velhice trouxe liberdade. No entanto, é uma fase que exige grande capacidade de adaptação. A sabedoria não é automática, para envelhecer com sabedoria é necessário aprender, fazer muita reflexão e estar aberta às modificações do mundo durante a vida toda. Nem toda pessoa idosa é sábia!

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Saber diferenciar humildade de subserviência.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Agradecer a oportunidade de participar dessa enquete sobre envelhecer e ser velha.



Carta à UnB

A UnB me proporcionou a oportunidade de iniciar uma nova carreira profissional aos 56 anos de idade. Depois de me aposentar da Secretaria de Estado de Saúde em 2008 ingressei na Universidade como professora visitante. Esse período foi de tal forma gratificante que acabei fazendo concurso para professora efetiva, o que tem sido um privilégio pelos contatos com colegas, amigas e amigos, estudantes e toda a comunidade universitária. Tudo tem sido possibilidade de crescimento profissional e humano.

Na UnB tivemos a oportunidade de expandir um trabalho intergeracional pioneiro no Brasil, iniciado em 1994 na SESDF.

A UnB nos possibilitou também a aproximação com os ideais de Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e, principalmente, maior proximidade com a pedagogia de Paulo Freire.

Mas, mais do que isso nos possibilitou a aproximação, junto com os estudantes, principalmente os de graduação, com várias comunidades, especialmente as de baixa renda, onde encontramos vários Freires, Ribeiros e Teixeiras anônimos com muita sabedoria e o mesmo desejo de mudanças que os outros pregavam.

Difícil expressar o que a UnB tem representado na minha vida como pessoa que abraçou a educação e a pesquisa como meio de vida.

Por tudo que a Universidade de Brasília representa, por ser local de exercício democrático por sua resiliência em tempos políticos turbulentos, por ser local de formação profissional, mas principalmente, de formação de pessoas gostaria de parabenizá-la e demonstrar nosso afeto e gratidão nesses seus 60 anos de existência. Vida longa à nossa querida UnB, pública e diversa.

Elza Maria de Souza



Eunice Maria Lima
Soriano de Alencar

77 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Iniciei as minhas atividades como docente na UnB em fevereiro de 1972, após passar dois anos e meio nos Estados Unidos em um programa de pós-graduação. Antes de ir para os Estados Unidos, fui instrutora de ensino de Psicologia Médica na Universidade Federal de Minas Gerais. Tive a felicidade de encontrar um clima no Departamento de Psicologia da UnB de respeito às diferenças e cordialidade.

O que a UnB representa na sua história?

Sou muitíssimo grata à UnB. Nela encontrei espaço para o meu crescimento pessoal, novas aprendizagens, oportunidades para propor disciplinas, desenvolver projetos de pesquisa e iniciar um grupo de pesquisa, em uma área ainda não explorada no país.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Desfrutado da companhia de filhos e netos, leituras, assistido palestras, contribuído na qualidade de membro de conselhos editoriais de revistas de minha área, dado maior assistência a pessoas que estão com problemas diversos, passado mais tempo admirando a beleza das plantas e paisagem ao meu redor...

Você tem algum hobby?

Pintura em tecido.

Qual seu projeto de vida?

Espero, neste pouco tempo de vida que tenho pela frente, buscar fazer uma diferença positiva na vida do maior número de pessoas, incentivando, compartilhando e aprendendo.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Em cada fase da vida, temos novas experiências, aprendizagens e desafios. Temos que ter a sabedoria de desfrutar de cada momento, de procurar fazer uma diferença positiva no planeta, compartilhando conhecimentos, buscando ser um modelo de competência, ética e solidariedade.



Eva Teresinha Silveira Faleiros

84 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Eu entrei na UnB em março de 1984, admitida como professora do Serviço Social. Nós éramos conhecidos aqui em Brasília depois da nossa volta do exílio no Chile, Holanda e Canadá. O exílio no Chile foi muito pesado, eu era procurada e o Vicente foi preso por 3 meses depois do golpe lá. Em 1985 e 1986, fiz parte da Diretoria de Assuntos Comunitários e, em 1987 a 1989, fui decana de Assuntos Comunitário na gestão do Cristóvam. Na minha gestão vi o desperdício no Restaurante Universitário e conversávamos com os estudantes. As mudanças aconteciam pela ação conjunta. Segui trabalhando na UnB até 1993, quando me aposentei. Depois de aposentada, criei uma ONG que trabalhava com o movimento político pela reforma psiquiátrica e na coordenação de saúde mental. Nesse tempo, recebíamos estagiários da UnB e outras universidades.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB foi uma experiência excepcional, pois foi um sucesso na luta política pela democracia. Tivemos a UnB da escuridão da ditadura e a conquista pela redemocratização da universidade. Os jovens não sabiam o que era democracia e trouxemos para eles o que era, pois eles de fato não viveram a ditadura e estamos anunciando a insurreição da democracia.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Hoje eu faço muito pouco. Veio a pandemia e eu parei. Nunca mais sai de dentro de casa. Eu decidi que eu não ia para a UTI e sem oxigênio. Eu me recolhi muito e senti muito, pois na nossa casa recebíamos muita gente. Aí eu me dediquei muito para as coisas de casa, passamos a comer melhor, viramos muitos bons cozinheiros

Você tem algum hobby?

Leitura, palavras cruzadas, assistir TV, notícias e artes.

Qual seu projeto de vida?

Eu tenho que escrever sobre o que aprendi trabalhando com pessoas com transtornos mentais. Eu cheguei a uma conclusão que acho muito importante. Os profissionais do cuidado têm um erro na formação. Nós temos a teoria e sabemos o que tem que ser feito, mas o que eu aprendi na ONG que criei, "Inverso", é que o protagonismo não pode ser de quem cuida. Nós já publicamos um livro, "Portas abertas à loucura", em 2017, e o título foi dado por uma frequentadora da ONG. O protagonista tem que ser quem está em busca de cuidado, ele é que tem que dizer o que ele precisa, ele sabe onde é que incomoda. Eu quero escrever sobre minha experiência na ONG e os aprendizados. Outra coisa é que quero escrever sobre o nosso bloco de carnaval "Rivotril. Começou

pequeno e hoje tem mais de 4 mil pessoas. No carnaval colocamos nossa fantasia mental para fora, nele não há obrigação, é uma libertação.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Eu acho que o envelhecimento é nossa história de vida. Eu gosto muito de ser velha porque acho que é um momento que já vivemos muito e vamos ficando no essencial. O essencial é estar satisfeita com o que foi vivido e o que está vivendo. Temos as respostas das perguntas que fizemos ao longo da vida. Agora só temos duas perguntas que não temos respostas: quando vou morrer e de que morreremos. Minha amiga disse que não devemos perguntar, pois não há resposta. A vida no essencial é muito boa, traz uma paz e contentamento. Eu já me fiz essa pergunta: “O que vim fazer no mundo?” e a resposta foi “Cuidar”, cuidar de mim, cuidar dos outros e da natureza.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Eu acho que, diante da vida, temos que tentar fazer alguma coisa e tomar decisões. Nós, por exemplo, tivemos que decidir ir para o exílio num momento da história brasileira. Na vida temos que avaliar as situações, tomar decisões e correr risco. É preciso ter abertura para o que aparecer, pois a vida nos surpreende e possibilidades surgem, mas a flexibilidade, o não apego ao que foi feito é indispensável. O apego, como uma fixação, pode ser um atraso, por exemplo o apego a objetos, a emprego não deve existir, pois tudo move.



Carta de
Eva Terezinha
Silveira Faleiros

A luta pela democracia orientou minha história de vida.

Em 1960, com 22 anos, entrei no curso de Serviço Social da PUC do Rio Grande do Sul. Era um período de luta pela democracia no Brasil, da qual o movimento estudantil participava ativamente. Logo ingressei na Universidade para participar de lutas políticas no Centro Acadêmico, no Ação Católica (na Juventude Universitária Católica - JUC) e no Ação Popular (partido político de esquerda).

Meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) foi sobre meus artigos em alfabetização de adultos e Cultura Popular. Por coincidência no dia no qual concluí a redação do meu TCC foi o dia 1º de abril de 1964, dia do golpe militar. Recordo-me dos foguetes festejando o golpe no momento no qual escrevi o parágrafo final no meu TCC.

Em 1967, após 3 anos de atuação profissional como assistente social em programas do governo gaúcho junto a movimentos populares, transfiri-me para BRASÍLIA, onde cheguei no dia 1º de abril, do 3º aniversário do golpe militar.



Carta de
Eva Terezinha
Silveira Faleiros

Vicente e eu nos estamos em Brasília em 1967 e em 1969 tivemos de nos exilar após prisão e processo contra Vicente por seu engajamento na luta contra a ditadura. Ficamos no exílio no Chile, na Holanda e no Canadá.

Em 1979, após 10 anos no exílio, com a aprovação da lei de Anistia, retornamos ao Brasil. Nos instalamos em São Paulo e em junho de 1980 fomos admitidos como professores na Universidade Federal de Paraíba, onde nos engajamos na luta pela democratização do ensino e lutamos pelo direito ao voto.

Em 1984 fomos admitidos como professores na UnB.

Para mim o período ~~de~~ que permaneci na UnB (de 1984 a 1993) significou e significa minha feliz participação e festa na democratização da UnB.

Após a aprovação da lei de Anistia o Brasil continuava a ser uma ditadura. e no Brasil fez-se uma grande mobilização política pelo fim da ditadura (Assembleia Constituinte, Foro Collor, luta pelo voto popular e pela eleição de Reitores das Universidades Federais, organização sindical, fundação do PT, Movimento das Comunidades de base).

Em março de 1984, quando fui admitido na UnB, o reitor era o oficial de gabinete Azevedo, nomeado pela ditadura após destituição de Dorey Ribeiro, fundador da UnB.



Carta de
Eva Terezinha
Silveira Faleiros

Uma grata e sensacional experiência de mobilização que tenho quando praticamente todos professores, alunos e funcionários vestiam comitê em defesa (nasceida antes da ditadura) me disse: "Quando vejo vocês que conhecem a democracia estão tão felizes, penso que deve ser muito bom viver em democracia".

Em 1984 e 1985 havia uma grande mobilização para a eleição do reitor. Após uma nomeação conseguimos eleger o professor Cristovão Buarque para o período de 1985-1989.

Nestes períodos no UNB exerci as funções de Diretora da Diretoria de Assuntos Comunitários (DAC) nos anos 1985/1986 e de Decana de Assuntos Comunitários nos anos 1987/1988/1989.

Este Decanato é encarregado do planejamento e execução de ^{após a} atividades dos diferentes grupos e entidades de UNB, nas áreas de:

- alimentação (RA)
- alojamento estudantil (CO)
- atividades culturais
- atividades desportivas
- creche
- serviços de vendas de livros, lanchonetes
- Curso de alfabetização (para mais de 100 funcionários analfabetos)

O importante e destacar no gestão Cristovão Buarque são os princípios e práticas adotados e ainda vigentes como democracia, participação coletiva, ações e decisões de coletivo, autogestão.

Eva T. Silveira Faleiros



Eva Waisros Pereira

82 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Ainda jovem, pioneira em Brasília e moradora da única quadra residencial então existente na Asa Norte, pude acompanhar, ainda que à distância, o nascimento da Universidade de Brasília. Era o ano de 1962, vi os primeiros prédios serem erguidos, na imensa área do cerrado destinada ao campus universitário, e acompanhei o movimento da chegada de professores e das primeiras turmas de estudantes. Foram momentos de grande emoção, sonhava-se, então, com a construção de um país emancipado, mais justo e desenvolvido, e a UnB teria importante papel a desempenhar nesse sentido. Passado pouco tempo, presenciei a instalação, na Universidade de Brasília, do Programa Nacional de Educação de Adultos, do MEC (Ministério da Educação), com a finalidade de desenvolver nessa capital o seu projeto piloto, sob a coordenação do grande educador Paulo Freire.

Tudo mudou, porém, com o golpe militar de 1964. Não apenas foi suprimida a execução desse importante experimento e destruído todo

o material nele produzido, como também se assistiu aos seguidos atos de violência praticados contra professores, estudantes e técnicos da UnB, atos arbitrários que comprometeram a liberdade e descaracterizaram a proposta inovadora da instituição.

Naquele período, eu ainda não me vinculara à UnB, as tristes notícias chegavam pela imprensa e por meio de informações repassadas por estudantes e professores amigos, muitos deles perseguidos e cassados.

Embora tendo eu e minha família também enfrentado sérios reveses nesse período, em razão da ditadura militar, decidi retomar meus estudos e dedicar-me ao magistério do sistema de educação pública do Distrito Federal.

O meu ingresso na UnB deu-se inicialmente, como estudante, quando realizei o curso de Mestrado em Educação. Posteriormente, por meio do convênio celebrado entre a FUB (Fundação Universidade de Brasília) e a SEEDF (Secretaria de Estado de Educação), assumi a função de docente na Faculdade de Educação. Em seguida, submetendo-me a concurso público e, sendo aprovada, passei a exercer o magistério superior nessa nova condição, na qual permaneci até minha aposentadoria.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB representa, para mim, um fator de realização pessoal e profissional. O ingresso na instituição possibilitou-me exercer o magistério superior, mister que considero relevante pelo papel que desempenha na formação de profissionais qualificados para a sociedade. O convívio com os jovens, o diálogo, a troca de saberes e a pesquisa compartilhada, seja na graduação ou na pós-graduação, é estimulante, o aprendizado torna-se cotidiano, não apenas para o aluno como também para o professor.

O que me encanta, sobretudo, são os múltiplos campos e as modalidades de atuação oferecidas pela UnB. Assentada no tripé “ensino, pesquisa e extensão”, a Universidade não se fecha em si mesma, intercambia, permanentemente, com a sociedade, veiculando o conhecimento produzido e promovendo a valorização da cultura, das ciências



e das artes, como preconizado por seus fundadores, Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, na perspectiva de elevar a humanidade a novo patamar civilizatório.

É nessa dimensão de ser professor que, na minha trajetória na Universidade de Brasília, participei de ações significativas e enriquecedoras, como a organização do “1º Encontro de Educação do Distrito Federal”, promovido pelo Sinpro-DF (Sindicato dos Professores no Distrito Federal), e a criação e participação no Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, um dos mais expressivos movimentos da sociedade civil, que teve destacada atuação, junto ao Congresso Nacional, durante a Constituinte e no processo de elaboração da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Outra iniciativa a mencionar refere-se à pesquisa, que tenho o privilégio de coordenar, versando sobre a memória e história da educação do Distrito Federal. O objetivo é reconstituir a história da educação dessa capital e criar o Museu da Educação, cujo lema será “revisitar a escola do passado para construir a escola do futuro”

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Aposentei há quase duas décadas e, durante esses anos, continuei a desenvolver atividades na UnB, como professora colaboradora. Nessa condição, orientei dissertações e teses, participei de bancas examinadoras e de projetos de pesquisa e extensão. Contudo, a maior parte desse tempo dediquei-me à pesquisa já iniciada, visando o resgate da memória e a escrita da história da educação do Distrito Federal, bem como às iniciativas para a criação e funcionamento do Museu da Educação.

Entre os avanços obtidos, registre-se a produção de uma trilogia, fruto de trabalho coletivo de pesquisadores e estudantes da UnB, de diferentes áreas de conhecimento, além da participação de docentes de outras instituições de nível superior e de professores da rede de

ensino público. Os dois primeiros livros, intitulados “Nas asas de Brasília - Memórias de uma utopia educativa (1956-1964)” e “Anísio Teixeira e seu legado à educação do Distrito Federal - História e memória” foram publicados pela Editora da UnB, respectivamente em 2011 e 2018, e o terceiro livro “Rupturas e desafios da educação do Distrito Federal (1964-1985)” acaba de ser aprovado pelo Conselho Editorial da EdUnB, para publicação.

No que tange ao Museu da Educação, bastante se avançou, tendo sido decisivo o apoio da UnB à iniciativa. Foram estabelecidas parcerias com diversas instituições do GDF e da área federal, cujos representantes constituíram o Conselho Gestor. O projeto ganhou força política e importantes conquistas foram obtidas: a cessão de terreno para a construção da sede do Museu e a elaboração do respectivo projeto arquitetônico e sua aprovação em diferentes instâncias.

Ressalte-se também o apoio da Secretaria da Educação que, atendendo a nossa solicitação, designou um grupo de professores para atuar no projeto. Com a vinda dessa equipe, desenvolveu-se um trabalho intenso para ampliar e organizar o acervo de documentos textuais, iconográficos, audiovisuais e objetos escolares, valioso patrimônio a ser destinado ao Museu da Educação tão logo seja inaugurada a sua sede. Cabe destacar, em especial, a existência de cerca de quatrocentas entrevistas, gravadas e filmadas com os protagonistas da educação pública do Distrito Federal - professores, gestores e estudantes -, por meio do projeto de história oral.

Embora sem dispor ainda de sede própria e instalado, provisoriamente, numa sala cedida pela Universidade de Brasília, o Museu da Educação já funciona de fato, promovendo cursos, palestras, rodas de conversa, eventos, lives e atividades diversas, visando difundir o conhecimento produzido e debater temas de interesse da educação e da comunidade brasiliense.

Para alcançar a plenitude de seu funcionamento, impõe-se a construção de sua sede. Falta decisão política do governo para a sua concretização.



Você tem algum hobby?

Nada de específico.

Qual seu projeto de vida?

Aos 82 anos de idade, o meu projeto de vida continua sendo o de buscar a felicidade. Isso significa, para mim, conviver amorosamente com a minha família – o meu marido e companheiro de vida, meus quatro (4) filhos, genros, oito (8) netos e três (3) bisnetos, além dos agregados. Essa relação afetiva e solidária me proporciona segurança e conforto moral.

No entanto, é preciso também dirigir o olhar para além do círculo familiar e dos amigos queridos. Como ser verdadeiramente feliz vendo o sofrimento alheio? Como satisfazer-se com o bem estar pessoal e fechar os olhos para o sofrimento e as agruras dos outros?

Como questão de princípio, coloca-se também, como fundamental, a busca pela felicidade coletiva.

Nessa perspectiva, pretendo, na medida do possível, contribuir na realização de pesquisas e outras formas de colaboração possíveis, no sentido de promover a qualidade da educação e a humanização da sociedade.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

O envelhecimento pode ser concebido como uma fase da vida humana em que ocorrem muitas perdas, mas há também ganhos valiosos. A experiência e o conhecimento acumulados permitem dotar o indivíduo de novas formas de entender o mundo e de se relacionar com o outros. Ausentes as paixões e disputas imediatistas, as pressões inócuas, é possível ao idoso prosseguir na sua trajetória de vida com maior

tranquilidade, seja no campo pessoal ou profissional. Entre os requisitos básicos para que tais possibilidades sejam factíveis citem-se, prioritariamente, as condições materiais de vida, a assistência à saúde, o acolhimento e demais aspectos psicológicos requeridos para assegurar o equilíbrio emocional e o bem-estar do idoso.

Lamentavelmente, no Brasil, tais condições não são dadas à maioria da população, a desigualdade é imensa, e praticamente inexistentes políticas públicas destinadas aos idosos. Para a valorização da velhice, impõe-se transformar essa realidade.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O mais importante na vida é ser feliz. E para a felicidade existir, individual e coletivamente, é fundamental que prevaleça a justiça e a igualdade, o amor e a solidariedade, o cultivo da paz e o respeito às diferenças. A convivência saudável e amorosa com a família e os amigos é também fator que contribui para a segurança e a bem estar do indivíduo.



Fábio Cezar de Oliveira

62 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Ingressei no segundo semestre de 1978, como aluno, no curso de Processamento de Dados.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB representa uma grande mudança na minha história, porque, muito além de me capacitar para o exercício de uma profissão, abriu meus horizontes com aprendizados e saberes que eu nem esperava. Contribuiu na minha formação político/social e continua presente na minha história, ainda hoje.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sou servidor público, trabalho no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1982, e atualmente estou cursando doutorado no Programa de Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional - Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM).

Você tem algum hobby?

Gosto de cinema.

Qual seu projeto de vida?

Estou focado na conclusão do meu doutorado e preparando o meu momento de aposentadoria. Após me retirar do serviço público, desejo continuar colaborando em projetos científicos. Desejo, também, viajar um pouco, conhecer e fotografar muitas belezas do Brasil.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Viva o hoje, mantenha as lembranças do passado sem negar o seu envelhecimento, aproveite-o a cada dia, como uma etapa necessária na sua jornada, que te trará novas experiências, novas visões e novas lembranças.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Você não está sozinho, você não constrói sozinho. É muito bom você se dedicar a um trabalho, às suas conquistas pessoais, mas é essencial ter um tempo para sonhar, pensar e trabalhar as construções coletivas.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Morei no Centro Olímpico da UnB entre 1980 e 1981. Continuei me relacionando com a universidade ao longo das últimas quatro décadas, sempre como estudante. Cursei, esporadicamente, disciplinas com aluno especial, conclui um mestrado profissional no Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS) em 2013, e atualmente estou cursando doutorado no CEAM.



Carta de
Fábio Cezar
de Oliveira

Querida UnB,
Quando você nasceu eu tinha apenas dois anos e milhares de quilômetros nos separavam. Mas, após 16 anos e algumas mudanças pelo caminho, eu entrei na sua história e você na minha. Você foi para mim, naquele momento, a realização do sonho de ingressar em uma universidade, de me formar, de ser alguém.

Mas você é muito mais! Nasceu do ideal de grandes pensadores, para cultivar, ensinar e propagar o conhecimento, destacando-se na resistência ao obscurantismo, ao atraso e à toda forma de discriminação. Fez-se inclusiva, moderna, autêntica aos anseios da comunidade — uma aliada permanente na luta por justiça e transformação sociais.

Aos 62 anos, estou começando a minha vida mais adulta, um recém idoso. Aos 60 anos, você ainda é uma jovemzinha, mas que se reproduz e se espalha, para alcançar outros milhares de jovens e adultos que sonham. Tenho muito orgulho de fazer parte da sua história, e muita gratidão pelo que recebi de você. Enquanto eu estiver por aqui, estaremos juntos.

Parabéns pelos seus 60 anos!!
Um grande beijo, com muito carinho e gratidão.

Fábio Cezar



Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

72 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Dando aula junto com
Roberto Cardoso de Oliveira
e Henrique Castro

Como você entra na história da UnB?

Entrei com aluna de mestrado.

O que a UnB representa na sua história?

Ao mesmo em que ajudei a construir o curso de Ciências Sociais e a pós-graduação, a UnB também me ajudou a construir a minha carreira acadêmica.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho atuado como vice presidente da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência).

Você tem algum hobby?

Leitura e cinema.

Qual seu projeto de vida?

Trabalhar um pouco menos, me dedicar um pouco mais à minha família e descansar.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Ajudou muito no retardamento do envelhecimento o convívio com os jovens, meus alunos.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Ouvir sempre várias posições sobre qualquer assunto.



Carta de
Fernanda Antônia
da Fonseca Sobral

No aniversário de 60 anos da UnB, gostaria de afirmar que a história da construção e consolidação da minha vida acadêmica está enraizada na história dessa instituição, pois aqui fiz meu mestrado, meu doutorado e me tornei professora, onde ensinei, pesquisei e orientei iniciação científica, dissertações e teses de mestrado e doutorado durante mais de 40 anos e onde também fui chefe do departamento de Sociologia, coordenadora da pós graduação, primeira diretora do Instituto de Ciências Sociais e depois vice diretora com a profa Ellen Woortman, e mais recentemente, diretora de pesquisa na gestão do prof. Jaime Santana. Assim, meu percurso foi acadêmico e institucional já que foi construído ao mesmo tempo em que ajudei a construir, junto com muitos colegas, uma instituição, que foi o departamento, o programa de pós-graduação em Sociologia da UNB e a linha de pesquisa em Educação, Ciência e Tecnologia. E essa instituição muito me ofereceu tanto no que concerne à minha formação, como ao desempenho na minha carreira acadêmica. Ou seja, a construção foi recíproca.

Fernanda Sobral
Professora Emérita da UnB
Vice Presidente da SBPC



Hélio Marcos Prates Doyle

71 anos | Em exercício profissional,
aposentadoria, atividades
voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Entrei na UnB em 1966, com 15 anos, para estudar no Centro Integrado de Ensino Médio da UnB. Cursei lá dois anos do ensino médio porque fui expulso no final de 1967. Voltei em 1969 para cursar Comunicação, que concluí em 1972. Em 1985, fui contratado como assessor de comunicação da Reitoria; em 1986, tornei-me professor da Faculdade de Comunicação e exerci por alguns meses a função de assessor especial do reitor. Por essa época, fui o primeiro presidente da Associação dos Ex-Alunos da UnB. Em 2002, concluí o mestrado em Comunicação. Entre 1996 a 1997, concluí as disciplinas do doutorado em História das Relações Internacionais, mas não defendi a tese. Aposentei-me como professor em 2013.

O que a UnB representa na sua história?

Como se vê na resposta anterior, representa muito. Fui aluno, técnico-administrativo e professor. Cursei ensino médio, graduação,

mestrado e doutorado. Participei ativamente do movimento estudantil entre 1966 e 1971, e mesmo quando estava fora, em 1968, frequentava a UnB e fui preso em uma das invasões policiais-militares. Dirigi um documentário intitulado “Chiquinho, o livreiro da UnB”. Casei duas vezes, com ex-alunas de Medicina e de Sociologia, e dois de meus quatro filhos estudaram na UnB.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho agência de comunicação, instituto de pesquisa e editora, que toco com mais dois jornalistas. Como a situação não está fácil, estou há menos de um ano trabalhando no Gabinete do deputado distrital Leandro Grass. Escrevo, eventualmente, artigos para publicações jornalísticas e participo, três vezes por semana, de um programa em veículo na internet (Bate-papo com Hélio Doyle). Sou, até maio, conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e seu representante em Brasília. Participo do Clube Associativo dos Profissionais de Marketing Político (Camp). Sou membro do Núcleo de Estudos Cubanos da UnB (NesCuba), que fundei em 1995, e dou duas aulas semestrais em curso por ele promovido. Sou diretor de comunicação da Associação de Solidariedade e pela Autodeterminação do Povo Saaraui (Asaarai).

Você tem algum hobby?

Não tenho hobby, ocupo tempo livre com livros e filmes.

Qual seu projeto de vida?

Viver com saúde física e mental até uns 90 anos, pelo menos. Trabalhar até quando aguentar, física e mentalmente, pois a aposentadoria de menos de 9 mil reais é insuficiente (só o meu plano de saúde é de 3.500 reais). Só tenho projetos até outubro, quando conheceremos os resultados das eleições. Aí decidirei o que fazer a partir de novembro. Está em aberto.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Diria que precisam pensar em como viverão quando envelhecerem, como se sustentarão quando não terão mais a mesma energia e as mesmas oportunidades, mas que devem aproveitar a vida ao máximo, dentro de parâmetros éticos e dignos.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Vivi intensamente o presente, não pensei no que viria ao envelhecer. Fiz escolhas certas e erradas, arrependo-me de muitas das erradas, mas me orgulho das escolhas certas e de ter tirado muitos MS e alguns SS em tudo o que fiz na vida.



Homero Luiz Piccolo

69 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Comecei fazendo o Mestrado na Engenharia Elétrica e, quando foi criado o Departamento de Ciência da Computação, prestei o primeiro concurso para professor. Isso foi em 1988.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB sempre me proporcionou uma convivência com jovens: alunos, monitores, tutores, estagiários. Por um lado, essa convivência me ajudou a envelhecer sem perder a jovialidade. Por outro, espero ter contribuído na formação de muitos jovens, não só do ponto de vista profissional, mas também de valores e experiências de vida.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Estou trabalhando em atividades de voluntariado, com as quais já estava envolvido antes de me aposentar. Agora me dedico a elas em período integral.

Você tem algum hobby?

Caminhar, ouvir música, ler.

Qual seu projeto de vida?

Continuo orientando pessoas mais jovens, tanto no âmbito profissional, como humano em geral. Isso continua me ajudando a ser jovem de espírito. E penso que é uma maneira de ajudar as pessoas e de retribuir pelo muito que recebi de outros: família, amigos e colegas.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Diria que uma pessoa nunca se deve acomodar, nem do ponto de vista físico nem intelectual. Naturalmente o envelhecimento traz limitações, mas penso que não se deve deixar de fazer o que se pode fazer.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Penso que os problemas técnicos, em qualquer profissão, sempre são mais fáceis de resolver do que os problemas de relacionamento humano. Por isso, é preciso cultivar o bom relacionamento e as amizades. Por outro lado, olhando para trás, penso que o mais importante que fica na vida profissional são as amizades que construímos.



Ignez Costa
Barbosa Ferreira

85 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Entrei na UnB em 1967 a convite, para colaborar na elaboração do curso de Geografia (Bacharelado e Licenciatura).

O que a UnB representa na sua história?

Uma parte significativa dessa história. Uma experiência de vida, um grande aprendizado, uma feliz realização profissional.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Vivido. Estudado, lido, curtido a liberdade da aposentadoria.

Você tem algum hobby?

Leitura e estudos de filosofia, ver filmes.

Qual seu projeto de vida?

Viver o dia a dia, o aqui, o agora. Viver em paz com o meu meio, em harmonia com as pessoas que compartilham esse tempo comigo, colaborar, na medida do possível, quando sou solicitada.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que a velhice é uma fase da vida na qual há um maior acúmulo de conhecimento e de experiência do viver.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Procurar a compreensão das coisas, não julgar as pessoas e ter esperança. O coração no comando das escolhas.



Carta de
Ígnez Costa
Barbosa Ferreira

Brasília, 4 de abril de 2022

A UnB.

*Parabéns Univesidade de Brasília pelos teus 60 anos.
Parabéns UnB pelo que representas para Brasília,
para o Brasil, para os brasileiros,
para a Ciência, para a Educação e para os saberes
de um modo geral.*

*Gratidão pelas oportunidades que me ofereceste,
pela experiência que me propiciaste,
pelas alegrias que pude ter, durante os anos
em que a ti me dediquei como professora e
geógrafa.*

Gratidão.

Ígnez



Iran Junqueira de Castro

71 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Entrei na nossa instituição em janeiro de 1974. Inicialmente fui orientador desportivo, seguido de professor colaborador, para depois ter acesso ao plano de carreira docente vigente. Atualmente sou professor titular e emérito.

O que a UnB representa na sua história?

Minha história de vida se confunde com a da nossa linda Universidade. Lá me conheci melhor ao compreender minhas limitações e potencialidades como humano. Tive o prazer de conhecer meus melhores amigos e colegas o que me levou a ter relacionamento com eles de ordem acadêmica, afetiva e social. Mais importante ainda, o destino de conhecer minha esposa Jane e com ela constituir minha família de três (3) filhas e quatro (4) netos.

Destaco também a oportunidade que a UnB me proporcionou de aprofundamento no campo da Educação Física em nível de especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.

Quanto à nossa valiosa UnB, a vejo como um centro de excelência em ensino, pesquisa e extensão, e que, acima de suas instalações, prédios, equipamentos e laboratórios concebo-a como uma instituição formada, gerida, vivenciada por seres humanos que se dedicam a integralmente a ela.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Na UnB, onde ainda não me aposentei, além de professor de disciplinas de graduação, orientação de TCC e de estágio supervisionado, estou como presidente da Comissão de Reforma Curricular da FEF (Faculdade de Educação Física).

Na família, minha esposa e eu apoiamos nossas filhas na educação de nossos netos, um inclusive, morando conosco.

Estou sempre engajado em atividades físicas como promotoras de saúde e de preparação para o basquetebol, esporte que jogo até hoje participando de eventos em nível regional, nacional e internacional.

Como disse anteriormente, quando possível, leio, vou ao cinema e viajo.

Você tem algum hobby?

Sim. Ler, principalmente livros de romance e ação. Ir ao cinema. Viajar. Praticar basquetebol, natação e ginástica de academia.

Qual seu projeto de vida?

Na UnB, aprovar nas instâncias superiores da UnB o curso, em construção, de graduação em Educação Física que busca integrar as habilitações de licenciatura e bacharelado de forma inovadora.

Criar um grupo de estudo e pesquisa que trate da evasão universitária no campo da Educação Física em nível regional e nacional.

Continuar a dar suporte as famílias de minhas filhas.

Viajar...viajar muito!

Vejo o humano como um ser em construção constante, assim tenho me dedicado a saber lidar com situações que gerem ansiedade. Estou em uma fase da vida que destaco as reflexões e contemplações sobre a existência humana.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Amigos: para terem uma velhice com saúde holística, acredito que vocês deveriam considerar vários componentes dentre eles:

1. Alimentação adequada e balanceada.
2. Controle de peso.
3. Sono de 7 a 8 horas.
4. Atividade física moderada a vigorosa de três (3) a cinco (5) dias por semana. Eu, particularmente, faço em cinco (5) dias com duas (2) de musculação.
5. Baixo índice de massa corporal - IMC.
6. Plano de saúde de confiança.
7. Check-up pelo menos uma vez por ano, com seu médico de confiança.
6. Controle eficiente da ansiedade, um dos grandes males da nossa sociedade.
7. Trabalho.
8. Efetivos momentos de lazer.
9. Sociabilidade com a família e amigos. E,
10. Controle de stress.

Este último é meu problema, principalmente no basquete. Antecipadamente já peço desculpas.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Que não há verdades absolutas e devemos sempre estar abertos a refletir sobre nossos valores, crenças, símbolos e veracidades. Meu amigo e ídolo Raul Seixas já dizia “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Quanto à UnB, concordo com uma das frases presentes no seu Guia do Estudante quando diz “Ah... UnB, Sua Linda! Meu orgulho é você”, porque formada por gente que sonha, que se entrega e que faz acontecer. É um somatório de histórias e de vidas que se cruzam, de talentos que se complementam e de realizações que vão além, muito além da sala de aula.



Ivonette Santiago de Almeida

72 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

São duas entradas na história da UnB, uma como aluna e outra como professora.

Como aluna:

De Teófilo Otoni-MG, cidade onde nasci e vivi até 22 anos, migrei para o Planalto Central em 17 de março de 1966. Na cidade natal, atuava como professora e tive oportunidade de conhecer o método de alfabetização Paulo Freire, sendo supervisora no Movimento de Educação de Base (MEB), de 1963 a 1965. Por exigência da Ditadura Militar de 1964-1985, o MEB foi extinto em 1965. Motivada a continuar os estudos, migrei para Brasília-DF, na data citada acima.

Em outubro de 1965, cheguei em Brasília, fiquei encantada em ver a cidade nascendo. Nessa mesma ocasião, prestei concurso público, mudei de imediato para Brasília e tomei posse na função de professora do Ensino Fundamental e Nível Médio da Secretaria de Educação

e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, como era denominada à época. Morando de favor na Superquadra Norte 403 Residencial, caminhava com frequência até o Campus Universitário para conhecer a Universidade de Brasília (UnB). Era um dos poucos lugares interessantes que tinha acesso à época, o Campus da Universidade, também em processo de construção. Apaixonei-me pela UnB, amor à primeira vista. O campus da UnB foi e continua sendo celeiro de muitas reflexões apaixonadas de expressões de liberdades e autonomias de conhecimentos e de ser-e-estar. Ver uma cidade nascer e junto com ela ver e viver o nascer de uma universidade foi sem dúvidas um privilégio inédito no país e no mundo.

Em dado momento, descobri que podia ser aluna especial em algumas disciplinas disponíveis naquela ocasião. A partir deste entendimento escolhi fazer parte deste privilégio e prestei vestibular para o curso de Letras, enquanto me preparava para o vestibular do curso de Medicina. No curso de Letras, cursei as disciplinas de Introdução à Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Nasceu o sentimento que me fez autodenominar “cidadã do campus” e declarar sempre Amor e Paixão pela UnB.

Na tal disciplina de Crítica Literária, o professor mandou que os alunos escolhessem um autor brasileiro e fizesse uma crítica literária. Eu havia assistido na ocasião a peça Alto da Compadecida de Ariano Suassuna. Intempestivamente o escolhi e me tomei de espanto quando o professor usou a expressão “você está louca?” Ele deu um tempo para que eu mudasse de ideia. Surpresa e sem entender o porquê da repreensão achei melhor não mudar de ideia e perguntei o motivo do desaconselho dele, ao que me respondeu que eu, em Brasília, não acharia suficiente material de consultas pois o escritor Ariano Suassuna detestava críticos literários. Na rebeldia silenciosa resolvi fazer uma carta ao Ariano solicitando ajuda caso tivesse material a respeito. Tinha alguma esperança e a teimosia de não desistir.

Nas férias de julho de 1967, permaneci no campus, aproveitei para fazer um breve curso de “Iniciação Teatral”. Pasmem, um dos professores



era Ariano Suassuna. Ele se apresentou, deu a aula e ao término perguntou se alguém ali conhecia uma aluna de nome Ivonette e eu levantei a mão dizendo que conhecia. Os colegas se ausentaram da sala e ele então me disse que queria entregar-lhe um envelope. Aproximei-me dele e disse que era eu mesma. Algo inédito me ocorria, ele entregou-me o envelope onde constavam cópias de recortes de publicações a respeito de algumas de suas obras. Num gesto de generosidade disse-me que era seu desejo que a UnB sobrevivesse às ameaças de extinção por parte da ditadura militar de 1964. Emocionada, recebi o material e segui o desafio às exigências do mestre que anunciava que só receberia os trabalhos até meia noite de tal dia marcado na programação. A sala do professor de Crítica Literária era no subsolo do prédio principal da antiga Reitoria, atualmente a Faculdade de Educação. Concluso o trabalho, antes de meia noite coloquei-o por baixo da porta na sala do professor, após o guarda do prédio assinar atestando o horário de entrega. Doce loucura de resistência e doce rebeldia. Surpreendente foi observar que no certificado do curso de “Iniciação Teatral” expedido pela UnB constava também nomes dos professores e entre eles o do saudoso Ariano Suassuna.

A saída de mais de 200 professores em protesto às perseguições políticas da ditadura, os dois vestibulares de 1967 geraram excedentes internos de estudantes sem disciplinas para cursar e sem professores para ministrá-las, contingentes de estudantes no campus reivindicavam seus direitos de estudar.

Nesta época, iniciaram as obras construção do ICC (Minhocão). No único auditório construído na ponta sul do ICC, reuniram-se os estudantes excedentes da Medicina e da Biologia para organizarem-se na busca de seus direitos de estudar e por aclamação elegeram a diretoria do DAICB (Diretório Acadêmico de Ciências Biológicas) de uma única chapa da qual passou a fazer parte do movimento estudantil da UnB, agregando experiência de movimento secundarista em sua cidade natal. Como aluna do Curso de Medicina, cuja formação básica nos dois primeiros anos era realizada no Instituto de Ciências Biológicas (ICB), em 1968, fiz parte do Diretório Acadêmico (DAICB) e em 1970, ao ingressar no curso



profissional de Medicina, passei a fazer parte do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas (DAIFCM).

O curso de Medicina era ministrado durante todo o dia e finais de semana algumas vezes. Assim como outros alunos, eu precisava trabalhar para estudar. Fui em busca de qualificação para dar aulas no Ensino Médio noturno e mais próximo do Plano Piloto de Brasília. Além do conhecimento em Ciências Físicas e Biológicas, precisava ter qualificação de título. A saída foi prestar provas de Exame de Suficiência na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás.

Dirigi-me a Goiânia, sem dinheiro e sem conhecer ninguém na cidade. Passei três dias em banco da praça pública da cidade estudando. Assim, consegui me habilitar e fui lecionar em disciplinas de segundo grau nas áreas de Ciências Física e Biológicas, para me manter e também ajudar a família.

Brasília, nessa época, não tinha livrarias suficientes para aquisição de livros técnicos para os diversos cursos ministrados pela UnB. A aquisição de livros dependia de vindas ocasionais de representantes de livrarias do Rio de Janeiro e São Paulo. A maioria dos estudantes não tinham dinheiro para comprar os livros. Agregavam-se em grupos afins de colegas para estudos em conjunto, partilhando conteúdos e amizades. Cotidianamente os estudantes utilizavam da Biblioteca Central da UnB para estudar. A Biblioteca Central funcionava das sete da manhã à meia noite e quinze minutos antes do fechamento de portas dava-se o sinal sonoro para que os usuários deixassem os livros nas mesas e se retirassem do local. Muitos estudantes, assim como eu, trabalhavam e eram raros os momentos que tinham tempo de estudar nos horários de funcionamento. Então, escondiam-se atrás das prateleiras e banheiros e depois que os funcionários iam embora, acendiam as luzes e passavam a noite estudando, principalmente em vésperas de provas. De manhã voltavam a esconderem-se e misturavam-se aos estudantes que chegavam.

Nesta época, posicionavam contra arbitrariedades da ditadura, em defesa de colegas perseguidos por motivos políticos, que lutavam



pela redemocratização do país e que dentro e fora da UnB, resistiam à Ditadura Militar e por isto, também, perseguidos.

A perseguição política da ditadura militar tornou-se constante durante minha vida estudantil e profissional no “exílio interno”. Em 1969, muitos estudantes foram cassados de seus direitos estudantis pelo Decreto-Lei Nº 447. No meu caso houve o desligamento do Curso de Medicina, no início do ano letivo de 1970. O ato foi feito via Ofício da Reitoria ao Diretor da Faculdade de Ciências da Saúde sem alegar os motivos, numa exclusão sumária, sem instauração de processo administrativo, nem de conformidade com o DL 447 e sem direito à defesa. Impetramos o Mandado de Segurança de Nº 231 – M, contra o ato da UnB, na Justiça Federal. Nesse, foi apresentado o motivo do desligamento “medida disciplinar preventiva” para acobertar a “motivação política e ideológica” que envolvia na realidade o fato. Obtive êxito no julgamento, em última instância, no Tribunal Federal de Recursos, com o Agravo em Mandado de Segurança nº 68062/TFR com unanimidade de votos. (Of. Nº 1674 TRF 25/06/1971). Assim foi garantido o retorno ao Curso de Medicina da UnB, em agosto de 1971.

Fui mantida por um longo período sob vigilância ostensiva de Agentes dos Serviços de Informação (SNI), sendo seguida, tanto nos locais de trabalho da Secretaria de Educação do Distrito Federal como nas salas de aula no Campus Universitário da UnB; chegando a ser perceptível por outros. Bem como, fui vítima de sequestro no meu domicílio e prisão, em outubro do mesmo ano, encaminhada ao CODI do CMP/11ª RM situado na Esplanada dos Ministérios à época, permanecendo por dias incomunicável no PIC – Pelotão de Investigação Criminal do Comando Militar do Planalto. Inquerida, a primeira indagação feita foi como obteve êxito em mandado de segurança contra a UnB, ao que foi respondido que perguntasse ao TFR.

A referida perseguição política, continuou durante sua vida estudantil, profissional e cidadã. Vivenciei o “exílio” dentro de meu próprio país, como tantos outros brasileiros e brasileiras, que permaneceram no “exílio interno” e continuaram perseguidos por estar na contra



mão dos interesses da ditadura militar no país. Até após a promulgação da Anistia Política e da Constituição Federal de 1988, os órgãos do Ex-SNI, mantiveram ativos os informes a respeito da requerente, fato evidenciado no próprio documento expedido pela Agência Brasileira de Inteligência – ABIN, com data de 22 de outubro de 2001, p. 4/4.

Como professora:

Educadora, médica, mestre em Medicina Tropical e Saúde Pública.

Em 1979, concluí o mestrado em Medicina Tropical na Faculdade Ciências da Saúde, atuei pela UnB na Unidade Integrada de Saúde de Sobradinho (UISS) e Medicina de Comunidade em Planaltina UnB e SES DF. Época em que me afastei do Campus UnB, indo trabalhar no Ministério da Saúde na Secretaria de Planejamento onde já borbulhava ideias e experiências preliminares de sistemas de saúde como o PIASS – Programa de Interiorização de Saúde e Saneamento básico e futuro SUS. Meu desejo era carreira docente em saúde educação, preferencialmente na UnB, contudo naquela ocasião não havia concursos e as seleções eram feitas pela administração central (critério Capitão de Mar e Guerra) onde sinalizavam rejeição com carimbos “currículo não recomendável” pois os critérios passavam pelo crivo político-ideológico conforme “ordens superiores” na Ditadura de 1964/1985.

Em 1982, tomo conhecimento de que a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) abria concurso para uma vaga de docência em Medicina Preventiva e Comunitária. Prestei o concurso, classificada em primeiro lugar, de imediato mudei de cidade e tomei posse como docente na UFU em outubro do mesmo ano.

Trabalhei na UFU de outubro de 1982 até março de 1986, quando fui transferida para a Universidade de Brasília, lotada na Faculdade Ciências da Saúde (FS). Fui muito feliz em Uberlândia e convivi com colegas competentes e interessantes. Contudo o sentimento de cidadã do campus da UnB fez aflorar muita emoção pelo retorno. De retorno, decidi fazer uma caminhada no ICC, onde vi nascer viga por viga, onde transitavam estudantes, professores, funcionários e visitantes. Parecia



ouvir as vozes sussurradas, em levantes de clamores, vozes com palavras de ordem e chamadas para concentrações, assembleias e passeatas de protestos.

Na ponta do ICC Sul deixei os sapatos e fui descalça caminhando até a ponta norte e retornei, na esperança de encontrar ali meus sapatos na ponta sul. Eles estavam lá tal como os deixei. Senti-me acolhida geofísica e afetivamente.

Fui fundadora e primeira chefe do Departamento de Saúde Coletiva, na ocasião, este vinculado à FS. Também participei de Diretorias da ADUnB 1986 a 1990 (Secretaria Geral de 1986 a 1988, vice Presidente e Presidente interina de 1988 a 1990).

Fui da Comissão de Extensão da Faculdade de Ciências da Saúde – FS/UnB (1988-1989-1990-1991-1992) e representante no Decanato de Extensão da Reitoria da UnB de 1991 a 1992.

Aposentei-me, mas continuei cidadã do Campus Universitário colaborando com estudantes e professores até o momento.

Autora de livros: Amor Cortês em Tempos de Ditaduras (2013), Diáspora e Sentimento de Migrantes (2002) e Projeto Pró Lei Orgânica do Distrito Federal – Uma breve história 1990-1992, sendo Coordenadora do projeto cuja ênfase foi a participação popular e de movimentos sociais organizados.

Autora de obras de Arte, a partir do ano de 2000. Pinturas: Telas (óleo sobre tela) e Artes Plásticas/Artesanias (materiais recicláveis). Acervo privado e doações.

O que a UnB representa na sua história?

Minha história pessoal é um misto de pessoa e cidade, pessoa e UnB, como aluna e como professora em momentos bem distintos. Considero-me, até o momento, cidadã do Campus UnB. Sinto-me altamente privilegiada por ter visto uma cidade nascer (Brasília) e uma universidade nascer (UnB) simultaneamente. Junto meu orgulho de pertencimento a ambas. Fato inédito no país e no mundo.



TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Atividades em domicílio: Artes – pinturas, Artes Plásticas e artesanias com materiais recicláveis, reciclagem e confecção de bijuterias para amigas e bazares, cantar em coral, ouvir músicas, e ir a concertos e teatros, escrever, cozinhar e meditar. Participar de manifestações políticas em ruas por direitos humanos e outros.

Você tem algum hobby?

Sim. Pinturas óleo em telas, Artes Plásticas e Artesanias com materiais recicláveis, cantar em coral, ouvir músicas, e ir a concertos e teatros, escrever, cozinhar e meditar.

Qual seu projeto de vida?

Viver é aprender, então vou vivendo e aprendendo com novas tecnologias buscando acompanhar evoluções sociais temporais. Curtir artes (cinema, músicas e danças), escrever como exercício mental e lazer, cozinhar, meditar e participar de manifestações políticas por direitos humanos e da natureza e do meio ambiente.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

A vida é uma festa e, como toda festa, há começos, finais e recomeços. São contínuos de alvoradas, entardeceres e noturnos de impermanências. Gosto de compartilhar encontros e diálogos com pessoas de qualquer idade buscando nas narrativas reflexões nos saberes, aprendendo com contraditórios, diversidades, antagonismos e saberes desafiantes antigos e novos nos modos de pensar a vida, a coletividade e o

meio ambiente. Assim, me situar no tempo e espaço. Tenho predileção no diálogo com jovens. Eles sempre me surpreendem com perguntas intempestivas que me estimulam situar no tempo e espaço. Alguns jovens me indagam onde busco energias? Respondo vocês é que me dão as oportunidades. A vida e, em especial, o envelhecer, exigem coragem, muita luta e paciência conosco e os demais. Procurar ter sonhos e desejos com os pés no chão e mente reflexiva na busca de experiências e aberturas para conhecer e avaliar informações e novos conhecimentos.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Aprendizado de não desistir, insistir, resistir e existir sempre. Todo aprendizado surge da vivência de realidades nas vidas das pessoas, de oportunidades de inclusões e exclusões vividas, de percepções de fatos e realidades sociais, contradições e reflexões que podem levar ao aprender e ensinar e vice versa. Tenho relativa dificuldade com o termo “repasse de aprendizado”, contudo importante acreditar que conhecimento liberta. Pensar e viver respirando ciências, culturas, artes e relações sociais em mundos de diversidades, pluralidades como artérias e veias de liberdades e dignidades. É preciso estar atento que informação não é conhecimento, conhecimento não é saber e saber não é sabedoria, mas o importante é transitar no caminho da vida com acolhimentos e solidariedades construindo caminhos, trilhas e veredas de razões e afetos do viver.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Num shopping, fui abordada por um empresário conhecido que me indagou se eu tinha animal de estimação? Respondi que sim. Qual?

Surpresa, a única resposta que me veio: Sim! Gente... Sua cara me pareceu de decepção. Acho que ele deve ter pensado em “pet shop” na visão de mercado do deus dinheiro e na cathedral shopping. Então aproveitei para dizer-lhe que passei a vida lidando com gente nas atividades de educação e saúde.





Carta de
Ivonette Santiago
de Almeida

Brasília, 23 de Junho de 2022

Do Projeto Memórias Intergeracionais

Sou da geração da máquina de escrever em época que se fazia uso de dactilografia e as cartas ainda eram manuscritas. Atualmente o hábito é digitar.

Hoje acordei cedo e sei que sonhei pensando nesta carta solicitada pelo projeto. No sonho refletia sobre a vida e a morte subolta num emaranhado de infinitos fios imaginários. Eu tentava desembaraçar nós, laços e redes naquele bolo de linhas, buscando pontas de inícios, meios e fim. Quis a incerteza sobre o sentido desta existência minúscula, planetária e cheia de indagações, num emaranhado de universos físicos, mentais, sociais e ambientais. Junto veio à mente a visita que fiz a um jovem casal com o filho que acabara de nascer e tinha a orientação para esclarecer possível diagnóstico de Síndrome de Down. Era muitas angústias sobre o que fazer.

O encontro foi no domicílio do casal com presença de outros familiares. Ao abordar-lhe tive como referência o porta-retrato do meu filho bebê, que confeccionei em uma tampa de cristal quebrada. Sobre o objeto ninguém duvidava ser cristal. Afirmei que todo ser humano nasce deficiente, contudo um cristal precioso. Nenhum bebê largado à própria iniciativa se desenvolverá e certa mente perecerá. Acolhimento, proteção, carinho e estímulos de outros são fundamentais para seu crescimento e desenvolvimento, aquisição



Carta de
Ivonne Santiago
de Almeida

de atitudes, habilidades e autonomia de
forma progressiva. Os protagonistas do
crescer e desenvolver daquela criança já
estavam presentes. Apresentei: Filhos?
Face visível do desconhecido. Nenhum pai
ou mãe saberá o que serão seus filhos,
apenas investem neles com atenção e amor.
O culto virtuoso do amor e proteção cria-
dora rumo a autonomias estava já
de ali, ao acolhê-lo, casal, profissionais
de educação e saúde, familiares e amigos.
Os semblantes se iluminaram. Entraram
em ação com muita dedicação e amor.
Enviarão-me fotos, uma recente, o filho
já com 2 para 3 anos cuja expressão ma-
diava felicidade.

Mas o que tem isto a ver com sonhos
de emaranhados de fios, laços e nós?
É o viver metódico do ser humano neste
planeta onde viver e existir é nada
menos que pensar em meios, meios
e fins de coisas e fatos, de relacionamentos
sociais, pessoais, científicos, literários
e ambientais, de referências trans-
geracionais que se relacionam, intera-
gem, se tornam, em contradições,
conflitos, solidariedades e se ampliam
aprendendo valores humanos, pois viver
é aprender e ensinar sempre.

Atenciosamente e com carinho especial

Almeida Ivonne Santiago de Almeida
Professora e Médica, aposentada da UnB.



Jane Alcanfor Carvalho de Oliveira

65 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Ingressei na UnB em 2009, para realização de um Mestrado Profissionalizante sobre Desenvolvimento e Comércio Internacional contratado pelo então Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (onde à época eu era servidora). Foi uma das melhores experiências acadêmicas da minha vida pois pude entrelaçar minha experiência profissional com os novos temas do comércio internacional (propriedade intelectual, serviços, comércio eletrônico, investimentos, etc.) com as disciplinas estudadas no Mestrado. O tema da dissertação, “Desafios e oportunidades para o comércio exterior de serviços no Brasil”, foi uma experiência muito gratificante para mim e para o meu querido orientador, Prof. Dr. Maurício Barata de Paula Pinto, pois conseguimos um aprendizado em conjunto, bem como divulgar um pouco mais as políticas de comércio exterior do setor terciário no meio acadêmico.

O que a UnB representa na sua história?

Apesar de minha experiência profissional, sempre quis ter um título acadêmico e a oportunidade oferecida pelo então MDIC, já aos 52 anos, foi abraçada por mim com muito entusiasmo, além da perspectiva de experiência e empoderamento profissionais a serem conquistados. Tenho dois filhos, ambos estudaram na UnB, então o reconhecimento da excelência dessa instituição é inegável.

Esse curso ajudou muito em minha trajetória profissional, bem como melhorou muito o meu desempenho e métodos de pesquisa.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Aposentei-me em 2014, aos 57 anos, e desde então, tenho prestado consultoria sobre novos temas do comércio internacional (propriedade intelectual e serviços), atuado como professora na Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) e viajado muito pelo mundo (com uma breve pausa por conta da Covid). Não tenho e nem quero, no momento, nenhum vínculo profissional.

Você tem algum hobby?

Faço atividade física e meditação, quase todos os dias.

Qual seu projeto de vida?

Meu projeto atual é viver o momento presente, com muita paz e alegria. Desejo também continuar colaborando com os movimentos pacifistas, de proteção das comunidades vulneráveis (minorias e indígenas) e com os movimentos de proteção ao meio ambiente, bem como colaborar, com minha experiência, com todos os que precisarem dela.

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

O mundo digitalizado de hoje e as redes digitais permitem um acesso muito grande à toda diversidade de informação, aprendizados e saberes. Não obstante, as experiências vividas através dos anos são fundamentais na construção dos pilares da sabedoria, experiência e sensibilidade.

A velhice, ou melhor idade (um nome mais gentil), não deixa de ser também um estado de espírito. Se o espírito foi investigativo ou jovial a vida toda, não há, a meu ver, um marco na vida que interrompa suas tendências. Com o passar dos anos e o acúmulo de vivências e experiências, nossas qualidades (e muitas vezes nossos defeitos) são ainda mais refinadas. Isso porque tendo vivido várias situações com várias pessoas (e também conosco mesmas), nossa mente fica mais robustecida e familiarizada para recepcionar e absorver os inputs desse novo mundo.

Porém, conheço muita gente que, ao avançar em idade, se fecha alegando “não ter idade mais para isso”. Então, é de suma importância se integrar a todas as boas iniciativas em curso, que nos deem satisfação e alegria, com a consciência plena de que ainda temos muito a contribuir com a sabedoria adquirida com a velhice. Esse processo de entrega não só nos permite aprender como também ensinar, nos fazendo sentir integradas e plenas.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Foram muitos aprendizados, mas o mais importante de todos, aprendi com meu pai. Enfrentei vários desafios pessoais e profissionais ao longo desses anos e achei que não teria capacidade de superar, com relativo êxito, muitos deles. Eu sempre me aconselhava com o meu velho e ele sempre me dizia “faça o melhor que você puder” e, mesmo achando impossível, dava tudo certo no final!

A mensagem que eu gostaria de deixar para as novas gerações seria então, não se subestime, principalmente não subestime sua capacidade de vencer os desafios que se lhe apresentarem durante a vida. Levem com alegria e garra seus projetos e os frutos serão colhidos com certeza.



José do Egito Candeira Marinho Junior

70 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Como servidor e como instrutor de Matemática. Contribuindo para o projeto “Educação de Jovens e Adultos”. PROCAP/2000/2002.

O que a UnB representa na sua história?

Muito aprendizado. Principalmente em momentos difíceis.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Continuo em pleno exercício, servidor ativo na UnB, lotado no CEAM (Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares).

Você tem algum hobby?

Caminhada.

Qual seu projeto de vida?

Viver o melhor com minha família.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Não sei quando exatamente começa ou termina uma fase da vida. Envelhecer é reconhecer o processo natural e grandioso da velhice, que torna a vida mais leve, mais saudável e mais proveitosa. Estou aprendendo e tenho a consciência e o convencimento das transformações pelas quais todos os sobreviventes que chegarem à velhice vão passar.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Na vida, em qualquer circunstância, seja você mesmo, pois, não podemos ser e não ser ao mesmo tempo.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

As questões, de maneira objetiva, foram suficientes para criar meu Memorial.



José Geraldo de Sousa Junior

75 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Já antes de conhecê-la, chegando em Brasília (1971) e descobrindo a univer(c)idade. Depois, na advocacia de cidadania e defesa das garantias constitucionais, em tempos sombrios (Ditadura), participando das ações da Ordem dos Advogados em defesa da universidade sempre sob investida autoritária, com ocorrências graves ao seu projeto e à sua comunidade. Depois, como aluno de pós-graduação, a partir de 1978, na Faculdade de Direito. Em seguida (1985), sendo admitido na UnB, na redemocratização, no Reitorado Cristovam Buarque, primeiro como procurador-geral (PJU) depois como chefe de Gabinete do Reitor e, finalmente, também desde 1985, admitido como docente (1985) até hoje (aposentado como professor titular na compulsória dos 75 anos) mas permanecendo como pesquisador voluntário sênior. Nesse ínterim, exercendo atividades de gestão, desde coordenador – graduação, pós-graduação), diretor de unidade, reitor (2008-2012), nessa condição, atuando ou presidindo todos os Conselhos de Unidade e Superiores da Universidade.

O que a UnB representa na sua história?

É minha própria história e eu sou parte de sua história. É minha mais definida identidade social.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Continuo a docência e pelo acumulado, com alguma projeção, que me abre interlocução cultural e política. Tenho colunas permanentes em meios de comunicação o que amplia meu auditório e no modo presencial mantenho um diálogo interativo com um público muito extenso. Tendo sido reitor, me recuso exercer qualquer outra atribuição pública senão a de ex-reitor, mas não me furto de atuação honorífica ou benemérita em organismos civis: Ordem dos Advogados, Comissão Justiça e Paz (Arquidiocese), Instituto dos Advogados Brasileiros (fundado em 1843).

Você tem algum hobby?

Até 3 anos atrás futebol society; atualmente, caminhadas ao ar livre.

Qual seu projeto de vida?

Projeto de vida eu o compreendo como uma categoria do bem viver. O que me constitui nesse entendimento é contribuir para compreender as condições de dignidade da existência, notadamente em sentido coletivo e social. O que procuro realizar por meio das dimensões que agregam os fundamentos e princípios desse projeto: democracia, cidadania, justiça e direito/direitos humanos. A síntese desses fundamentos se concentra num programa teórico-político que co-organizo há 30 anos: O Direito Achado na Rua.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Em 40 anos de docência, cumprindo todos os fundamentos – ensino, pesquisa e extensão – tendo a leitura e a escrita como hábitos diários e ainda, mantendo ativo o engajamento acadêmico e associativo, estou disponível para a troca cotidiana ensinando, aprendendo, desaprendendo (como diz Manoel de Barros em Didática da Invenção) e de novo ensinando.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O ganho biográfico que conhecimentos, saberes e vivências me fizeram “acumular”.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Apenas para indicar o endereço da plataforma na qual estão organizados os fatos principais desse projeto de vida:

www.odireitoachadonarua.blogspot.com



Carta de
José Geraldo
de Sousa Junior

1ª querida UnB,
Estas mesma universidades é realgar uma etapa
de um projeto de vida que são de caráter e iden-
tidade.

As universidades, reunidas, no entanto e
mais novas no Brasil, ainda são distintas de
maneira de povo.

May não é o caso de minha universidade,
UnB, minha alma mater. A universidade
"nascida" que Darcy e Anísio propuseram para
a partir a liberdade que se deve ter com o
povo, em a sociedade.

Devante padre, na meu xil por você,
que vê-la também "emancipatória",
capaz de acolher e de suportar também projetos
novos e de vida.

É o que a fez única. Participa de um
história como na origem; mas diversa, singular,
no destino: uma universidade nascida e
emancipatória.

Com amor (filial)

José Geraldo



**José Mauro
Barbosa Ribeiro**

69 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em 1972, no curso de Arquitetura e Urbanismo (FAU-UnB).

O que a UnB representa na sua história?

Espaço de aprendizado profissional e de vida!

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Esperar o Covid passar!

Você tem algum hobby?

Em casa, escondido da Covid!

Qual seu projeto de vida?

Continuar colaborando pelo aperfeiçoamento civilizatório, especialmente, nas áreas afetivas e estéticas!

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que a vida segue e que não há verdade absoluta, principalmente no contexto atual!

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Perseverança, resiliência e coragem para enfrentar a velhice nesse contexto de mudanças.



José Walter Nunes

73 anos | Atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Entrei como estudante em 1971, saindo em 1975 após concluir graduação em Ciências Sociais (Sociologia) e um curso de pós-graduação (especialização) na área de urbanismo. Em 1991, retornei à UnB como profissional, lugar que representou um porto seguro para mim e também para vários colegas pesquisadores, naquele momento perseguidos pelo governo Collor na Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró-Memória, hoje IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

O que a UnB representa na sua história?

Tudo! Um lugar de ampliação e aprofundamento do olhar nos campos epistemológico, poético, estético e vivencial.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sigo tentando concluir o projeto de pesquisa Línguas em Contato que trata: a) das memórias, histórias e imagens dos povos e comunidades tradicionais de origem germânica no estado do Espírito Santo; e b) das influências africanas no português de expressão brasileira, a partir das memórias e experiências estéticas de comunidades quilombolas e de terreiros. Continuo com minhas últimas atividades de orientação: três teses de doutorado e uma de mestrado (temáticas da cultura negra brasileira).

Você tem algum hobby?

Realizar atividades físicas e mentais (yoga, meditação, correr, caminhar, nadar).

Qual seu projeto de vida?

Seguir cultivando a beleza e a poesia dos afetos positivos que aumentam nossa potência humana: amor, carinho, ternura, humor, fraternidade, justiça, igualdade, generosidade, solidariedade, espiritualidade...

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Digo que a construção de saberes, conhecimentos e afetos é um processo permanente em que as experiências do presente dialogam com as experiências do passado, resultando daí outros modos de conhecer, viver e sonhar a que podemos chamar de atualização, força rejuvenescedora e transformadora que transcende os ciclos biológicos da vida!

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Ter sempre disposição, serenidade, crítica e projeto para recomeçar, sem ressentimento!

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Obrigado por este convite para participar deste importante trabalho de pesquisa, espaço de memória que amplia nosso diálogo acadêmico.



Carta de
José Walter
Nunes

Carta em comemoração aos 60 anos da Universidade de Brasília

À Universidade de Brasília, instituição que nunca envelhece, porque renasce todos os dias, parabênzo pelo seu aniversário de sessenta anos! O legado de seus pensadores-fundadores, especialmente Darcy Ribeiro, e de todos e todas que vieram posteriormente e aqui seguem produzindo, conforma um patrimônio científico, técnico e artístico cultural sempre em movimento, verdadeiro escudo da liberdade e da transformação político-social!

Comemorar é rememorar e gratidão diz respeito à alteridade, ato de reconhecimento do outro em sua vida. Como toda instituição é constituída por pessoas, na minha trajetória foi nesta instituição que dei meus primeiros passos acadêmicos como estudante de sociologia, por isso agradeço aos professores, colegas estudantes e demais funcionários. Anos depois retornei como profissional, num momento de tempestade política – governo Collor – sendo acolhido pela generosa e sensível historiadora Profa. Dra. Adalgisa Maria Vieira do Rosário, eternamente grato a ela.

Gratidão também às colegas e aos colegas docentes do Programa de Pós-graduação em História/PPGHIS e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional/PPGDSCI, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares/CEAM. Especial gratidão à Profa. Nancy Alessio Magalhães, pelo longo convívio, troca de experiências e produção acadêmica conjunta que culminaram na refundação do Núcleo de Estudos do Centro-Oeste/NECO em Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória/NECOIM.

Memórias e histórias essas somente possíveis na UnB, espaço-tempo aberto, diverso e plural de criação e recriação de conhecimentos e saberes, sendo assim, de recriação da arte de viver em sociedade, sempre em movimento, sem fim! Viva a UnB!



Prof. José Walter Nunes



Leda Del Caro Paiva

89 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

No início da década de 1970, fui convidada para trabalhar no Plano de Inclusão do Serviço Social da UnB. Depois disso mantive vínculo de colaboradora. Em 1975, por um processo de seleção, fui admitida como professora. Estive no Campus em Aragarças de 6 de julho a 19 de agosto de 1981, em substituição do Professor Carlos Alberto Vieira, em férias. Participei de atividades na comunidade e tive a certeza de que queria ficar ali, assumir o compromisso de viver intensamente aquela realidade. Retornei a Brasília, ao Departamento, às aulas, aguardando retornar e viver o tão desejado sonho de ver, participar e realizar a descida da universidade até à base. Fui nomeada diretora do Campus em 2 de fevereiro de 1982 e, no dia 6 de fevereiro, deixei Brasília rumo à minha nova morada. Nessa ocasião, já se preparava a transferência do Campus Avançado de Aragarças para Nova Xavantina. Foi um trabalho intenso, alegrias, desânimo, encantamento, planejamento, apoio da comunidade, funcionários, amigos, dos estudantes que participavam do

Projeto Rondon e dos colegas professores, foi a realização de um sonho. No dia 2 de abril de 1984, deixei a direção do Campus e retornei ao Departamento de Serviço Social, à sala de aula com a minha mente e o meu coração abastecidos com a vida na terra, no contato direto com o povo (do chão até o ponto máximo da elaboração do conhecimento).

O que a UnB representa na sua história?

Uma grande paixão. Amo muito porque eu circulava na UnB como andava na minha casa, onde me encontrei plenamente.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Proibida pelas circunstâncias, a vida ainda explode dentro de mim e tenho de fazer um exercício muito grande para não me anular, ler alguma coisa que faça sentido. Frequentava grupo de terceira idade, viajava, mas a pandemia da Covid-19 me fez ficar em casa. Reunião das tecedeiras da família (Ateliê Del Caro), momento de encontro, de conversa, trabalho para doação. Faço sapatos de tricô para idosos do asilo.

Você tem algum hobby?

Leitura, atualmente, por audiobook, porque minha visão está muito limitada. Fazer tricô para doação (para quem está no caminho final da vida). Desenhar e pintar. Mas, no momento, porque estou com uma deficiência visual, só posso pintar, e por isso estou aprendendo uma nova técnica que o Edmar de Almeida, meu amigo, indicou de um artista chamado Mark Rothko.

Qual seu projeto de vida?

Acabando a pandemia, quero retornar para o grupo de terceira idade da paróquia e me engajar em uma instituição que preste serviço de ajuda (em locais de apoio que as pessoas precisam conversar). Continuar a caminhada na partilha de vida, dar e receber. Tenho um

projeto de me envolver com as plantas, com a natureza, para experimentar a totalidade do mundo, na vibração da vida. Não somos independentes, somos a relação com plantas, árvores, luz e sombra. Tinha vontade de abraçar as forças da Natureza, porque somos resultado de tudo isso, principalmente, das árvores.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Envelhecer é uma parte da vida, é uma perspectiva de vida. Precisamos de estudo para apoiar o envelhecimento com saúde, com vida. É uma etapa a ser vivida com os cuidados necessários.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Saber ouvir e acolher o outro, porque todos precisam desse dom. É o dom mais profundo: cultivar a acolhida do outro. Acolhida é receber com respeito.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

A UnB é como uma chama que irradia luz para todos os lados. Ela nasceu para ser preciosa! Ela é! Juscelino era um sonhador, ele não queria muita coisa para si mesmo, e a universidade tem esse espírito. Só que ele pôs lá dentro elementos que garantiram a solidez desse conhecimento: Anísio Teixeira, os professores... A vida se faz de trocas, e essas experiências continuam nesse momento (aqui). Para mim, o marco

mais forte foi quando estive no Campus Avançado, tudo que lá vivi tem sentido e dá o tom do encantamento para o meu viver hoje.

A experiência mais apaixonante que vivi como professora está relatada na Revista PARTICIPAÇÃO de Extensão da Universidade de Brasília, ano 17, nº 30, julho/2017. Conto como foi o tempo no Campus Avançado do Médio Araguaia no período de 1982 a 1984.





Lenora Gandolfi

72 anos | Em exercício profissional, aposentadoria, atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Entrei como médica ainda estudante, fazendo residência médica em 1975. Fiz três anos de residência e logo após, em 1978, fui convidada a ser professora de Pediatria.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB foi sempre muito importante na minha vida. Sempre envolvi a UnB na minha vida, porque fui uma professora envolvida com os alunos e projetos.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Na UnB, fiz estágios, fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado. Procurei sempre fazer projetos, envolvendo alunos de vários cursos,

diferente da medicina, envolvendo pacientes e famílias de várias comunidades carentes.

Você tem algum hobby?

Gosto de fazer caminhadas.

Qual seu projeto de vida?

Meu projeto atualmente é continuar trabalhando com pessoas, mostrando a importância do amor de Deus, em Cristo, e também trabalhar com pessoas que precisem de cuidado médico.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Sobre relacionamentos, sobre o amor e sobre Deus.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Queria repassar a importância do amor, especialmente aos mais carentes, e a importância de trabalharmos com as famílias carentes.



Minha Vida na UnB:

Lenora Gandolfi, Professora Emérita da UnB

Sempre trabalhei na UnB...E, ASSIM minha vida foi sempre ligada a UnB, nunca fui da Secretaria de Saúde e nem do INAMPS.

Formei em Medicina na UFSC (Federal de Santa Catarina) em 1974 e fui para BRASÍLIA fazer residência Médica, na UISS, em SOBRADINHO (UnB). Fiz 3 anos em Pediatria Geral e estava terminando quando fui contratada como Professora de Pediatria com Dedicção Exclusiva. Só mais tarde que fiz Mestrado e Doutorado (na Escola Paulista de Medicina), em São Paulo. Como tinha feito um Estágio em Gastro Pediatria no Hospital de Base, meu Mestrado e Doutorado foi em Gastro (Diarréia Infecciosa e suas Complicações). Em 1997/1998 fui fazer Pós Doutorado na Itália. Fomos estudar Doença Celíaca na "Università degli Studi de Ancona". Meu marido (Dr Riccardo Pratesi) foi comigo e fez também o Pós Doc. Estudamos a Doença Celíaca com o Dr Prof. Carlo Catassi e trouxemos o "Diagnóstico Sorológico da Doença Celíaca" para o Brasil. Montamos o Laboratório de Doença Celíaca na Faculdade de Saúde/Medicina em 1999.


No final de 1998 abri o meu Ambulatório de Doença Celíaca no HUB (Hospital Universitário de Brasília). Aberto à Comunidade do Distrito Federal e atualmente temos um Ambulatório às Terças, pela manhã e acompanhamos 705 Celíacos.

Na Itália, além de estudar Doença Celíaca (DC), trabalhei no Hospital e conheci o trabalho com as Famílias Carentes, que era desenvolvido, com o Grupo de profissionais da Saúde que fazia "Saúde da Família". Os Médicos, Enfermeiros e Dentistas iam na casa da Família, e faziam o Atendimento dos familiares na própria residência. Quando voltei ao Brasil, final de 1998, além de Abrir o Ambulatório de DC, nas Terças, e ajudar o Pratesi na Criação do Laboratório, fui ao Decanato de Extensão para começar o Projeto "Saúde Integral em Famílias Carentes do DF". Comecei a Divulgar o Projeto nos Cursos da Saúde, e ofereci à Igreja Presbiteriana. No final do primeiro ano já tínhamos "lista de Espera" para a participação de alunos. Começou o Projeto Educação, porque enquanto atendíamos os adultos, as crianças ficavam com duas "professoras", que contavam histórias e brincavam. E, logo, logo, o Projeto Educação se desenvolveu no Recanto das Emas, e na Estrutural. Os responsáveis eram da Igreja Presbiteriana. Em resumo: Às Sextas íamos com "Projeto Educação", que nos últimos anos acontecia na Estrutural, nos "Menores Infratores" e na Estrutural. E, nos Sábados a Tarde visitávamos as Famílias Carentes de Santa Maria (a líder separava 6 famílias carentes para a nossa Visita). Da Estrutural, De Recanto das Emas, São Sebastião e quando havia quinto Sábado, Sol Nascente (Ceilândia).

Em 2004 ofereci como Disciplina da Pós Graduação, na Pós Ciências Médicas e Ciências da Saúde. E tudo transcorria muito bem, com apoio dos Profissionais da Pós.

Tive muitos Orientandos (em Mestrado e Doutorado), sempre da Ciências Médicas e da Saúde. Foram onze Mestrandos que receberam o "Grau de Mestre" e doze o "Grau de Doutorado" (após a Defesa de suas respectivas Teses).

06/04/2022


Prof. Dra. Lenora Gandolfi
Matrícula 95915
CRM-DF 1957



Liana Fortunato Costa

74 anos | Aposentadoria
e atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Em 1986. Vim em busca de conhecimento, saber mais para melhor trabalhar.

O que a UnB representa na sua história?

Uma história de amor que não estava programada.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Trabalhar, nadar, estar com pessoas amigas, bordar, estudar, tentar estar com meus filhos, rezar.

Você tem algum hobby?

Bordado, patchwork.

Qual seu projeto de vida?

Continuar tudo que tenho feito e voltar a viajar.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Continue trabalhando, meditando, exercitando, vivendo, viajando, estando com pessoas.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Amar ao próximo, trabalhar.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Só agradecer tudo que recebi da universidade.



Carta de
Liana Fortunato
Costa

Agradeço de coração poder participar desta comemoração dos 60 anos da UnB. Agradeço a Deus a oportunidade de ter, nessa vida, trabalhado nesse ofício de ensinar. Agradeço aos alunos as perguntas que fizeram, as questões que incomodaram, as dúvidas que foram desafios, os confrontos que trouxeram riqueza, a ousadia, a impaciência que renovou a paciência, o entusiasmo e a juventude que lembraram a minha própria experiência jovem e sonhadora, e ainda a infantilidade e o amadurecimento que me fizeram transitar nos papéis de mãe a adolescente, mas que não permitiram a cristalização frente a tantas pressões e responsabilidades.

Agradeço à Universidade de Brasília que me proporcionou a grande oportunidade de poder crescer e sustentar meus filhos, ao mesmo tempo que pude trabalhar em benefício de seres humanos. Gostaria de trazer as palavras de Gabriela Mistral em seu poema "O Prazer de Servir": Toda a natureza é um desejo de serviço. Serve a nuvem, serve o vento, servem os vales. Onde haja um árvore para plantar, planta-a tu; onde haja um erro para emendar, emenda-o tu. Sê aquele que afasta a pedra do caminho, o ódio dos corações e as dificuldades de um problema. Existe a alegria de ser bom e o prazer de ser justo; existe, sobretudo, a sublime, a imensa alegria de servir. Como seria triste o mundo se tudo já estivesse feito; se não houvesse um roseiral que plantar, uma empresa que iniciar! Que não te atraiam somente os trabalhos fáceis. É tão belo fazer uma tarefa a que outros se esquivam! Mas não caias no erro de que só se conquistam méritos com os grandes trabalhos; há pequenos serviços que são imensos serviços: adornar a mesa, arrumar as cadeiras, espanar o pó. Aquele é o que critica, este é o que destrói; sê tu o que serve. O serviço não é só de seres inferiores. Deus que dá o fruto e a luz, é primeiro a servir. Poder-se-ia chamá-lo assim: AQUELE QUE SERVE. E Ele, que tem os olhos em nossas mãos, nos pergunta todo dia: "Serviste hoje? A quem? À árvore, ao teu amigo ou aos teus familiares?"

Liana



**Lisane de Meira
Lima Gesteira**

62 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em janeiro de 1978, e fiquei até dezembro de 1981 como aluna. Teve momentos tensos de greve, mas os estudantes de Biblioteconomia, ficavam mais no departamento, afastados da movimentação universitária. Muitas amizades foram cultivadas nesse tempo e mantemos contato até hoje. Foi uma fase de vida bem empolgante.

O que a UnB representa na sua história?

Orgulho de ter estudado na Universidade Federal com bons professores e ser muito bem formada.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Voltando às atividades presenciais físicas e a viajar com meus pais. Aprendi a cozinhar nesse período da pandemia.

Você tem algum hobby?

Canto, música, viajar, Coral do Senado, cinema, filmes, leitura de romances, tomar banho de sol.

Qual seu projeto de vida?

Não tenho. Estou procurando, porque estou envelhecendo e meus filhos não precisam mais de mim. São adultos e têm sua vida própria. Penso em voltar a estudar, aprender uma língua nova. Voltar ao inglês para ter mais segurança para viajar para o exterior.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Tenho pensado muito sobre o envelhecer. Diria para buscar se atualizar no conhecimento, ser útil em qualquer situação.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A gente não se planejar para o futuro, aceitando o presente como ele é. Viver o hoje, curtir a vida no modo como ela vai apresentando.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Pesquisas são muito convenientes, muito importante para pensar sobre o envelhecimento. Chegar ao fim da vida sem estar feliz, sem ver que fez algo de bom, sem pensar no bem-estar da idade é triste. Essas pesquisas fazem pensar em dar valor à saúde, a envelhecer com saúde em todas as áreas.





Maria Auxiliadora Cesar

76 anos | Em exercício profissional, aposentadoria, atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Nasci em Cuiabá-Mato Grosso, meus pais empenhados na educação das duas filhas, inicio meus estudos na escola pública, e, casada e com a primeira filha, concluí o curso secundário e, concomitante ao ingresso, em 1971, no curso de Serviço Social da nascente Universidade Federal de Mato Grosso, apoiava a um tio Salesiano, nos trabalhos comunitários em bairro pobre de Cuiabá, com denúncia das desigualdades e injustiças sociais, que considero o início do despertar da consciência social e política.

Assim, esse simples resumo pode explicar a minha trajetória da UnB a seguir descrita, e os passos e espaços institucionais que percorri desde 1972, quando, por motivos familiares, já com duas filhas, mudo para Brasília, transferindo-me para o mesmo curso de Serviço Social, este incorporado da iniciativa privada, pela Universidade de Brasília, no ano anterior.

Logo que chego na UnB, como aluna, integro-me à luta estudantil de resistência à intervenção militar contra as perseguições e prisões de estudantes e professores, com ocupação policial militar no campus da UnB. Em 1975, com mais um filho, ingresso no curso de Sociologia, por dupla opção, modalidade existente à época. Em meio a uma intensa greve com ocupação policial militar na UnB, concluí o curso de Serviço Social em 1976, e no ano seguinte, o de Sociologia com o trabalho de conclusão “Evasão escolar no Plano Piloto e na Ceilândia: uma situação desigual”, aprovada pelos professores Mireya Suarez, Ana Maria Fernandes e Fernando Correia Dias. Ambas formaturas foram em clima de protestos. Em 1977, ancorada na formação profissional teórico-prática e aprendizados da militância política, com dois diplomas, trabalho por quase dez anos na extinta Fundação de Serviço Social, confrontando-me com as contradições do Governo do Distrito Federal, tentando criar práticas democráticas de gestão pública, vinculando-me ao Senalba – Sindicato dos Empregados em Entidades Culturais, Recreativas, de Assistência Social, de Orientação e Formação Profissional do DF, nas lutas trabalhistas. Da reflexão crítica desse período resultou uma pesquisa de coautoria, publicada em livro “Sobrevivência: aspectos das condições de vida dos menores trabalhadores de rua no Distrito Federal”. Sem nunca deixar a vinculação com a UnB, participo de cursos de extensão, de palestras, em eventos e outros, o que culmina, em 1984, com a formação como Especialista em Política Social pelo Departamento de Serviço Social, cuja pesquisa monográfica final “Brazlândia e o direito de morar”, foi realizada no calor da luta de inquilinos, em Brazlândia, hoje Vila São José. Significou uma retomada de reflexão teórico-prática. Concomitantemente, na efervescência política de 1979 a 1983, participo de um grupo que funda, em 1979, a Associação dos Sociólogos do DF, e fiz parte da Diretoria do Crass – Conselho Regional de Assistentes Sociais, atividades que guardavam articulação com a Universidade. Conjugando essa participação ao movimento “Pelos Diretas já e Pela Anistia”, participo da fundação do Partido dos Trabalhadores no DF e como delegada do Congresso da Central Única dos Trabalhadores-CUT,



em 1983. Importante foi a participação na constituição da Frente Cultural de Brasília (1980-1983), na qual estavam professores da UnB, com realização de eventos sobre América Latina e Paulo Freire, que resultaram em publicação.

O que a UnB representa na sua história?

Complementando a resposta anterior, em 1987 volto a UnB como professora substituta e logo depois participo de concurso e passo à professora auxiliar. Nessa universidade, já vivi a maior parte da minha vida: 50 dos 75 anos vividos e nutridos desta experiência.

No mundo acadêmico, retomei constantemente, com o devido processo de crítica e de análise da realidade e do processo histórico, a matriz teórica eleita desde os tempos da graduação, tanto em Serviço Social como em Sociologia, informada pela prática institucional e política, fundamental para compreender e buscar a transformação de uma realidade contraditória, resultado de múltiplas determinações, munida do apreendido nas leituras de livros e textos e do método de interpretação da realidade de Karl Marx.

E assim, a UnB, como parte integrante de minha vida, trouxe um aprendizado necessário, tanto para a vida pessoal, como para a profissional, calcada em todas as vivências e experiências que me proporcionou e refleti sobre elas, com um coletivo de saberes e aprendizados. Na UnB, o Departamento de Serviço Social, o CEAM e a ADUnB-SS marcaram e marcam momentos fundamentais desta minha trajetória, cada qual com suas particularidades: o contato com grupos das comunidades do DF, o exercício da interdisciplinariedade, a luta pelos direitos políticos e sociais e, no todo, um caráter revolucionário da prática pessoal e profissional, buscando a construção de uma sociedade justa e solidária. Foi por meio dos coletivos dessas instâncias, articuladas a outras, que fui desvendando diversos universos de estudo, desde projetos comunitários em outras regiões do Brasil, através da Cáritas Brasileira, como pesquisas e engajamento em trabalhos que denunciavam a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de mulheres e a situação



de mulheres presidiárias. A UnB proporcionou o curso de doutorado na Universidade de Havana, nos anos 1990, quando retomei de maneira mais vinculante, as articulações já iniciadas em 1984, quando viajei a este país por primeira vez. No doutorado tomei o tema da mulher em Cuba como unidade de análise, ao estudar as políticas sociais, estabelecendo um contraponto entre dois tipos de sistemas, o socialista e o capitalista.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Depois de aposentada, tempo livre de horários fixos, tenho feito mais do que eu própria imaginava.

Nesse momento, desenvolvo atividades relacionadas a ensino, como professora voluntária do Nescuba/CEAM/UnB; realizo conferências e palestras online e presenciais; participo em diferentes eventos em Cuba e no Brasil; coordeno intercâmbios científicos e culturais, realizo de gestões para trâmites de Acordos de cooperação entre a UnB (Neaz e Universidade de Santa Clara/Cuba) e/ou parcerias com instituições cubanas, como o Centro de Estudos Martianos e o Centro Martin Luther King; participo do Conselho Editorial do Boletim Politizando do Neppos/CEAM/UnB; integro o Movimento Brasileiro de Solidariedade a Cuba; coordeno o "Rincão do Brasil em Cuba. Memorial Helio Dutra", do Nescuba/CEAM/UnB; participo do grupo de aposentados filiados a ADUnB-SS; coordeno a pesquisa "A participação médica cubana no Programa Mais Médicos: Polêmica, saída anunciada, impactos e perspectivas; publico artigos e está no prelo na Editora da UnB o livro "O Partido Revolucionário Cubano de José Martí: concepção ético-política original".

Você tem algum hobby?

Caminhadas, teatro, aulas de pilates e de teclado.

Qual seu projeto de vida?

No momento desenvolvo meu projeto de vida, vivo todos os momentos do que considero um processo inesgotável, sempre marcado por uma luta para construção de uma sociedade com justiça social e socialista E por isso com uma coerência nesta caminhada, apoiada por família nuclear – 3 filhos e 4 netos, amigos e amigas, coletivos, instituições, etc.

Como sou coordenadora do “Rincão do Brasil em Cuba. Memorial Helio Dutra”, projeto desenvolvido em Havana/Cuba, estou realizando intercâmbios científicos e culturais entre instituições brasileiras e cubanas; cursos de português, artesanato, capoeira; comemorações de datas históricas, recepção de brigadas de solidariedade, realização de eventos de dança e música e outros. Neste mesmo momento estamos ampliando o espaço do Rincão e assim, em plena construção, para receber melhor os muitos visitantes brasileiros e cubanos e estreitar os laços de solidariedade entre os dois países.

No meu ou nos meus projetos de vida estão presentes a vocação coletiva, a inter e a multidisciplinariedade, o compromisso social, ético-político, participativo e solidário, que orientam o meu pensamento e a minha ação.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Neste percurso de vida, sempre que há possibilidade, compartilho e gosto de compartilhar as experiências de trabalho e pessoais com todo o tipo de pessoas. Parafraseando a Hugo Chávez nós somos uma parcela da população que temos, sobretudo, experiência e juventude

acumuladas. E esse compartilhar de experiência tem uma mão dupla: cada pessoa se nutre de outra ou de outras pessoas e, trocando suas experiências e seus saberes, acumulam vida em seu sentido mais amplo e praticam o 'esperançar' de Paulo Freire, ou seja, almejar, sonhar (o inédito viável), olhar e reagir a tudo que parece não ter saída, buscar, dar sentido à vida.

Acrescento que o meu aprendizado nestes anos de vida tem demonstrado que uma das melhores maneiras, senão a melhor, é manter a produção da vida mental e intelectual sempre em interação com um coletivo de pessoas, com paixão por tudo o que é realizado, tanto nas relações com a família, com os amigos, com companheiros e companheiras de trabalho.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O que disse sobre a velhice foi e tem sido meu aprendizado de vida e, sempre que posso, compartilho com outras pessoas, de todas as gerações.



Carta de
Maria Auxiliadora
Cesar

Havana/Cuba, julho de 2022

Querida UnB

Neste ano celebramos seus 60 anos de vida de saberes, de luta e não isenta de contradições. Vida enraizada nos desafios que os tempos históricos colocam e que a motiva a superá-los e, como deve ser, coletivamente.

Sua relevante produção acadêmica é reconhecida e em grande parte de sua trajetória, jovem senhora, obteve vitórias e, apesar dos momentos intempestivos por que passou, segue firme, buscando sempre a prevalência do ideário de Anísio Teixeira, que é alimentado por um compromisso político com amorosidade.

Tem sido o "locus" do olhar inquieto das realidades local, nacional e internacional.

Preza pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como ferramentas indissociáveis e intrínsecas ao processo pedagógico, amálgama do conhecimento acadêmico e popular.

E nos tempos atuais, quando enfrentamos crises sanitária, econômica, social e política, há cada vez mais premência de intercâmbio de saberes com entusiasmo, compromisso e paixão, para criar consciência e transformar realidades adversas.

Querida UnB, espaço privilegiado de ideias, é terreno fértil para fomento de pensamento crítico e ideais libertários, expressos nas obras

e nos legados do brasileiro Paulo Freire e do cubano José Martí.

A inquietação e a curiosidade científica presentes nos seus campi fortalecem nossos princípios e convicções, assim como nossas práticas para construção de uma sociedade justa e solidária, com igualdade social.

Sinceras e comovidas felicitações, grande guerreira!

Abraça-a!

Maria Auxiliadora Cesar



Maria da Conceição
Lucas de Macedo

63 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Passei em Artes Cênicas no segundo semestre de 2021.

O que a UnB representa na sua história?

Vida, transformação, mudança.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho estudado bastante e me esforçado a cada dia.

Você tem algum hobby?

Cuidar de planta.

Qual seu projeto de vida?

Estar sempre em atividade.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

A velhice está dentro da cabeça de cada pessoa.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Olhar para a frente mesmo com todas as dificuldades.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Devemos sempre correr atrás dos nossos sonhos, mesmo com todas as dificuldades da vida. A vida é sempre uma luta constante.

Acesse os links:

Faxineira de 62 anos aprovada na UnB comemora:

“Não vou parar”

Link 1:

<https://www.metropoles.com/distrito-federal/faxineira-de-62-anos-aprovada-na-unb-comemora-nao-vou-parar>

Link 2:

https://youtu.be/6Lnh_sa-buk



Carta de
Maria da Conceição
Lucas de Macedo

A universidade de Brasília,

Uma grande cidade universitária, um mundo a ser sempre desbravado. Me sinto privilegiada de ter adentrado neste universo de novos conhecimentos e de pesquisas. Nos meus 63 anos está vivenciando um sonho que agora é real e a UnB abriu os seus braços e me acolheu me sinto contemplada por fazer parte dessa sociedade acadêmica.

Obrigada, UNB.

Brasília, 27 de Junho de 2022.



Maria Emília
Machado Telles Walter
63 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Sempre estudei, desde que me entendo por gente, para estudar na UnB. Passei no vestibular em 1977, para Matemática, curso no qual me formei em 1980. Fui servidora técnica da UnB, no Centro de Processamento de Dados (CPD), hoje Secretaria de Tecnologia da Informação (STI), a partir de 1980, por quase 6 anos. Fiz mestrado no Departamento de Matemática, tendo defendido minha dissertação em 1986. Fiquei fora da UnB por uns 2 (dois) anos, em 1986 e 1987. Como queria seguir carreira acadêmica, fiz concurso em 1988 para o recém criado Departamento de Ciência da Computação – CIC (foi criado em 1987). Depois, fiz doutorado em Ciência da Computação, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tendo defendido em 1999. Fui coordenadora de graduação, chefe de departamento do CIC, vice-diretora e diretora do Instituto de Ciências Exatas e, por fim, Decana de Pesquisa e Inovação.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB permeou minha vida desde que eu era criança, quando minhas tias fizeram sua formação acadêmica nessa universidade e meu pai foi docente da UnB. Todos os meus irmãos e seus filhos, todos os meus filhos fizeram a graduação e vários deles, pós-graduação. Hoje, após cerca de 40 anos de vivência (de 1977 até hoje, com breves interrupções), como aluna de graduação e pós-graduação, servidora técnica, docente e gestora, penso que a UnB representa um ideal e uma utopia, no sentido do Darcy Ribeiro e do Anísio Teixeira, que precisa ser conservado, preservado e reverenciado. A luta pela UnB se entrelaça com a minha própria luta de vida pessoal e me orgulho, sempre, de fazer parte desta comunidade!

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sou atualmente decana de Pesquisa e Inovação da UnB.

Você tem algum hobby?

Gosto muito de caminhar e correr.

Qual seu projeto de vida?

Cumprir, com toda a dedicação, meu período no Decanato de Pesquisa e Inovação.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

A velhice nos traz sabedoria, compaixão, compreensão das limitações humanas, aceitação e calma para lidar com situações difíceis.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A vida foi me ensinando a ser uma pessoa melhor, me trouxe a calma de aproveitar o caminho e não de buscar sempre o resultado final das minhas atividades, de aceitar minhas próprias limitações e imperfeições, de entender que os dias se alternam em coisas boas e ruins, de que cada um de nós, no seu canto, tem o dever de buscar contribuir para o mundo, do seu jeito e com o seu ritmo.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Vida longa à UnB!



Carta de
Maria Emília
Machado Telles Walter

Brasília, 2022

Celebremos os 60 anos,
da minha, da nossa Universidade de Brasília!
Linda, atuante, necessária...

Celebremos, juntos,
a Ciência, o conhecimento, a razão,
a Arte, a cultura, a sensibilidade,
o coração
o afeto, os sentimentos, a amizade,
a inclusão, o respeito, o coletivo!
Que venham mais 60 anos,
+ 60 anos, + 60 anos, ...
Infinitamente!

Maria Emília Machado Telles Walter
Professora
Universidade de Brasília



Maria Inez Machado Telles Walter

62 anos | Aposentadoria,
outras atividades

Como você entra na história da UnB?

Como aluna, em 1978, para cursar Matemática; em 1980 troquei para Estatística; depois de formada, concursada, trabalhei na minha área por mais de 30 anos até me aposentar. Eu segui profissionalmente porque, assim que me formei, entrei no Centro de Informática. Eu me formei em Estatística e passei a integrar o Centro de Processamento de Dados (CPD), que depois virou Centro de Informática e agora essa área se chama TI. Entrei lá no setor que fazia atendimento a pesquisa e pós-graduação com assessoria em Estatística. Isso foi em 1982, uma época que muita gente não mexia no computador como hoje. Hoje em dia, as crianças já nascem mexendo no computador. Antigamente não era assim, muito pelo contrário. Os computadores eram apenas de grande porte e a gente tinha uma equipe de cinco estatísticos, eu fazia parte dessa equipe e dava assessoria aos professores e alunos de pós-graduação que tinham tratamentos de dados para fazer. Isso foi uma coisa absolutamente enriquecedora para mim, como profissional, porque se atuava desde a Biologia, à Psicologia, Letras... todo mundo procurava

o CPD para fazer tratamento de dados estatísticos. Ajudávamos a montar arquivo, a fazer processamento, análise, relatório etc. Nessa ocasião foi interessante porque, a partir da experiência dessa atividade, montamos trabalhos que nós também apresentamos em congressos, seminários, eventos de divulgação e troca de conhecimento. E, com o passar do tempo, esse setor foi deixando de fazer sentido justamente por essa pulverização do uso, do aparecimento dos microcomputadores. A Informática deixou de ser centralizada no CPD, inclusive essa parte de pesquisa e pós-graduação. Aí cada departamento começou a montar sua própria estrutura. Nessa ocasião, esse meu setor foi caindo, se dissolvendo mesmo, naturalmente. Foi quando eu fiz o mestrado em Educação. Eu sou de Estatística e, estando na UnB – nessa época a gente já estava trabalhando em produção de cursos automáticos – então eu fui participar de um curso de Informática na Educação. Mas eu achei que eu aprenderia muito sobre softwares para pessoas aprenderem a mexer no computador, fazer estatística, e tal. Mas o curso era uma grande discussão sobre Educação, então Informática na Educação tinha a discussão de Educação por trás. Foi quando eu me encontrei nessa temática e comecei a me envolver no Departamento de Educação, mesmo, com professores, em particular, de educação matemática, e depois com outros, e tal. Daí, resolvi fazer um Mestrado nessa área. Eu achei que podia fazer uma aplicação dos meus conhecimentos, da experiência que eu adquiri com pesquisa, e fiz o mestrado na Educação. Acabei migrando naturalmente. É aquela história, você entra com projeto de mestrado e, no fim, você conhece tantas coisas novas, acabei migrando para educação ambiental e fiz o meu trabalho em novas tecnologias para Educação, em particular para educação ambiental. Que era uma proposta interdisciplinar, com meio ambiente. A ideia era de que fosse o mote para tratar de todos os assuntos, e tal.

E aí mudei. Não voltei para o Centro de Informática, fui para o Centro de Pesquisa de Opinião Pública, que tinha sido constituído há uns dois anos e se chamava DataUnB. Era o Centro de Pesquisa e Pós-graduação, que depois virou Centro de Pesquisa de Opinião Pública,



depois Pesquisas Sociais Aplicadas, enfim. Era nessa linha que se trabalhava lá. Aí veio o contato com a Sociologia, o diretor era sociólogo. A gente fazia pesquisa social, em particular, avaliação de políticas públicas, que foi outra coisa também maravilhosa na minha vida, viver isso, também, com discussões. Porque o “treino” na educação, acho que me permitiu abrir essa porta, das humanidades, da discussão acadêmica, de autores. A visão das exatas nem é melhor nem pior, mas é um outro mundo. Acho que, com essas experiências, eu pude ter uma vivência mais completa da pesquisa. Porque eu não estava só esperando uma base de dados para fazer minha estatística, agora eu pensava na base, eu pensava no instrumento de captação, a discussão por trás, os conceitos que estavam por trás. Então, a educação me abriu isso. Para a sociologia foi outro passo, foi outro esforço de estudar, mas eu acho que a grande mudança foi essa vivência na Educação. Dessa experiência acabei fazendo doutorado em Sociologia, atribuo isso ao fato de eu estar na UnB. Porque lá você está trabalhando com professores, com pessoas que já estavam fazendo pesquisa há mais tempo e as portas foram se abrindo para mim e eu fui entrando. Aquilo foi dando certo. Fiquei 18 anos nesses trabalhos e foi maravilhoso também. Falando da UnB, do fato de a UnB ter tudo isso, ser uma universidade e todas essas áreas estarem ali presentes, foram as oportunidades que eu tive de atuar em várias delas.

Por fim, no final da minha vida profissional (eu me aposentei em 2016, entrei em 1982 e saí em 2016), eu fui trabalhar na Reitoria, no Decanato de Planejamento e Orçamento, para trabalhar com todos os dados relacionados à UnB. Então, o Censo da Educação Superior, relatórios que tem que entregar para o TCU com dados da UnB, toda essa parte de gerar dados para e sobre a UnB ficaram sob minha responsabilidade nos últimos três anos que eu passei lá. Foi outra coisa boa demais, outra coisa muito legal de fazer, porque tive que conhecer como a UnB funcionava, coisas sobre administração, como era a avaliação dos cursos, como era a avaliação da pós-graduação, participei bastante dessas coisas... então, eu acho que fiz um passeio completo pela UnB. Desde ser



funcionária, de trabalhar para os professores, depois com os professores, depois atuar em projetos e depois, por fim, me responsabilizar em dar conta de tudo que acontece na UnB, em termos de dados: quantos alunos, quantos cursos, como é isso, como é aquilo, prestar contas, porque a UnB tem que prestar para os órgãos de controle, normalmente.

Eu acho que sou uma pessoa de muita sorte nessa questão profissional, porque tive chances sensacionais. Quando eu me formei, eu estava num estágio no IPEA, que é outro órgão bacana demais, tem muito trabalho nessa pegada acadêmica. Eu poderia ter ido trabalhar lá, porque nessa época o concurso nem era obrigatório, você tinha umas possibilidades de se integrar como servidor. Mas eu optei pela UnB, talvez pela influência do meu pai. Porque ele sempre foi um entusiasta da Universidade, de toda aquela ideia inicial. Eu peguei muito isso, sabe? Eu sou uma pessoa que sente muito orgulho de ter tido essa chance, de ter trabalhado na UnB, eu me sinto muito bem. A minha irmã está lá até hoje como Decana, já está na segunda gestão como Decana na UnB. Então, todo mundo da família passou por lá, todo mundo se pós-graduou lá. Então está em tudo na nossa vida, não só pessoal, como também profissional, de todos nós.

Eu conto isso tudo com muita alegria. Tem muita história dos próprios projetos que a gente participou, porque a chancela da UnB para algumas coisas é importante e eu tive oportunidade de trabalhar com pesquisas nacionais. Eu acho que não teria muito disso se eu não estivesse lá. Se eu tivesse ido, por exemplo, trabalhar na Embrapa, que era um lugar que na época absorvia muito trabalho de estatísticos, ou no IPEA. No IPEA eu iria mais para a parte de análise econômica, na Embrapa eu iria para pesquisa em Biologia, Agricultura, aquelas coisas. Mas na UnB não, na UnB tinha o mundo inteiro ali. Então foi bacana demais isso, essa vivência foi muito enriquecedora para mim, como pessoa e como profissional, principalmente. Devolvi para a universidade o que ela fez em mim.



O que a UnB representa na sua história?

Tudo! A minha história pessoal e profissional e a da minha família estão profundamente interligadas com a UnB. Passei 34 anos trabalhando lá e 4 anos como aluna. Os prédios bacanas, modernos, muito a cara de Brasília! Tenho orgulho de ter sido aluna e trabalhado nessa universidade. Passei 8 (oito) horas dentro da universidade por 34 anos seguidos. As oportunidades de aprendizagem e de trabalho, que tive e tenho até hoje, devo à UnB. Sou muito grata por isso.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Todos os hobbies, ler muito sobre política e falar e discutir sobre isso em um grupo de WhatsApp. Atuo profissionalmente em trabalhos de consultoria, esporadicamente, graças à experiência vivida e adquirida na UnB. Atuo em várias áreas, porque a Estatística é uma área “co-ringa”. Tem estatística em tudo quanto é canto e o fato de eu ter mestrado e doutorado em outras áreas me ajuda a discutir, contextualizar, analisar dados com uma visão mais ampliada.

No dia a dia é cuidar da minha casa, cuidar da minha neta, ler bastante.

Você tem algum hobby?

Faço trabalhos manuais, crochê, bordado, toco música (violão e teclado), muita leitura, vejo filmes e séries.

Qual seu projeto de vida?

Continuar fazendo o que faço hoje, trabalhando aqui e acolá. Quando a pandemia terminar, passear mais. Aproveitar o vigor físico atual e conhecer lugares que exigem um pouco mais de preparo físico, por exemplo, quero ir para Machu Picchu.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Envelhecer é um privilégio; aceitar o envelhecimento é o caminho para não brigar com algo inexorável; ao envelhecer, saberemos escolher o que merece atenção e o que deve ser apenas ignorado; todas as fases da vida tem suas dores e suas delícias - adoro ser avó. Vamos aproveitar a vida porque passa rápido!

Devo ressaltar que sou plenamente consciente de ser alguém socialmente privilegiado, nunca enfrentei grandes problemas de ordem material ou estrutural. Batalhei por tudo que tenho, mas sei que minha condição social me fez saltar muitos degraus. Por isso, posso desfrutar de uma velhice tranquila e estar disponível para ajudar minha família e amigos.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Aproveitar as oportunidades; não ter medo de errar; filtrar as aprendizagens positivas e construtivas que a vida oferece, seja a partir de boas ou más experiências, e assim melhorar as tomadas de decisão; tentar ser compreensivo nas relações pessoais; ser generoso com as limitações dos outros; caminhar para frente tentando ser melhor todos os dias e para sempre.

Não significa que consigo essas coisas, mas eu tento!

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Vamos voltar para 1960 e poucos, foi quando o Darcy Ribeiro era o reitor e meu pai era diretor executivo da UnB. É um cargo que não existe mais, acho que equivale hoje ao que seria o prefeito da UnB. Ele cuidava de edificações, é engenheiro civil, cuidava das construções. A construção da Colina era, na ocasião, um projeto de uma maneira de edificar muito inovadora. E eu acho que isso tem tudo a ver com a UnB, com a proposta de existir da UnB desde o início, de trazer inovação em todas as áreas. Meu pai, em particular, era um entusiasta dessas novidades relacionadas à arquitetura e à construção. Em 1964, com o Golpe Militar saiu todo mundo, ele saiu também e ficou se dedicando só à construção civil. Eu entrei lá em 1978 como aluna e a Mia, minha irmã mais velha, já tinha entrado no ano anterior, em 1977, como aluna também. Em 1979 entrou a Tê como aluna e meu pai voltou como professor deste mesmo departamento de Arquitetura. Meu pai tem formação de engenheiro numa época em que o curso era engenharia e arquitetura. Aí ele integrou o departamento de arquitetura com a proposta também de, na falta de uma palavra melhor, “customizar” o ensino da engenharia para arquitetos. Porque o princípio era que um arquiteto não precisa saber a mesma coisa que um engenheiro, mas ele tem que ter um mínimo de conhecimento, se não vai desenhar uma coisa que simplesmente não para em pé. Então ele passou a dar aulas de estruturas para arquitetos. Ele ficou lá até morrer, morreu em 1983, ainda era professor. E eu acho que ele fez uma história muito bacana na UnB, tanto nessa primeira fase quanto na segunda, quando se tornou professor, que era uma coisa que ele gostava muito. Dos oito netos do meu pai, cinco se formaram na UnB. Participei de homenagens a ele depois que morreu umas três vezes, no mínimo, sendo que uma foi 20 anos depois que ele tinha morrido, foi muito legal.

Sugestão de leitura para quem estuda o envelhecimento: AMADURECIMENTO DAS MASSAS Envelhecimento, Mudanças Demográficas e Eficiência Reprodutiva. Autor: Julio Pérez Díaz, 2014.

E, também, um artigo publicado:

<https://www.scielo.br/j/op/a/PyRZpdq7zb9YQPM9KVFWLnP/?lang=pt>





Maria José dos Santos Rossi

85 anos | Aposentadoria,
atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Depois de um exílio de 7 (sete) anos na Bélgica, depois de grande sofrimento pela ditadura militar, com o meu esposo preso e desaparecido, saímos do Brasil e fomos acolhidos pelo governo Belga. O meu currículo foi aceito para o curso de Enfermagem da UnB, que estava iniciando. A professora Maria da Glória Wright, coordenadora do curso, estava em busca de professores que, ao menos, tivessem mestrado para a docência. Fui aceita e viemos para Brasília, a universidade em que sempre sonhei ser docente. Acho que querer é poder, pois a minha vontade se realizou. Cheguei na UnB no início dos anos 80. Tínhamos 7 (sete) ou 8 (oito) professores para ministrar todas as disciplinas. Lutamos muito, tanto para conseguir professores qualificados, para conseguir campos de estágios, quanto para criar o Departamento de Enfermagem. A luta também foi grande para conseguir campos de estágio para os alunos da área da Saúde.

Ministrei a disciplina Introdução à Enfermagem com 15 créditos e também Enfermagem Medico-Cirúrgica, pois a UnB saíra de Sobradinho,

que era o campo de estágio dos cursos da área da saúde. A história é muito longa, mas conseguimos criar o Departamento, instalações técnicas para o laboratório do curso, e campos de estágios adequados, como o atual hospital universitário, pois Sobradinho com a estrutura hospitalar e centros de saúde fora retirada pelo Secretário de Saúde do DF do alcance da UnB. Finalmente, fui decana de Extensão na gestão Todorov e, posteriormente, me aposentei.

O que a UnB representa na sua história?

Uma vitória de vida, uma realização e me trouxe muita felicidade. Pudemos colocar em prática muitas coisas que aprendemos na Bélgica, onde fui diretora de Enfermagem no Hospital Universitário da Universidade Católica de Louvain.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Aposentada, fomos morar em Roraima, trabalhar na Universidade Federal de Roraima, para onde meu esposo se transferiu, e fui trabalhar na Secretaria Estadual de Saúde. Por motivos de saúde, tivemos que nos mudar e fomos para Londrina, no Paraná, cidade onde meu esposo se criou, me engajei na Universidade Estadual de Londrina (UEL) por 2 (dois) anos. Depois, voltamos para Brasília, onde ficamos até o surgimento da enfermidade do meu companheiro. Mudamos para Aracaju pela questão do clima mais favorável para ele. E aqui estamos.

Você tem algum hobby?

Escrever e cuidar do meu companheiro também idoso, com fibrose pulmonar.

Qual seu projeto de vida?

Fazer as coisas que estou fazendo: assistir o meu companheiro nas suas dificuldades. Ando lidando com médicos de várias especialidades como pneumologista, ortopedista, endócrino, gastroenterologista, neurologista e assim sucessivamente, ajudando-o a ter uma mínima qualidade de vida.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

O envelhecimento é uma fase natural e cada um tem de passar por ela, desde que não morra antes. Mas é uma fase muito delicada, pois em geral, há muitas comorbidades. Mas é um período em que a sabedoria da vida lhe mostra que a vida vale ser vivida.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Ser paciente, saber esperar, não se precipitar e, sobretudo, saber ouvir.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Poderia falar muitas coisas mais, mas o espaço é curto. Tive muito trabalho como coordenadora da Comissão de Especialistas do Ministério da Educação (MEC) para os cursos de Enfermagem, também como presidente nacional da Associação Brasileira de Enfermagem, sempre lutando pela democratização do país, uma grande experiência como participante da Comissão Nacional da Reforma Sanitária que pensou o Sistema

Único de Saúde (SUS). Enaltecer o papel do SUS durante a pandemia e lamentar a falta de sustentação financeira por parte das autoridades federais, estaduais e municipais para o SUS como o maior sistema de saúde que o Brasil possui para atender a toda população brasileira. Uma parte dessa sociedade está sendo aviltada pelos planos de saúde, mercantilização e expropriação da saúde. A luta é grande e contínua para defender o SUS e a nossa frágil democracia.





Carta de
Maria José
dos Santos Rossi

Prezada Senhora UNB (Universidade de Brasília).

Dirijo-me à querida Senhora UNB, uma senhora respeitável de idade madura, criada como modelo para o Sistema Universitário Brasileiro, por brasileiros ilustres, como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e tantos outros educadores capitaneados pelo nosso querido presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira nos anos 1960 com muito carinho.

Congratulo-me com esta querida Senhora corajosa e valente que resistiu à invasões militares, prisões e mortes de professores, estudantes e servidores técnico-administrativos, executadas pelas forças da famigerada ditadura.

Assim mesmo, para Senhora você resistiu e foi em frente na sua luta pelo conhecimento e pela democratização da sociedade brasileira, criando programas que contribuíram efetivamente e mesmo decisivamente para um Brasil mais justo.

Poderíamos enumerar vários programas de pesquisa, o Programa de Avaliação Seriada (PAS) que tanto contribuiu para a melhoria do ensino de segundo grau; o programa de quotas que favoreceu aos alunos negros, mestiços e indígenas; a descentralização do seu campus universitário Darcy Ribeiro, nas diferentes "cidades satélites", possibilitando a entrada no seu seio de grandes contingentes de estudantes pobres, da periferia de Brasília.

Sou grata a esta senhora por tudo o que me possibilitou ao participar do seu corpo docente e, depois como Decana de Extensionar, criar a Escola de Extensionar e acompanhar de perto tantos projetos de extensão de professores dos diferentes Institutos e departamentos, abrangendo todos os cursos.

Obrigado querida Senhora. Aproveito para agradecer ao projeto "Memórias Intergeracionais: trocas de saberes e afetos" na pessoa da professora Leides Moura que me proporcionou este momento de gratidão.

Aracaju, 31 de maio de 2022

Maria José dos Santos Rossi - professora adjunta, aposentada do Depto de Enfermagem.

Doutora em Ciências Sociais pela Unicamp.



Maria Luiza Pinho Pereira

79 anos | Atividades voluntárias

Como você entra na história da UnB?

Em 1962, como estudante de Serviço Social, militante do movimento estudantil em Salvador. A UnB já era uma referência como fruto da luta da União Nacional dos Estudantes (UNE) pela universidade sem cátedra vitalícia e democrática (greve de 1963). Como estudante, fui selecionada e iniciei, em 1985, o mestrado em educação brasileira na Faculdade de Educação (FE), concluindo em 1988 (após greve). Em 5 de outubro de 1988, fui nomeada, após concurso público, para área de Educação de Adultos na FE.

O que a UnB representa na sua história?

Uma oportunidade singular de, assumindo a criação da UnB, em 1962, como referência histórica de ousadia e rebeldia na educação superior pública brasileira, experimentar no cotidiano docente (ensino-pesquisa-extensão-gestão), suas contradições como campo de disputa de projetos de país, à serviço do capital e à serviço da soberania do povo brasileiro trabalhador!

O que você tem feito?

Cuidando-me para cuidar! Curtido muito minha família! Mais recentemente, desde 2020, estou participando, como voluntária na UnB, da coordenação com professor Perci Coelho (Instituto de Ciências Humanas - Serviço Social) do projeto de pesquisa-ação VIDA&ÁGUA para as ARIS (Áreas de Relevante Interesse Social) selecionado pelo COPEI; participo do movimento sindical (ADUnB-SS do ANDES-SN); desde 1989, participo como membro do Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização do Distrito Federal (GTPA-Fórum EJA/DF) e, como representante nos: Fórum Distrital de Educação, Fórum Nacional de Redução das Desigualdades Sociais e represento como os Fóruns de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Brasil no Fórum Nacional Popular de Educação; mantenho militância no Partido dos Trabalhadores (PT). Na prática, desde 2020, em isolamento social, com intensa comunicação online, reuniões, lives com exposições, bancas de TCC, elaboração de documentos de coletivos, artigos e orientações em off de ex-alunos!

Você tem algum hobby?

Não.

Qual seu projeto de vida?

Cuidando-me, continuar curtindo minha família e contribuir para a construção de uma sociedade HUMANA, justa, democrática e ecossocialista no Brasil, na América Latina e Caribe, na África e Ásia, no mundo, ainda que não alcance em vida, nesta dimensão!

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Descoberta do prazer da sabedoria forjada pela experiência ao longo da vida, na busca de integrar os veículos físico, emocional e mental, assumindo mais consciência dos limites e possibilidades de servir, coletivamente, como “ser aprendiz orgânico cósmico”! Compreensão do amor incondicional como desafio permanente, diante das desigualdades socioambientais produzidas pela sociedade capitalista genocida!

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Busca de integração dos meus veículos físico-emocional-mental com práticas vivas, que me possibilitam compreender os conflitos/contradições como oportunidades de expansão de consciência para encontrar o prazer na convivência em coletivos como família, vizinhança, pessoas amigas, colegas de trabalho, turmas de estudantes, pessoas companheiras de militância política social, sindical, partidária, grupo de meditação.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Agradeço o convite, sobretudo, pela oportunidade reflexiva e fica a questão: como compartilhar minhas respostas e, na condição de aprendiz do “envelhecimento saudável e participativo”, trocar experiências com os demais entrevistados.



Maria Osanette de Medeiros

74 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em 1975, vestibular para Pedagogia. Eu me formei em 1982 e fui para o Campus Avançado em Nova Xavantina fazer formação com os professores da zona rural. Foi uma marca histórica, política, pedagógica, um momento de formação muito grande da minha vida, formação política mesmo. Na Revista PARTICIPAÇÃO de Extensão da Universidade de Brasília, ano 17, nº 30, julho/2017, faço um relato dessa minha experiência. Fui colaboradora na UnB durante vários anos e, em 2015, por concurso, fui efetivada no quadro de professoras.

O que a UnB representa na sua história?

Possibilidades de crescimento profissional, social. Oportunidade de fazer uma trajetória sólida, iniciada em 2007, para os educadores do campo aqui no nosso país. Eu me sinto muito honrada em participar desses momentos e ter escolhido esse caminho.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Trabalhado.

Você tem algum hobby?

Ouvir música.

Qual seu projeto de vida?

Contribuir para a construção de um país livre e justo para a transformação social, tendo como horizonte a emancipação humana.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Quero conversar mais a respeito do tema envelhecimento, em vários espaços, com vários públicos para relatos e trocas de experiências. Quero conversar com a juventude também. É importante esse diálogo para que as/os jovens compreendam melhor a pessoa velha, seus sentimentos, suas possibilidades e tantos outros aspectos que muitas vezes não temos coragem de dizer.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O processo de maturidade.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Gostaria muito de contribuir com as novas gerações pelo diálogo, falar um pouco do que é o envelhecimento dito pela velha, pelo velho.

Eu sempre falo: na Universidade de Darcy e de Anísio, a gente tem que lutar, tem que honrar a memória deles.



Nelson Fernando Inocencio da Silva

61 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

A minha história de vida se confunde com a da UnB. No que se refere à formação acadêmica meu caminho, considerando graduação, mestrado e doutorado, foi todo percorrido nesta instituição. Quanto à trajetória profissional, destaco que eu também pertenci ao corpo técnico-administrativo, ao me tornar técnico em artes gráficas. Posteriormente, assumi a condição de docente. Prestei quatro concursos na área acadêmica e dois no campo profissional, logrando êxito em quase todos eles. Uma história que se inicia em 1980 e se estende até hoje, sendo interrompida entre 1985 e 1989, intervalo entre o bacharelado e o mestrado. São 38 anos de cumplicidade.

O que a UnB representa na sua história?

O meu sucesso profissional e acadêmico está visceralmente relacionado às chances que tive para crescer na condição de discente, docente e técnico nesta instituição. Estive vinculado aos três segmentos que dão sustentação à UnB. Antes de me tornar servidor aqui, eu havia

trabalhado no Ministério da Educação e Cultura - MEC, (ainda não existia o MinC), experiência que ocorreu entre 1985 e 1986. Em 1992 exerceu o cargo de técnico e em 1995 me torno professor assistente, lotado no Departamento de Artes Visuais que está vinculado ao Instituto de Artes. Sou grato a Brasília e à UnB especialmente, por tudo que me oportunizaram. Não consigo imaginar como teria sido minha projeção, na formação acadêmica, na docência, no ativismo, fora desse contexto que se refere à cidade e à universidade. Se hoje sou uma pessoa bem-sucedida isto é resultado da convergência entre potencialidades e oportunidades.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Sou docente há quase 28 anos. Comecei no Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) em 1994, no curso de Comunicação, pois sou bacharel e mestre na área. A partir de 1995, inicio a carreira docente no quadro permanente da UnB. Além de lotado no Departamento de Artes Visuais, sou membro do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) desde 1999. Lecionei várias disciplinas ao longo desses anos. Hoje contribuo no processo de implementação do currículo novo da Licenciatura em Artes Visuais, lecionando basicamente duas disciplinas obrigatórias intituladas Estudos das Visualidades Indígenas e Estudos das Visualidades Afro-Brasileiras. No que alude à parte administrativa, me encontro na condição de membro titular do Conselho Universitário (CONSUNI). Integro ainda a Comissão de Acompanhamento das Ações Afirmativas na pós-Graduação (CAPAA).

Você tem algum hobby?

Dança.

Qual seu projeto de vida?

Hoje o meu projeto é o de concluir a carreira docente alcançando a condição de professor associado; investir na minha produção artística e intelectual; me dedicar à formação espiritual estudando o Culto à Orunmilá-Ifá.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que o fenômeno tempo foi imprescindível na minha construção, na minha trajetória de vida. O tempo me permitiu compreender aspectos da condição humana, os quais colaboram para explicar a nossa complexidade. Ele, o tempo, me deu a oportunidade para que eu tomasse consciência acerca do mundo, considerando os prazeres e dissabores da existência. Envelhecer me fez enxergar o percurso de modo mais atento. Me levou a interpretar situações da vida com o senso crítico mais apurado, tomando os devidos cuidados para não me tornar ranzinza. A idade tem me possibilitado fazer exercícios de memória, prática que leva, com certa frequência, a repensar equívocos e valorizar acertos. Às pessoas mais jovens sugiro que procurem perceber a dinâmica da vida como forma de precaução, em uma sociedade entorpecida pelo mito juventude eterna e simultaneamente refratária ao processo de envelhecimento. Difícil viver em um contexto onde a juventude virou mercadoria. Às pessoas idosas meus cumprimentos, na expectativa de que saibam lidar com os benefícios desse patrimônio que é a longevidade. Hoje eu tenho sessenta anos de idade. Quando faço um retrospecto me dou conta de como a vida é célere, fator que me leva a refletir a respeito das escolhas que fiz, dos compromissos que assumi, das decisões que não tomei, do que poderia ter sido, daquilo que efetivamente aconteceu. Tudo é um grande aprendizado que não seria possível caso não vivêssemos o bastante para usufruí-lo.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Viver por mais tempo nos dá a chance de possuímos um acúmulo de experiências. Este repertório é fundamental para que possamos acessá-lo quando necessário. Passei a vida me dedicando à determinadas causas, em defesa do respeito às diferenças, no combate às fobias e intolerâncias. Sabemos que o ageísmo pertence ao rol dessas doenças sociais que comprometem o bem viver e tornam vulneráveis as pessoas idosas. Que as pessoas vinculadas às gerações mais novas não se deixem contaminar pelo o que há de mais retrógrado e se permitam participar do diálogo intergeracional, em prol de uma convivência saudável com a população idosa. Afinal, imagino que envelhecer seja um desejo coletivo, se não pretendemos morrer precocemente.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Gostaria apenas de reiterar meu apreço pela UnB. Envelheci juntamente com ela, interagindo com ela e por ela sendo instruído. Isso é algo especial e extremamente gratificante. Parabéns sexagenária. Que você continue a ser referência em um país cuja população ainda permanece tão carente de acesso ao conhecimento científico.



Norai Romeu Rocco

70 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Eu vim de São José do Rio Preto - SP para Brasília em janeiro de 1974 com a finalidade de cursar o mestrado em Matemática. Após concluir o mestrado, em 1976, iniciei o doutorado, também em Matemática, concluído em 1980, tendo sido o segundo doutor formado pela UnB. Durante o doutorado, eu tinha um contrato de professor auxiliar na UnB, a partir de 1º de julho de 1976. Após concluir o doutorado, assumi a posição de professor colaborador e, em 1983, entrei para o quadro docente permanente da UnB. Sou professor titular desde 2003.

O que a UnB representa na sua história?

Ah, esses 48 anos de vivência de UnB representam muito na minha história. A UnB proporcionou a minha formação pós-graduada, a oportunidade de me fixar em Brasília, de constituir uma família, de criar e formar os filhos. O meu crescimento profissional, tanto acadêmico como administrativamente, também está intimamente ligado à UnB.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho feito de tudo um pouco. Leciono, oriento, faço pesquisas, atualmente coordeno a pós-graduação, cuidado dos cachorros, caminho algumas vezes por semana, ...

Você tem algum hobby?

Gosto um pouco de carpintaria.

Qual seu projeto de vida?

Viver em harmonia, com amor e alegria, colaborando com os/as que nos cercam.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Eu teria o maior prazer em conversar para dizer que a vida é uma construção constante, um aprendizado infindável, e vivenciar a universidade, o dia a dia com a comunidade universitária, não tem preço.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A vida, particularmente a vida acadêmica, nos oferece oportunidades de exercícios constantes de superação; com bom ânimo, paciência e humildade vamos galgando os degraus, superando os obstáculos, apreendendo e ensinando...



**Olgamir Amancia
Ferreira**

64 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Ao final do Ensino Médio, a UnB se constituiu no meu sonho não alcançado. A conquista do sonho veio com o mestrado em Educação (FE) e, depois, com o doutorado, também na Faculdade de Educação. Tive o privilégio de fazer parte da primeira turma de doutorado da FE/UnB. Em seguida me tornei professora, no campus da Faculdade UnB Planaltina (FUP) e, nos últimos anos, como decana de Extensão.

O que a UnB representa na sua história?

O aprimoramento do meu processo de humanização.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Na universidade e fora dela, tenho atuado na gestão da extensão tendo como objetivo estratégico consolidar a extensão como atividade

acadêmica, imprescindível à formação profissional, indissociável do ensino, e da pesquisa. Na busca por um novo paradigma de universidade integrada e comprometida com o território e sua gente, assumi em âmbito nacional o desafio como presidenta do Fórum de Pró-reitores e Pró-reitoras de extensão (FORPROEX), assim como a coordenação do Colégio de Extensão da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior – Andifes (Coex) para contribuir com a conquista da universidade cidadã.

Você tem algum hobby?

Não é bem um hobby, mas o que mais faço como lazer e passatempo é assistir filme de suspense.

Qual seu projeto de vida?

Continuar a luta por uma sociedade justa e igualitária, na qual minhas netas e as netas e netos de todas as gentes desse país possam viver com alegria e liberdade.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Diria que viva e aproveite ao máximo esse viver. Que se desafie a desafiar, por isso sonhe, não há idade própria para o sonho nem para a busca, mas antes de tudo ame a você e ao outro/a.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O que nos sustenta e nos anima para a vida são os nossos sonhos, especialmente quando são sonhos coletivos. Eles nos instam a caminhar.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Apenas afirmar o caráter transformador da educação e das possibilidades que ela oportuniza para a construção de um novo projeto de desenvolvimento para o país.



Carta de
Olgamir Amancia
Ferreira

Minha querida UnB

Você nasceu de uma necessidade e de uma urgência. A urgência de se pensar sobre quão dano era este nosso país com o seu povo e sobre como tudo poderia ser diferente. Isso fez com que você fosse marcada pela curadria, pela Insurgência e desde sempre assumisse a busca pela democracia. Olha, você não teve dúvidas, trilhou firmemente esse caminho mesmo em momentos duros, quando foi violada, ameaçada, interrompida em seu projeto original. Mas, insistiu, resistiu e se tornou exemplo nesses sessenta anos como uma gigante, exemplo que a transformou na busca de tantos e tantas. Vestes tantas estou eu, querida

Saiba, que a minha busca por você não é mais uma das várias que elegi em minha vida. Ela está no centro de mim, ela preenche o meu coração e se irradia para todo o meu ser, porque sei que estando aqui eu construo a partir e com você, os caminhos que me tornam mais humana. Percorro e percorro esses caminhos como estudante e como docente, por eles me ativei em seus braços e tornei meu, o seu sonho de fazer que este país ame os seus, se desenvolva para e com os seus e reconheça os seus para além dos seus limites geográficos

Ora, minha querida universidade, como não me orgulhar de você quando sou testemunha do quanto vem se espraiando, se esparramando pelo território numa verdadeira piracema? Olha para você e penso: ela guarda a rebeldia da juventude, a experiência dos que realizam e a coragem dos que lutam para transformar. Sem dúvidas, você veio para plantar humanidade, por isso é amada por tantos, mesmo por aqueles que nunca aqui estiveram. Por tudo isso, minha linda, como não falar do imenso amor, que tenho por você?

Seguimos juntas querida, um abraço.

Olgamir Amancia



Paula de Piratininga Mello

88 anos | Aposentadoria,
outras atividades
IN MEMORIAN*

Como você entra na história da UnB?

Vim acompanhar meu marido que veio para Brasília em dezembro de 1972. Viemos de Araçatuba para ele ser professor de Fisiologia na UnB. Moramos na Colina, Bloco D, vivenciamos a segunda invasão da UnB. Anos depois, fui cedida pelo Ministério da Saúde para ser professora visitante do curso de Odontologia na UnB.

O que a UnB representa na sua história?

História de vida, me trouxe para Brasília. Meu marido e eu lecionamos na UnB. Meus filhos estudaram na UnB. Atualmente, um dos meus filhos é professor de Física e meu neto entrou esse ano para o curso de Economia.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Tenho apreciado o tempo passar.

Você tem algum hobby?

Leitura, ver TV, jogar paciência e mexer no computador.

Qual seu projeto de vida?

Viver cada dia como ele é. Só por hoje!

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

A gente pensa que educa os filhos, mas são eles que nos educam. Cultivar a paciência, evitar quedas para manter a independência, aceitar que ficamos mais lentos, entre outras coisas.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Cultivar o gosto de conviver com os outros. Mais ganhamos do que recebemos.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Às vezes, digo: “quero ir embora!”, porque não sei como é o lado de lá! Mas, talvez, o que eu realmente queira dizer está na música do “Não tenho medo da morte”, de Gilberto Gil.

***Entrevista realizada em 23/03/2022**

Data de falecimento: 23/07/2022





**Raimundo Nonato
Silva**

66 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Quando passei no concurso e fui empossado em 1994.

O que a UnB representa na sua história?

Muito, a UnB é de vital importância para todos que faz parte do seu quadro.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

A minha rotina do dia é ir para UnB e fazer o meu pedal antes de ir trabalhar às 5:00 da manhã e, nos feriados e sábado e domingo, além de pedalar, tocar, gosto muito de fazer as minhas caminhadas.

Você tem algum hobby?

Sim, pedalo todos os dias faço em média 20km. E gosto muito de tocar toco alguns instrumentos de percussão.

Qual seu projeto de vida?

Viver o máximo que puder e curtir os meus netos.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que praticasse alguma atividade física.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Ser focado em tudo que você fizer, ser profissional o máximo em tudo que você fizer, respeito aos seus chefes e colegas de trabalho, e o mais importante, ser honesto com todos e principalmente com você mesmo.



Ricardo Ajax
Dias Kosloski

63 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em várias oportunidades. Uma graduação em Engenharia Elétrica de 1977 a 1981, de 2011 até agora como professor do magistério superior na Faculdade Gama (FGA), no curso de Engenharia de Software (ESW) e, mais recentemente, como aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI) do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM).

O que a UnB representa na sua história?

Desafios, resgates e realizações.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Dando aulas na FGA, fazendo um doutorado que muito me agrada, sem esquecer dos meus hobbies e o carinho para com a minha família. Acho que só aposentarei quando for obrigado. Enquanto apto a contribuir, não pararei.

Você tem algum hobby?

Sim, sou motociclista e pratico Krav Maga (atualmente treinando para exame da faixa verde).

Qual seu projeto de vida?

Atualmente, com meu doutorado, retribuir cada vez mais à sociedade com conhecimento e concretizações de sonhos, o muito que já recebi dela, ao me dar possibilidade de tantos estudos e realizações. Um dos meus sonhos é o “Centro de Inclusão Digital da UnB para idosos”.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Que nós idosos temos um protagonismo crescente na sociedade em que habitamos e, portanto, devemos participar da vida social do país, envolvendo aspectos multilaterais como políticos, administrativos e econômicos. Uma das formas para isso é a nossa inclusão digital, para facilitar a nossa inclusão social e finalmente deixarmos de lado a ideia, ultrapassada a meu ver, de grupo desfavorecido.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

A de que “ninguém pode ficar para trás”, pois absolutamente todos somos merecedores de ocuparmos lugares especiais como contribuintes para um bem-estar social maior de qualidade de vida.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Acho que não esqueci de muita coisa. Porém, algo que me vem à mente é desejar que cada vez mais pessoas atinjam idades mais avançadas, que as aproveite porque o medo de se expor se esvai, a vontade de contribuir aumenta, as ideias fervilham na mente e só precisamos colocar em prática. Nada precisa ser imenso, pois nosso próprio exemplo demonstra o que somos. Eles inspiram!



Carta de
Ricardo Ajax
Dias Kosloski

É uma grande honra participar em vários projetos de uma
instituição que se consolida cada vez mais como um
dos ícones de destaque neste país em uma educação
que, apesar de profunda e estruturada, é voltada
para a inclusão dos desfavorecidos.

Parabéns OAB, que esta luta combate
as desigualdades por parte de muitas gerações.

Ricardo Ajax
7 Abril/2022



**Ricardo Flores
Garcia**

61 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em 1979.

O que a UnB representa na sua história?

Bons tempos, ótimos professores e muito rock nas festas universitárias.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Aproveitando a vida de aposentado no Rio de Janeiro.

Você tem algum hobby?

Pedalar, nadar e jogar vôlei de praia.

Qual seu projeto de vida?

Carpe Diem 2022.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Praticar esporte, ter uma boa alimentação e ter uma vida social sadia.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Curtir a vida com saúde e alegria.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Agradeço aos professores, funcionários e colegas da Educação Física, onde fiz o curso de Educação Física de 1979 a 1983.



Roberto Nunes Corrêa

65 anos | Em exercício profissional

Como você entra na história da UnB?

Em 1976, ingresso no curso de Física, me formando (Bacharelado e Licenciatura) em 1981. Em seguida, ingresso no curso de música, me formando (Licenciatura) em 1983.

Foi na UnB que iniciei minha trajetória artística como violeiro.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB me preparou e iluminou o meu caminho de compositor e violeiro.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Trabalhando no projeto Concerto para Vaca e Boi: entrelaçamentos das violas tradicionais brasileiras com a viola da gamba baixo. São doze composições, duas para cada uma das violas: Caipira, de Cocho, de buriti, Caiçara, Machete Baiana e repentista em duo com a Viola da Gamba. Como resultado, a gravação de um disco e a edição de um livro com partituras, apontamentos e memórias.

Você tem algum hobby?

Não.

Qual seu projeto de vida?

O que estou fazendo como compositor e artista.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Sigo fazendo.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Acreditar sempre em si mesmo.



**Rosa Maria
Borges Manzan**
75 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em 1970, eu entrei na UnB no curso de Ciências Sociais. Eu trabalhava e estudava, terminando o curso em 1974. Em 2018 eu iniciei um curso de Extensão da UnB chamado Educador Político Social em Gerontologia, finalizando em 2019.

O que a UnB representa na sua história?

O que a UnB representa pra mim é um ensino de qualidade, uma história de resistência, democracia e representatividade. A UnB está presente em nossa sociedade propondo temas de relevância social.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Realizo atividades físicas, fico com meus familiares, estudo e participo de lives referentes ao envelhecer saudável.

Você tem algum hobby?

Atualmente eu realizo atividades físicas no GEPAFI: Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos. Esse grupo existe há mais de 25 anos na UnB. Participo do Circuito do Equilíbrio, vou ao cinema, saio com meus amigos, saio para jantar...

Qual seu projeto de vida?

O meu projeto de vida não é nada sensacional para os outros. Eu busco ter uma boa saúde mental e física. Busco ter consciência das coisas que eu faço, a fim de que eu seja protagonista da minha própria história.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Eu diria que o preconceito ao envelhecimento é muito presente na sociedade e gera consequências para os idosos, como os mais diversos tipos de violências. O idoso tem uma história, toda uma herança, um caminho pela frente. O idoso tem muito a contribuir com a sociedade, caso sejam dadas oportunidades.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

O maior aprendizado que eu gostaria de repassar é a busca pelo cultivo do interesse pela vida. Busque também conhecimento, independente das circunstâncias ou da idade.



Sérgio Ulisses Silva Jatobá

63 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Em 1976, quando realizei o vestibular para Arquitetura. Ingressei no Curso de Arquitetura e Urbanismo em março de 1977.

O que a UnB representa na sua história?

Muito. Depois dos 5 anos de curso, concluído em 1981, ingressei em 1982, em especialização em Planejamento Habitacional na pós-graduação no Departamento de Urbanismo, depois em 1987 em uma especialização em Ordenamento Territorial no CIORD. Em 1998, ingressei no Mestrado no CDS-Centro de Desenvolvimento Sustentável, concluído em 2000. Em 2002, ingressei no Doutorado no mesmo Centro, concluído em 2006. Desde 2000, desenvolvo atividades de pesquisa no Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais/NEUR/CEAM, onde colaborei na edição e organização de livros e coletâneas, especialmente da Coleção Brasília. Ou seja, há 45 anos tenho estado vinculado à UnB, seja como estudante e/ou pesquisador colaborador. Os espaços da UnB neste tempo sempre

fizeram parte do meu cotidiano e como arquiteto sempre me senti influenciado profissionalmente e emocionalmente por eles. Fiz muitas amizades na UnB com pessoas com as quais me relaciono há décadas.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Depois de aposentado, tenho me dedicado a vários projetos, seja realizando pesquisa e organizando livros acadêmicos (nesse caso, com colegas da UnB); projetos próprios escrevendo e editando publicações de urbanismo e turismo; projetos musicais, compondo e gravando composições próprias, além de outras atividades rotineiras e algumas viagens, enquanto foi possível em função da pandemia da Covid-19. Em 3 (três) anos e meio como aposentado, ainda me sinto ativo e produtivo, usufruindo bem do tempo que disponho.

Você tem algum hobby?

Música, escrever, fotografar.

Qual seu projeto de vida?

Viver com saúde física e mental que me permita continuar realizando meus projetos, curtir a neta, cultivar antigas e novas amizades, fazer viagens e o que me proporcione felicidade, mesmo que em alguns momentos saiba que terei que passar por momentos mais difíceis quanto à depreciação física e de saúde inerentes ao envelhecimento.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Aceitaria conversar sobre esse tema porque o envelhecimento é um constante aprendizado. Diria que na vida somos nômades trilhando uma estrada onde a paisagem em volta muda constantemente e novos horizontes se mostram à frente e o tempo/clima pode mudar a qualquer momento.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Mesmo que você tema mudanças, não deixe de encarar os desafios, porque na maior parte das vezes você sai melhor deles, mesmo que sofra.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Agradeço a oportunidade de participar deste projeto, que considero muito importante no tratamento das situações boas e ruins vivenciadas no envelhecimento e na busca de sugestões de pesquisas científicas e políticas públicas na melhoria das condições e qualidade de vida dos idosos



Carta de
Sérgio Ulisses
Silva Jatobá

CARTA À UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

Sinto que minha relação com a UNB começou bem antes de ingressar no curso de Arquitetura e Urbanismo, em 1977. Quando eu estudava na Escola Classe SQS 308 e na Escola-Parque, aos sete anos de idade, já experimentava o revolucionário método de ensino público implantado em Brasília, nos seus primeiros anos, pelo educador Anísio Teixeira, que veio a ser, junto com Darcy Ribeiro, um dos fundadores da Universidade de Brasília. A UNB já estava em mim, antes de eu estar nela.

Entrar na Universidade em um ano marcante me deu o privilégio de vivenciar aos 18 anos de idade o início do processo que recuperou a democratização brasileira. Além disso, estar naquele espaço arquitetônico magnífico criado por Niemeyer junto com alguns dos mais brilhantes arquitetos brasileiros, fazendo justamente o curso de Arquitetura e Urbanismo foi o período mais vibrante da minha vida até aquele momento. Me transformei intelectualmente, emocionalmente e amadureci muitíssimo nos 5 anos de graduação. A partir de 1996, nunca mais deixei de estar vinculado à UNB, seja como aluno de pós-graduação, seja como pesquisador colaborador. Na UNB fiz amizades que se solidificaram e permanecem; me moldei intelectualmente, desenvolvi pensamento crítico e tive muitas e plenas alegrias profissionais/acadêmicas e pessoais.

A UNB sempre fez e fará parte da minha vida, tanto o é que aposentado e agora me dedicando a retomar minhas atividades musicais, escolhi a UNB como cenário de fundo das fotos do álbum que acabo de gravar. A UNB segue para mim como a "minha linda" universidade, abrindo meus olhos para o mundo e também meu coração.

Sérgio Jatobá 17/5/22



Umberto Euzebio

64 anos | Em exercício profissional,
aposentadoria,
outras atividades

Como você entra na história da UnB?

Em agosto de 1996, após eu mudar da minha cidade natal em São Paulo, onde já lecionava aulas relacionadas a biologia, quando eu passei no concurso da UnB.

O que a UnB representa na sua história?

A UnB representa na minha história muito carinho, acolhimento, amizade e liberdade. Nunca fui “punido” por nenhum pensamento na UnB. Eu gosto muito da Universidade! Foi onde eu construí minha vida profissional. Meu trabalho na UnB nunca foi um fardo, pois eu gosto muito do que eu faço lá. Com ela, foi possível eu auxiliar na formação de profissionais com sensibilidade.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Atualmente sou professor pesquisador do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) focado no ensino de ciências para mestrandos e doutorandos refugiados e indígenas da Universidade de Brasília com temáticas de relevância social como cultura, educação e políticas públicas, além de fazer parte da composição de vários projetos de extensão com temáticas sociais.

Você tem algum hobby?

Tenho muitos hobbies: faço corrida, academia, natação, gosto de ir para o “mato”, ficar um pouco na natureza, viajar... Só posso ser útil aos outros sendo útil primeiramente a mim!

Qual seu projeto de vida?

Eu sou o meu Projeto de Vida! Ele é o momento em que eu estou vivendo. Se eu estou vivendo de maneira benéfica no meu presente, o meu futuro vai ser consequência dessa minha fase. Eu estou aberto as oportunidades e quero continuar sendo útil para a sociedade!

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Eu diria que é importante se ter um acompanhamento no nosso processo de envelhecer para que ele ocorra de maneira saudável. O envelhecer pode assustar pois a vida passa muito rápida e os nossos projetos de vida são muitos e precisamos entender que não vamos conseguir realizar todos os nossos planos, pois a vida não para, ela é

dinâmica. Eu diria também para aproveitar as oportunidades e viver intensamente com prudência, além de se ter sempre satisfação para viver.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

Um aprendizado que eu gostaria de repassar para outras pessoas é a busca da felicidade nas pequenas coisas. A felicidade não é complexa. Persevere caso algo não dê certo. Não fique triste. Nada é impossível. Por mais que as vezes precisamos de fazer escolhas e sacrificar outras. Apenas viva! A vida é dinâmica. Explore os potenciais que você tem. Encare a vida com naturalidade, pulso e resistência. Suas experiências são únicas. Você é o único quem sabe das suas vivências, pois quem vive sua vida é você! Aproveite todos os momentos! Permita-se mais!



Venício Artur de Lima

77 anos | Aposentadoria, outras atividades

Como você entra na história da UnB?

Entrei como professor colaborador, a convite do Marco Antônio Rodrigues Dias. Acertei a minha vinda de Belo Horizonte para Brasília em outubro de 1970. Cheguei em Brasília nos primeiros dias de janeiro e minha carteira foi assinada nos primeiros dias de fevereiro de 1971.

O que a UnB representa na sua história?

É a referência profissional que tenho na vida, com muito orgulho, inclusive por ser Professor Emérito desde 2017 (solenidade no mês de abril de 2018). Entrei na Comunicação e vinte anos depois fui para a Ciência Política, onde me aposentei. Depois, por iniciativa minha, criamos o Núcleo de Estudo Político no Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e ali continuei ativo por mais cinco anos como pesquisador visitante, como coordenador desse núcleo. De 1970 a 2000, a UnB foi meu núcleo profissional.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Meu segundo livro sobre Paulo Freire foi publicado no final de 2021. Tenho várias atividades voluntárias, a mais importante é a que coordeno, junto com mais duas pessoas, o Observatório da Comunicação Religiosa vinculado à Comissão Episcopal da Pastoral para a Comunicação (CEPAC) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Além disso, participo do Centro de Estudos Republicanos Brasileiros (CERBARAS) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como pesquisador sênior.

Você tem algum hobby?

Faço caminhada todos os dias, saio de casa entre 6h e 6h30, volto 7h30, 8h, todos os dias independente de qualquer coisa, inclusive chuva. Sou fã de futebol, assisto jogos de futebol com frequência, sou torcedor do Cruzeiro.

Qual seu projeto de vida?

Cuidar bem da saúde para estender a vida com lucidez. Tomo como exemplo a minha mãe que viveu lúcida até os 98 anos de idade.

PERSPECTIVA SOBRE A VELHICE

O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Pessoalmente, o que mais me incomoda é a solidão. Estou me convencendo que uma contrapartida do envelhecimento é a solidão. Aprendi a conviver com ela, moro sozinho há 12, 13 anos. Tenho meus filhos, netos e amigos e a pandemia trouxe a solidão à tona.

Tive atividade intelectual ininterrupta durante toda minha vida adulta, como professor etc., isso deve ser cultivado sem parar.

Um dos segredos é aprender a conviver com a solidão.

COMPARTILHANDO SABERES

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

No momento que vivo, valorizo mais as minhas relações familiares e as de amizade. Optei por morar em Brasília, porque meus filhos e netos estão aqui, e boa parte dos amigos também.

Valorizar essas pessoas, onde quer que estejam.

Espaço para falar sobre algo não contemplado nas questões anteriores

Acho que pessoas como eu, Leda Del Caro e outras, em uma ocasião como essa, a instituição universidade que completa 60 anos poderia nos homenagear também, homenagear a quem ajudou a construí-la.



Vera Lucia
Atsuko Suguri

73 anos | Aposentadoria

Como você entra na história da UnB?

Entrei na Universidade de Brasília (UnB), via vestibular. Fiz o curso de Letras, licenciatura em Português/Inglês e respectivas literaturas, no período de 1970 a 1974.

O que a UnB representa na sua história?

Nasci numa fazenda, município de Miguelópolis, interior do estado de São Paulo. Sou filha de imigrantes japoneses, agricultores que lutaram com tenacidade para sobreviver, prosperar e educar os filhos. Eu cresci ouvindo meus pais dizerem que “é preciso estudar para ser alguém na vida”. Na minha casa, falava-se Japonês, misturado com um pouco de Português, no linguajar dos colonos da fazenda.

Recebi uma forte influência da cultura japonesa transmitida pelas histórias de vida contadas pelos meus pais e avós sobre o tempo em que viveram no Japão. Eles não puderam acompanhar o progresso da cultura do Japão devido à escassez dos meios de comunicação da época.

Assim, os costumes e tradições foram cultivadas quase que “íntactas” e repassadas para a minha geração.

Aprendi as primeiras letras numa escola rural, multisseriada. A escola era uma única sala com uma única professora que atendia às turmas de alfabetização a terceira série, simultaneamente. Fazia as lições de casa à luz de um lampião de gás.

A partir da quarta série, fui para a cidade de Miguelópolis. Terminei o Ginásio em 1965. Fiz o curso magistério em Ituverava e me formei em 1968.

Foi uma época de muita dificuldade financeira...

Em 1968, em Ituverava, cidade vizinha de Miguelópolis, no último dia de aula do curso de Magistério fui chamada na sala dos professores. Recebi a notícia que os meus professores haviam se cotizado e me oferecido uma bolsa de estudos de 3 meses para me preparar para o vestibular. Nunca me esqueci do que eles me disseram. “Esta é a nossa parte, o resto é com você”. Não fosse este incentivo, a minha história teria sido outra. Este foi o momento decisivo da minha vida. Eu sempre me senti na obrigação de ir atrás do “resto”.

Nesse sentido, entrar na UnB foi a realização de uma aposta coletiva dos meus familiares, amigos e professores.

Foi entrar para um mundo novo totalmente diferente daquele que eu conhecia. O impacto não foi somente na construção da minha carreira profissional, mas também na evolução pessoal. O que aprendi foi muito além dos componentes curriculares. Em contato com professores e estudantes de diferentes lugares e culturas mudou completamente a minha visão de mundo. A UnB foi um marco histórico na minha vida. Tudo mudou de uma maneira vertiginosa.

A importância do curso de inglês na UnB se reflete ao longo da minha carreira acadêmica e profissional. Essa importância se tornou ainda mais acentuada e fortalecida pelo intercâmbio de ideias e saberes que me possibilitaram participar de projetos internacionais no âmbito do MEC e projetos sociais desenvolvidos pela ONG Learning Technologies Network Brasil - LTNet-Brasil, da qual fui fundadora e presidente até o final de suas atividades, em 2012.



Infelizmente, perdi o contato com a maioria dos colegas da época. A metodologia da UnB era do próprio aluno se matricular em determinadas disciplinas por créditos e pré-requisitos. Só nos encontrávamos nas disciplinas em comum. Isso dificultou a formação de vínculos de amizade e comunicação após a formatura.

TEMPO PRESENTE E TEMPO FUTURO

O que você tem feito?

Ainda estudante na UnB, passei no concurso da Fundação Educacional do DF, hoje Secretaria de Educação. Fui professora de Inglês, de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, na maior parte do tempo da minha carreira.

No fim dos anos 80, o Ministério da Educação criou o Programa Nacional de Informática na Educativa – PRONINFE. Uma de suas ações foi implantar Centros de Informática Educativa – CIED em todo o país. Em 1987, fui convidada a integrar à equipe multidisciplinar para implantar o CIED-DF com a missão de capacitar professores e técnicos para utilizar computadores nas escolas públicas do DF.

Eu me aposentei em 1993, como professora da Escola do Parque da Cidade Promoção Educativa do Menor – PROEM, com atendimento a menores em situação de vulnerabilidade social utilizando computadores e softwares educacionais para a aprendizagem e iniciação profissionalizante. Eu amava ser professora. Confesso que fiquei perdida com a aposentadoria, aos 43 anos de idade. Não teria mais “o resto” para buscar?

Foi então que tive uma grande mudança na vida. De 1997 a 2002, dando sequência a minha experiência com docência e tecnologia e apoiada por uma rede de contatos de especialistas e pesquisadores desde a época do CIED-DF e PRONINFE atuei como Coordenadora Pedagógica do Programa Nacional de Informática na Educação – PROINFO, o segundo de vários outros programas que se seguiram, do Ministério da Educação - MEC, com o objetivo de capacitar professores e técnicos de

informática e prover escolas públicas de todo o Brasil com computadores e internet. Participei de eventos de capacitação de professores e/ou de avaliação do Programa em todas as capitais e várias cidades do interior do Brasil.

No final dos anos 90, no âmbito do Acordo de Cooperação Brasil-Estados Unidos para a Educação, foi criado o projeto Learning Technologies Network – LTNet, financiado pela USAID, com a finalidade de compartilhar experiências das ações dos dois países no tema Uso de Tecnologias e Educação à Distância. A minha participação nesse projeto foi natural em decorrência da função e posição estratégica em que me encontrava dentro da estrutura do MEC com acesso direto, via internet, a educadores de escolas de todo o Brasil, técnicos e especialistas de diversas universidades em informática na educação. Participei de vários eventos nacionais e internacionais compartilhando as experiências do Brasil neste tema.

No final de 2002, encerrei as minhas atividades no MEC e criei a Learning Technologies Network-Brasil, LTNet-Brasil, uma Organização Não Governamental - ONG, sem fins lucrativos com a missão de promover a Profissionalização e Empregabilidade de jovens desfavorecidos por meio das tecnologias.

Numa ação integrada de parcerias com outras ONGs e setor privado, a LTNet-Brasil desenvolveu o currículo, a metodologia de aprendizagem e realizou a capacitação dos professores, desenvolveu e gerenciou o ambiente de desenvolvimento profissional online para os professores e coordenou o dia-a-dia das atividades de capacitação do Programa para o Futuro – PPF, realizado em Recife, em 2003 e 2004.

Um dos mais importantes patrimônios do projeto piloto são os jovens formados que criaram o grupo Amigos PPF no Whatsapp, ativo até a presente data com o objetivo de manter e fortalecer os laços de amizade, divulgar oportunidades de trabalho e colaborar com suas lições aprendidas em outros projetos sociais.



Você tem algum hobby?

Tive vários hobbies que vão mudando com o tempo. Alguns permanecem.

O meu primeiro hobby foi a pintura no Instituto Irmãs Marcelinas em diversas técnicas: barroca em madeira, laca em cerâmica, artes sacras e arte egípcia. O traço da cultura japonesa está presente nos motivos dos desenhos.

Gosto muito de dançar. Não perco nenhuma oportunidade. A dança aproxima as pessoas e amplia o círculo de amizade.

Na minha casa tenho um jardim e um quintal que são espaços que exigem dedicação e cuidado. Escolho as plantas, o lugar, preparo o terreno, aprendo que tudo tem o tempo certo. A planta só floresce no seu tempo. Observo, admiro o ciclo de vida de cada planta. Algumas precisam de sol pleno, outras de sombras, mais água ou mais seco. Aprendo a respeitar o ritmo de plantas e suas estações.

Gosto de cozinhar para a família e para os amigos. A vida pulsa em torno da cozinha. Gosto de fazer as receitas que ficaram nas memórias de infância carregados de sabor afetivo, mantendo as tradições e cultura dos nossos antepassados. Apenas para ilustrar, aprendi que, o sushi tem que ter um número ímpar de recheio com legumes coloridos e omelete, para celebrar eventos festivos da vida. O gengibre tem que ser vermelho para ocasiões festivas e sem corante em homenagem a algum antepassado. O significado é que durante a vida, somos ímpares, incompletos, sempre em busca de alguma coisa: busca de amor, saúde, dinheiro, etc. A morte acontece quando alcançamos o número par, ou seja, completamos o ciclo da vida, isso independe da idade.

Qual seu projeto de vida?

Não sei.



O que você teria a dizer sobre envelhecimento e aprendizados da velhice?

Não percebi quando envelheci ou se envelheci. As fases da vida não são independentes e nem são colocadas em “caixinhas” separadas. Os aprendizados se entrelaçam, ampliam e evoluem ao longo da vida, constantemente.

Na minha geração não tinha internet, celulares, redes sociais, nada disso. Tudo era no quadro negro e giz. Todo o conteúdo programático cabia dentro dos livros didáticos e na memória do professor. Toda a história da humanidade cabia dentro das enciclopédias impressas. Era um tempo em que escrevíamos cartas de próprio punho e mandávamos cartões de Natal pelo correio. Para se ter uma ideia, fiquei maravilhada com o progresso tecnológico quando conheci o mimeógrafo a álcool, já no curso ginásial.

A geração de hoje nasceu num ambiente tecnológico onde uma criança de colo já brinca com o celular da mãe, os netos instalam e desinstalam aplicativos para os avós, alunos fazem pesquisas escolares na internet, tem acesso a rápida veiculação de informações, educação remota, convivência familiar e comunitária por meio das redes sociais.

A métrica e a balança na velhice são diferentes e até assustadoras. Se por um lado podemos nos beneficiar dos avanços tecnológicos, por outro lado, temos que enfrentar os desafios de acompanhar esse progresso e conviver nesse novo ambiente.

Que aprendizado de vida gostaria de repassar às outras pessoas/gerações?

No final dos anos de 1980, para complementar o meu salário de professora, comprei um táxi. Trabalhava à noite e nos finais de semana. Na época, eu era a única mulher motorista de táxi em Brasília. O respaldo de ter uma graduação na UnB me ajudou muito a enfrentar o preconceito da sociedade que costumava dizer “mulher no volante, perigo constante” e também o meu próprio preconceito.

Os passageiros mais curiosos me perguntavam como foi que uma professora “graduada numa Universidade de renome como a UnB, que sabia mexer no computador e falava inglês, francês e japonês” tinha parado no volante de um táxi. No final do trajeto, os passageiros sensibilizados com a minha história, colocavam os seus serviços profissionais à minha disposição entregando-me um cartão de visitas. Tive acesso a vários profissionais das mais variadas áreas de formação, recorrendo-me à minha caixinha de cartões de visita.

Em torno de 1989 a 1990, participei de um Congresso Internacional de Informática na Educação, promovida pelo Ministério da Educação (MEC), com o objetivo de apresentar as primeiras ações de implantação da informática nas escolas do DF.

Contudo, foi dirigindo um táxi fazendo traslado de palestrantes nacionais e internacionais do congresso que conheci pessoalmente os mais renomados especialistas e pesquisadores, que até então, só conhecia de leitura.

A partir desse congresso, participei como voluntária nos traslados de inúmeros consultores do MEC, com destaque especial a José Armando Valente/UNICAMP e Léa da Cruz Fagundes/UFRGS que vinham com frequência para reuniões de trabalho no MEC e visitas de acompanhamento e avaliação dos projetos piloto com laboratório de informática no DF. As discussões e troca de ideias com os próprios autores

sobre aplicação de suas teorias na prática foram uma vivência única e transformadora de aprendizagem. É oportuno lembrar que na época não tínhamos internet.

Este foi o embrião do networking que fez toda a diferença na minha vida pessoal e profissional.





Carta de
Vera Lucia
Atsuko Suguri

Felicitações à UnB pelos seus
60 anos dedicados a formar
pessoas, tanto individualmente como
coletivamente com equidade e
responsabilidade na construção
da carreira profissional e desen-
volvimento pessoal

Vera Suguri
12/04/2022

Uma palavra em nome da equipe de organizadores

Por **Cristina** Flores Garcia

Colaborar com o projeto de extensão “Construindo uma universidade para todas as idades”, da Universidade de Brasília (UnB), proporcionou-me enxergar esta instituição sob óticas personalizadas.

Como entrevistadora, ouvi fatos inusitados, divertidos, reflexivos. Senti-me honrada com as histórias ricas, profundas e cheias de entusiasmo compartilhadas comigo.

O foco unânime foi na qualidade de conhecimento que a UnB promove. A admiração por Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira foi expressa em várias entrevistas.

Conheci também dores guardadas, motivo de recusas ao convite para participar do projeto. Isso me fez pensar se há mecanismos e espaço dentro da UnB para acolher quem se sente machucado, angustiado.

Sinto-me gratificada por ter contribuído para resgatar e eternizar a memória de profissionais que, ao longo das últimas seis décadas, ajudaram a fazer desta universidade uma referência de ensino superior.

Que estes relatos sirvam de inspiração, de exemplo para as futuras gerações que continuarão a escrever a história da UnB.



Sobre os organizadores



Leides Barroso Azevedo Moura

Professora Associada do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional do CEAM – UnB. Coordenadora do Grupo de Trabalho “Envelhecimento Saudável e Participativo” (GTESP) da DASU/DAC/UnB. Apaixonada pela temática do envelhecimento. Coordenadora do Projeto de Extensão de Ação Contínua. “Construindo uma universidade para todas as idades” e do Programa de Extensão “Envelhecimento Saudável e Participativo com cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde Coordenador”. Membro do Núcleo Executivo da Rede Brasileira de Universidades Promotoras de Saúde - ReBraUPS

leidesm74@gmail.com



Marisete Peralta Safons

Professora Doutora da Faculdade de Educação Física da UnB. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Física para Idosos (GEPAFI). Coordenadora do Projeto de Extensão de Exercícios Físicos para Idosos há 26 anos. Membro do Grupo de Trabalho Envelhecimento Saudável e Participativo. Coordenadora do Programa de Extensão “Envelhecimento Saudável e Participativo com cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde” e coordenadora executiva do Projeto de Extensão de Ação Contínua “Construindo uma universidade para todas as idades”

mari7@unb.br



Cristina Flores Garcia

Psicodramatista pedagógica. Biblioterapeuta. Educadora. Fotógrafa. Poetisa. Colaboradora em projetos de extensão universitária. Membro da equipe do Programa de Extensão “Envelhecimento Saudável e Participativo com cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde”

pastoralhumana@gmail.com



Nanahira de Rabelo e Sant'Anna

Internacionalista (IREL) com mestrado e doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (CEAM) pela UnB. Cientista da Computação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e especialista em Inteligência Estratégica pela Universidade Gama Filho (UGF). Analista em Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI). Trabalhos voluntários nos temas de juventudes e altas habilidades ou superdotação (AH/SD).

nanahira.rabelo@gmail.com



Gabriel Corrêa Borges

Acadêmico do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (FS-UnB) do Campus Darcy Ribeiro. Pesquisador do Projeto de Extensão Universitária Construindo uma Universidade para Todas as Idades. Participante da equipe do Programa de Extensão “Envelhecimento Saudável e Participativo com cidadania: UnB como Universidade Promotora de Saúde Coordenador” e do projeto UnB 60+: Pessoas Idosas & Ciência. Integrante voluntário de programas e atividades referentes ao envelhecer, ao ageísmo/idadismo e a importância das intervenções Intergeracionais.

gabriel.gcb0@gmail.com



Programa de Pós-Graduação em
Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação
Internacional - PPGDSCI CEAM UnB



UnB | FEF

UnB 60

ISBN: 978-65-998701-0-1

CD



9 786599 870101